

Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentl.ich

Folge 18

São Paulo, 3. Mai 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 15\$000, ganzjährig 30\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

Fracassou completamente a tentativa dos aliados de impedir o avanço das tropas germanicas na Noruega

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

34.a Semana.

kt. — Foi uma tarefa ardua — mas, afinal, succedida — desviar o serviço de informações anglo-francez, paulatinamente, de suas noticias sobre victorias phantasiadas que se pretendia ter alcançado nos primeiros combates na Noruega. Confessou-se, em parte pelo silencio e em parte com uma franqueza vacillante e um tanto envergonhado, tudo quanto não mais podia permanecer occulto. Por sua vez, os srs. Chamberlain e Churchill consideraram que eafar seria ouro e assim protelaram varias vezes suas declarações já por diversas vezes annunciadas e que girariam em torno da situação na Noruega. Como motivo, a Reuter allegou, de uma feita, accumulou de serviço. Emfim, Chamberlain deitou faloção em 30. 4., enquanto o discurso de Churchill continua no tinteiro. Compreendese isso, afinal de contas, pois uma empresa militar fracassada não se explica por meio de uma formula tão simples e alliviadora, como, por exemplo, a confusão de Narvik com Larvik.

Eutrementes a embriaguez e o jubilo provocados pelas „victorias“ converteram-se em Londres e Paris, mesmo no caso de uma analyse prudentissima das vozes, da imprensa, num profundo desapontamento, semo numa enjoativa resaca. O discurso do sr. von Ribbentrop, em 27. 4., contribuiu de sua parte, juntamente com a publicação de documentos secretos britannicos e noruegueses, para dilacerar antigas e novas teias de mentiras. As pessoas habituadas a raciocinar e que se não deixam perturbar pelo ruido da rua vão se tornando mais e mais pensativos, mesmo que se trate de partidarios apaixonados das potencias occidentaes, e lêem, cada vez mais frequentemente, de soslaio o noticiario de fonte allemã. A empresa norueguesa do sr. Churchill derrubou, sem duvida nenhuma, a venda a muitos neutros que andavam ás cegas, merecê de uma propaganda acintosamente orientada durante annos a fio.

De resto, as sovadisimas mentiras plenas de ameaças foram de novo cultivadas com particular carinho. E desta vez foi, sem duvida, a Suecia que teve de reconhecer, para grande pesar seu, que fóra convertida em foco centralizador dos euidados ardentes das tres conhecidas agencias de informações que enchem o mundo com o seu berreiro: Pega o ladrão!

A grita em torno da Suecia

Já desde o inicio da guerra que a Suecia figurava no ról dos „ameaçados“. Por diversas vezes o „perigo“ de ser assaltado pela Alemanha cresceu no decorrer destes ultimos mezes; de 20 a 27.4, porém, esse „perigo“ attingiu o auge, a julgar pelo que assoalham os irimigos da Alemanha. Foi isso (por acaso?) precisamente a época em que a Inglaterra mais sentiu a falta do auxilio sueco. Propalou a Havas, em 20.4, que teriam sido descobertas cellulass nacionaes-socialistas na Marinha sueca, e em 23.4, que a Suecia teria permitido (e ao mesmo tempo não teria permitido) a travessia de tropas allemãs pelo seu territorio. Em 24.4 Hitler pretendia apoderar-se das ilhas finlandezas de Aaland, afim de se servir dellas como base contra a Suecia (U. P.). No mesmissimo dia elle tinha de promptidão no minimo tres divisões no Mar Baltico para o assalto (U. P.). E já se annunciou ao mundo, que seria inevitavel o rompimento da guerra entre a Alemanha e a Suecia, frisando-se que se tratava apenas de uma questão de horas (U. P.). Esses telegrammas eram reforçados devidamente mediante titulos em letras garrafas. Verdade é que em 25.4 „não foram confirmados“ rumores em torno do desembarque de tropas allemãs na Suecia, mas era certo que transportes de tropas se encontravam em caminho (U. P., 25.4). O „Daily Express“ sahuiu-se com a novidade de que Hitler „dirigirá hoje ainda um ultimatum á Suecia em torno de questões economicas“ (H. 25.4). Naturalmente, o paiz ameaçado preparava, com todos os recursos, sua tarefa. Mesmo a Russia a escudaria das aggressões allemãs e outro tanto falaria tambem — ora, que duvida... — a Inglaterra, etc. E tudo isso foi publicado com todas as minucias, numa reedição monotonica e semsaborona, acompanhado de rijas indirectas dirigidas á Alemanha „avida de

(Continua na 2.a pag.)

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

34. Woche.

kt. — Schwer war es, doch es ist gelungen, nämlich dem englisch-französischen Naehrichtendienst, von den phantastischen Siegesmeldungen über die ersten Kämpfe um und in Norwegen langsam abzurücken. Teils schweigend, teils mit schamhaft zögernder Offenheit wurde zugestanden, was einfach nicht mehr zu verheinalichen war. Die Herren Chamberlain und Churchill ihrerseits hielten das Schweigen für Gold und schoben ihre angekündigten Erklärungen über die Lage in Norwegen mehrfach hinaus — wegen Arbeitsüberlastung, meldete Reuter einmal — und Chamberlain hat erst am 30. April gesprochen, Churchill aber bis heute noch nicht. Man begreift das, denn ein misslungenes kriegerisches Unternehmen lässt sich nicht leicht auf eine so einfache erlösende Formel bringen, wie etwa die von der Verwechslung Narviks mit Larvik.

Inzwischen ist aus dem Siegestaumel und dem Jubel in London und Paris selbst bei vorsichtigster Auslegung der vorliegenden Pressestimmen eine starke Enttäuschung erwachsen, wenn nicht gar ein Katzenjammer. Die Rede Herrn v. Ribbentrops vom 27. 4. hat zusammen mit der Veröffentlichung britischer und norwegischer Geheimakten das Ihrige dazu beigetragen, alte und neue Lügengewebe zu zerreißen. Und die Nachdenklichen, die sich nicht vom Lärm der Strasse verwirren lassen, werden immer nachdenklicher, selbst leidenschaftliche Parteigänger der Westmächte, und schielen häufiger in die deutschen Berichte hinein. Das norwegische Unternehmen Herrn Churchills hat zweifellos vielen Neutralen die Scheuklappen abgerissen, die ihnen eine jahrelange zielbewusste Propaganda angelegt hatte.

Im übrigen erfuhren die abgedroschenen Bedrohungs-lügen wieder eine besonders liebevolle Pflege, und diesmal musste zweifellos Schweden zu seiner eigenen Besorgnis erkennen, dass es im Mittelpunkt der brennenden Sorge jener drei bekannten Agenturen stand, die alle Welt mit ihrem Geschrei erfüllen: Haltet den Dieb!

Gefchrei um Schweden

Zu den „Bedrohten“ gehörte Schweden schon seit Beginn des Krieges. Mehrmals wuchs die „Gefahr“, vom Reiche überfallen zu werden, im Laufe der letzten Monate an, zwischen dem 20. und dem 27. 4. erreichte sie aber ihren Höhepunkt, wenn man den Feinden Deutschlands glauben dürfte. Das war — zufällig? — gerade die Zeit, in der England die schwedische Hilfe am schmerzlichsten entbehrte. Da wusste Havas am 20. 4., dass in der schwedischen Marine nationalsozialistische Zellen entdeckt worden seien, und am 23. 4., dass Schweden den Durchmarsch deutscher Truppen gestattet (und zugleich wieder nicht gestattet) habe. Am 24. 4. wollte Hitler sich der finnischen Aaland-Inseln als Stützpunkt gegen Schweden bemächtigen (U. P.), am selben Tage hatte er mindestens drei Divisionen zum Überfall an der Ostsee bereitgestellt (U. P.), und sofort war der Ausbruch des Krieges zwischen dem Reich und Schweden unvermeidlich und nur noch eine Frage von Stunden (U. P.). Überschriften im grössten Format gaben diesen Telegrammen den nötigen Nachdruck. Gerüchte von der vollzogenen Landung deutscher Truppen in Schweden wurden am 25. 4. zwar „nicht bestätigt“, aber Truppentransporte waren bestimmt unterwegs (U. P. 25. 4.), und „Daily Express“ wusste, dass Hitler „noch heute ein Ultimatum in Wirtschaftsfragen an Schweden schicken wird“ (H. 25. 4.). Natürlich bereitete das bedrohte Land mit allen Mitteln seine Verteidigung vor, auch Russland würde es gegen den deutschen Angriff schützen, selbstverständlich aber England, usw. mit vielen Einzelheiten in trockener Wiederholung und kräftigen Seitenhieben auf das „eroberungssüchtige“ Deutschland. Heute weiss jedermann, dass alles reine Erfindung war, selbst wenn er die schwedischen und deutschen Richtigstellungen im einzelnen gar nicht liest. Die beiden Länder haben sich nicht ändern zu Liebe in einen Bruderkrieg gestürzt, und Herr von Ribbentrop hat den Schweden mit deutlicher Bezugnahme auf diese Vorgänge ausdrücklich ihren ersten Willen zur Wahrung aufrechter Neutralität bezeugt. Damit dürfte das Geschrei um Schweden für einige Zeit verstummen, solange wenigstens, bis der jetzt misslun-

Berlin, 2. (T.-O.). — Supplemento do Boletim Militar do Estado Maior Allemão: As tropas allemãs que avançaram de Oslo sobre Drontheim souberam aproveitar as vantagens conseguidas e unificaram seus effectivos, dando caça ao inimigo, á breve distancia. As forças adversarias bateram em retirada, na direcção de Adalsnes. Uma columna allemã se encontra apenas a 40 kilometros dessa cidade. O inimigo bate-se desesperadamente, em poucos logares, afim de evitar que a retirada se converta em panico. Os allemãs venceram toda a resistência opposta á sua progressão. Os noruegueses renderam-se em grande parte. As columnas partidas de Oslo com direcção noroeste, conquistaram muito terreno, alcançando Sognefiord. Entre as tropas que partiram de Bergen, seguindo o eixo ferroviario, bem como as que precederam de Oslo, na direcção de Bergen, estabeleceram ligação entre ellas. O tunnel de cinco kilometros nas immediações de Myrda, foi tomado de assalto. Apesar da tenaz resistencia do inimigo, os allemãs conseguiram transportar o tunnel, proseguindo em sua offensiva após deixar sua bocca oriental. Os demais restos das tropas inimigas, acedados entre as columnas allemãs, abandonaram a resistencia. O numero de prisioneiros cresce constantemente nesse sector, acontecendo o mes-

mo com o material bellico capturado. Entre outros, cahiram em poder dos allemãs vinte e cinco morteiros-lança granadas, eente e vinte sete metralhadoras, varios milhares de fuzis, dez automoveis em bom estado, duas mil bicicletas, material rodante ferroviario em grande quantidade e viveres em abundancia. No sector de Valdres, a quantidade de prisioneiros e do material bellico capturado corresponde a uma quarta parte de uma divisão norueguesa, e consta de duzentos officiaes, trez mil e duzentos homens. Em resumo, pode-se afirmar que a parte mais importante da Noruega, comprehendida entre Steinkjer, Drontheim, Bergen, Stavanger, Kristiansand, Oslo e a fronteira sueca, se encontra em poder dos allemãs, com excepção de pequenos nucleos isolados sem importancia, que ainda resistem. As tropas allemãs actualmente iniciam um ataque contra a ultima resistencia inimiga, em torno de Adalsnes. Com as manobras de hontem, fracassou completamente a tentativa inimiga de impedir a progressão das tropas germanicas. Os combates em torno de Adalsnes não constituem problema militar de difficil solução. Na região de Narvik pouco ou nada ha para informar.

A aviação allemã atacou alli novamente e com éxito os navios inimigos.

Das sind Soldaten!

Ein Bericht vom siegreichen Vormarsch der deutschen Truppen in Norwegen

Berlin, 1. (T.-O.) — Die ungeheuren Schwierigkeiten, die sich dem deutschen Vormarsch auf dem zerklüfteten Gelände Norwegens entgegenstellen, lassen sich in einem Bericht eines Teilnehmers erkennen, der von mehreren deutschen Zeitungen wiedergegeben wird.

„Eine enge Strasse mit dauernden Windungen, zu beiden Seiten hochgetürmte Steilhänge, ein Fluss bildet gewöhnlich natürliche Anstauungen — dies ist die für Mittel- und Südnorwegen typische Landschaft. Vereiste Gewässer, tiefer Schnee, allerwärts hochsteigende Felsspitzen sind geeignete Stellen, den Weg zu sperren — und gegen all dies kämpft sich der deutsche Vormarsch durch. Unsere Abteilung stösst auf eine Barrikade von Blöcken in etwa 200 Metern Länge. Im rechten Abhang scheint sich ein feindliches MG eingenistet zu haben. Unsere MG-Abteilung schiebt sich vorsichtig links auf der Strasse vor, während eine Schützenabteilung rechts auf den Felsen kriecht, wobei tiefstes Schweigen beobachtet und jeder Baum, jeder Holzstoss umgangen wird, um den Feind in der Flanke zu greifen. Bis auf 150 Meter konnten sie sich dem Feind nähern, ohne dass dieser etwas merkte. Nun beginnt eine kurze Schiesserei. Wenig später ist das MG in Tätigkeit, dessen Garben den Feind nieder-mähen. Schnell ist der Widerstand desselben gebrochen und die Norweger verschwinden dank ihrer guten Kenntnisse des Geländes wie vom Erdboden verschluckt. Beim weiteren Vormarsch hört man dann eine starke Detonation und in kurzem sehen wir auch, wie grosse Steinblöcke die Strasse versperren. Die Norweger haben eine Felsspitze gesprengt, die nun mit Tonnen von Gestein die Strasse bedeckt. Dies gibt unseren Pionieren neue Arbeit, die mit unglaublicher Geschwindigkeit darangehen, eine schmale Gasse für die Lastwagen freizumachen. Jetzt fängt es auch noch zu regnen an, und der Regen mischt sich mit dem Schnee, so dass wir in kurzem bis auf den letzten Faden durchnässt sind. Zwi-

schen Lehmspritzern geht der Vormarsch weiter, bis feindlicher Widerstand in der linken Flanke beriekt wird.

Da es ausgeschlossen ist, den Wald in seiner ganzen Ausdehnung mit der Infanterie zu säubern, so werden Tanks eingesetzt, um den Feind in der Flanke zu fassen. Es scheint unmöglich zu sein, dass die Tanks über die schlüpfrigen Hänge mit starker Neigung, über Geröll hinweg, in die verwachsenen Wälder eindringen, doch die Geschicklichkeit ihrer Führer überwindet jedes Hindernis. In kühnem Angriff steigen sie geräuschvoll die Hänge an und dringen in den Wald ein. Auf und nieder, über ungläubliche Hindernisse hinweg, öffnen die Fahrer mit ausserordentlicher Sachkenntnis einen Weg durch den dichten Wald. Aus einer Hütte wird geschossen, was sogleich mit einer Garbe von Leuchtkugeln erwidert wird, die zwischen die Stämme fahren, wo der Feind sich verborgen hält. Nach-mals hält uns eine zerstörte Brücke auf, die über einen Sturzbach führte, dessen reissendes Wasser ihren harten Eispanzer schon durchbrachen. Im Eiswasser stehend legen die Pioniere den Belag für eine neue Brücke auf die Pfeiler. Kaum ist das Werk vollbracht, als auch schon die Kolonnen über die Brücke marschieren, die sich in verhängnisvoller Weise biegt. Gegen Mittag trifft die Vorhut in einem von den Bewohnern völlig verlassenem Dorf ein, denn die norwegischen Truppen haben ihnen Befehl zur Räumung gegeben. Ein Spähtrupp sucht eingehend Haus um Haus durch. Wenn kein Widerstand geleistet wird, dann bleibt alles, wie es war, doch wenn der Feind sich eingeschant haben sollte, dann wird dieser Widerstand mit der Waffe gebrochen. Weder Barrikaden, gesprengte Brücken, noch schützengrābendurchgezogene Dörfer waren imstande, den deutschen Vormarsch aufzuhalten. Sobald die Pioniere die Brücken wiederhergestellt hatten, war der Uebergang gesichert und die ständigen Nachschubkolonnen können den siegreichen Kolonnen folgen.“

gene Angriff auf die Ruhe und Sicherheit eines tüchtigen kleinen Volkes unter anderen Voraussetzungen mit genau denselben Mitteln wiederholt wird.

So wird's gemacht!

Wer Gelegenheit hat — und wer hätte sie nicht? — täglich die Meldungen der kriegführenden Staaten über den Kampf der Waffen und der Diplomatie zu vergleichen, ist sich der grundlegenden Unterschiede bewusst, die zwischen der deutschen und der deutschfeindlichen Berichterstattung bestehen. So zuverlässig die deutschen Angaben sind, so unzuverlässig sind die der Gegner Deutschlands, die ja bewusst die Lüge in den Dienst ihres Krieges gestellt haben und sich ihrer mit einem seltsamen Gemisch von Meisterschaft und Tölpel bedienen. Diese „Fürsten der Lüge“ bemühen sich nun im allgemeinen nur selten, die Wahrheit der deutschen Angaben über die kriegerischen Ereignisse anzuzweifeln, denn da würden sie am wenigsten Glauben finden. Gelegentlich wagen sie sich aber doch auf dieses Glatteis, und um zu zeigen, was sie da ihren Lesern bieten, sei folgendes Beispiel herausgegriffen. Ein ganz eifriger Held im Kampf gegen den „Nazismus“ schreibt da unter anderem zum Beweis für seine Behauptung, die deutschen Meldungen verdienten keinen Glauben: ein deutscher Bericht meldete den Fall Warschau sechs Wochen ehe er Ereignis wurde, und die betreffende Stelle konnte sich nicht entschliessen, ihre Falschmeldung zu dementieren. Der Schreiber solcher Zeilen muss mit einer besonders unwissenden Leserschaft rechnen, denn erstens hat der deutsche Wehrmachtsbericht über den 9. September, ebensowenig wie Feldmarschall Goering in seiner Rede vom gleichen Tage, nicht von „Falle Warschau“ gesprochen, sondern nur vom Eindringen der vordersten Teile beweglicher Truppen in die polnische Hauptstadt; zweitens konnte nichts dementiert werden, weil die Angabe den Tatsachen entspricht; drittens haben die folgenden Berichte des deutschen Oberkommandos genau erkennen lassen, wie die Kämpfe um Warschau sich weiter entwickelten, und schliesslich hat Warschau sich am 27. September bedingungslos ergeben. Das ist also der Tag des Falles von Warschau. Wenn nun aber wirklich der Fall der Stadt sechs Wochen vorher bekannt gegeben worden wäre, so wäre dieser Tag der 16. August gewesen! Der erwähnte Schreiber bedenkt also nicht, dass der polnische Krieg erst am 1. September begonnen hat oder setzt bei seinen Lesern voraus, dass ihnen auch das unbekannt ist. So wird's gemacht. So arbeiten die edlen Vorkämpfer für Treu und Glauben, für Demokratie und andere hohe Ideale der Menschheit.

Vergeblich abgesetzt

In dem Verleumdungsfeldzug gegen deutsche Politiker und Offiziere haben Havas und Gewährungsmänner, von denen einer Baum (!) heisst, es in der letzten Zeit besonders auf Admiral Raeder abgesehen. Schon am 27. 3. sollte er in Ungnade gefallen sein und am 20. 4. bestätigte sich angeblich alles frühere Gerede. Der Admiral war bestimmt verschwunden, seit Wochen nicht gesehen worden und seines Amtes enthoben. Ueber sein weiteres Schicksal wurden die „bestunterrichteten“ Vertrauensmänner von Havas und Baum sich allerdings nicht ganz einig. Er war entweder in der Magdeburger Zitadelle interniert, im Gefängnis von „Plaetzsa“ (?) bei Berlin, oder hingerichtet. (Was natürlich den Nazis am ersten zuzutrauen ist, den „Schlichtergesellen in dem Gemetzel, das heute Europa mit Blut befleckt“. Dieses geschmackvolle Zitat stammt übrigens nicht von Havas, sondern von einem Neutralen). Admiral Raeder erwiderte darauf, wie seine ähnlich verleumdeten Kameraden es früher getan haben: er schwieg zunächst und gab dann einem ausländischen Berichterstatte die Gelegenheit, ihn zu sehen und zu sprechen. Das geschah am 25. 4., und der Berichterstatte war ein Vertreter der United Press. Raeder lebt also noch, schmachtet nicht in der Magdeburger Zitadelle, ist noch im Amte und wird demnach auch wohl das Vertrauen des Führers nicht verloren haben. Ob aber Havas seine trüheren „Irrtümer“ herichtigt, nachdem sie einen so hohen Offizier vergeblich abgesetzt hat?

Minenfelder auf dem Papier

Man erinnere sich, in welcher marktschreierischer Weise in den Tagen nach dem 9. April verkündet wurde, dass die Alliierten grosse Minenfelder in der Nordsee, im Skagerrak, Kattegatt und selbst in der Ostsee gelegt und damit die deutschen Truppen in Norwegen von ihrer Heimat abgeschnitten und zur Vernichtung verurteilt hätten. Die Tatsachen haben diese Angaben inzwischen widerlegt, Admiral Raeder hat in einer Unterredung dargelegt, warum solch ein Unternehmen unmöglich war, und deutsche Truppen, Geschütze, Tanks, Munition werden auch ununterbrochen nach Norwegen geschickt, was die Engländer nunmehr selbst bezeugen. Aber es gibt Stellen, die an hunderteckig widerlegten Unwahrheiten stur festhalten, und wie ungeschickt die deutschfeindliche Propaganda dabei vorgeht, zeigt sich unter anderem wieder an dem folgenden Beispiel. Noch am 26. 4. wurde in einem hiesigen Blatt eine Karte von Skandinavien veröffentlicht, in deren Begleittext das Märchen von der Eroberung Narviks durch die Engländer am 9. April und von den Minenfeldern wieder auftaucht. Die Karte — übrigens aus der führenden französischen Zeitschrift „L'Illustration“ vom 20. 4. und in zweiundneunzig Tagen durch die Air France von Paris nach São Paulo gebracht —

stellt die Minenfelder von Borkum bis ins Kattegatt, von Bergen bis an die schwedische Grenze dar, quer in westöstlicher Richtung durch das Kattegatt und ebenso durch „Mer Baltique“ von Bornholm nach Osten. Da kommt kein Hering mehr durch, wenigstens nicht auf dieser wunderschönen Karte aus der „Illustration“, die ja auch einmal die Karte Herrn Reynauds vom künftigen Europa veröffentlicht hat —.

A Guerra das Falsidades

(Conclusão da 1.a pag.)

conquistas“. Hoje todo o mundo sabe, que essas historias todas não passavam de puras invenciones, mesmo sem se lerem, uma por uma, as rectificações suæcas e allemãs. A Allemanha e a Suecia não se deixaram precipitar numa guerra fratricida só para serem agradaveis aos outros. O sr. von Ribbentrop provou, de maneira expressiva, sob referencia directa a todas essas manobras, o desejo sincero da Suecia de conservar a todo o transe sua neutralidade. Com isso cessará por algum tempo o alarido em torno da Suecia, isto é, ao menos até que o ataque ora fraccassado á tranquillidade e segurança de um pequeno povo laborioso venha a repetir-se, sob outras premissas, com exactamente os mesmos recursos.

É assim que agem!

Quem tiver oportunidade — e quem não a terá porventura? — de confrontar, diariamente, as noticias dos Estados belligerantes sobre a luta das armas e da diplomacia, tem uma noção clara da distincção fundamental que existe entre o noticiario allemão e o dos seus inimigos. Tão merecedoras de credito quanto o são as informações allemãs, tão infundadas são as dos adversarios da Allemanha, os quaes puderam de caso pensado a mentira a serviço de sua guerra e que a manejam com uma curiosa confusão de mestria e estupidez. Esses „principes da mentira“ se empenham em geral mui raramente em pôr em duvida a verdade das informações allemãs sobre os successos militares, pois em tal caso teriam maior difficuldade em encontrar ouvidos credulos. De quando em vez, porém, elles se aventuram a pisar esse terreno escorregadio. Citemos o seguinte exemplo para provar o que neste particular offerecem aos seus leitores. Surgiu por ahi um heróe particularmente sagaz no combate ao „nazismo“ que escreve, entre outras, para provar sua affirmação, que as noticias allemãs não mereceriam fé. Diz esse esgrimista da penna, que o noticiario allemão teria contido a queda de Varsovia seis semanas antes de a mesma se tornar realidade e que as autoridades competentes não teriam sabido como decidir-se a desmentir essa noticia falsa. O autor de linhas dêsse naipe deve contar com um circulo de leitores particularmente ignorante, pois, em primeiro lugar, o boletim do Alto Commando Allemão, datado de 9 de setembro, bem como o marechal de campo Goering, que discursou naquella mesma data, não se referiram á „queda de Varsovia“, mas tão somente á entrada da vanguarda de tropas moveis na capital poloneza; em segundo lugar, nada pôde ser desmentido, visto que os dados correspondiam á realidade; em terceiro lugar, os comunicados posteriores do Estado Maior teuto deram a conhecer exactamente, como continuaram a desenvolver-se ulteriormente os combates em torno de Varsovia; e, finalmente, Varsovia capitulou, incondicionalmente, em 27 de setembro. Foi esse, por conseguinte, o dia da queda de Varsovia. Ora, se a rendição da cidade tivesse sido annunciada, de facto, com seis semanas de antecedencia, o dia do annunciado teria cahido em 16 de agosto! O solerte autor do anachronismo não se lembra, pelo que se vê, de que a guerra poloneza só começou em 1. de setembro, ou então elle presume que seus leitores ignorem tambem essa circumstancia. E' assim que age essa gente. E' assim que trabalham esses nobres defensores da lealdade e da fé, esses quebra-lanças pela democracia e outros altos ideacs da humanidade.

Alijado em vão

Na campanha de calumnias movida contra politicos e officiaes allemãs, a Havas e seus apañiguados, dos quaes um se chama Baum, visaram nestes ultimos tempos, com particular predilecção, a pessoa do almirante Raeder. Já em 27.3 elle teria cahido em desgraça e em 20.4 cuidou-se de confirmar todo disque-disque anterior. O almirante desaparecera com toda a certeza; ha semanas que não mais era visto; sem duvida fóra suspenso do seu cargo. Sobré o destino definitivo do almirante tudesco os rafeiros „bem informados“ da Havas e de Baum não estavam, em verdade, bem de accordo entre si. Diziam uns, que elle havia sido internado na cidade de Magdeburg, já outros sabiam, que elle fóra recolhido á prisão de „Plaetzsa“ (?) em Berlin, ainda outros affirmavam, que elle havia sido executado. (O que, naturalmente, é a primeira cousa que se deve esperar dos „nazis“, esses „magarefes da carnificina que ensanguenta hoje a Europa“ Seja dito de passagem, que esta citação de fino gosto não é originaria da Havas, mas pingou da penna de um neutro.) O almirante Raeder deu a isso a mesma resposta já anteriormente dada pelos seus camaradas igualmente calumniados: Conservou-se silencioso a principio e offereceu, a seguir, a um correspondente estrangeiro a oportunidade de entrevista-o. Foi o que se deu a 25.4, e por signal que esse jornalista foi um representante da United Press. Portanto, Raeder se encontra ainda entre os vivos, não está definhando num calabouço, exerce ainda

suas altas funcções na Marinha de Guerra allemã e não ha de ter perdido, pelo que vemos, a confiança de Hitler. Será que a Havas se abalará a rectificar seus „equivocos“ anteriores, depois que alijou de balde uma tão alta patente da Marinha allemã?

Campos de minas no papel

Todos se lembram ainda, com que espalhamento foi apregoado, nos dias posteriores a 9 de abril, que os aliados haviam semeado vastos campos de minas no Mar do Norte, no Skagerrak, no Kattegat e mesmo no Mar Baltico, tendo assim cortado as tropas allemãs na Noruega de sua Patria, as quaes estariam, consequentemente, condemnadas a ser exterminadas. Ora, os factos contestaram, entremettes, essas patranhas. O almirante Raeder explicou, no curso de uma conversação, os motivos por que uma empresa dêssea seria impossivel. Tanto assim, que tropas allemãs, canhões, carros de assalto, munições, etc. estão sendo enviados, ininterruptamente, para a Noruega, o que, aliás, é agora attestado pelos

Os Necrophagos

Pelo Professor Dr. Johann von Leers

Quem se lembrará, porventura, ainda do escandalo de madame Hanau? Tratava-se de uma judia parisiense, com direitos civis francezes então adquiridos em data recente, mulher essa que fundara toda uma longa série de empresas phantasticas. Para essas empresas ella lograra attrahir grande somma de capital sahido da pequena economia. Ao fallir, os francezes perderam todo seu dinheiro. Ficou constatado, entretanto, que não poucos parlamentares e politicos haviam participado da tranquibernia. Sabe alguém ainda do cheiro da „Bayonnaise“? Em Bayonne, o judcu Stavisky conseguira apoderar-se de uma grande casa de penhores, graças a toda sorte de trapaças. Dalli se ramificaram diversas casas de penhores que empenhavam em caixas economicas, cinco até seis vezes, os objectos dados em penhor. Ao estourar a cousa, verificou-se de novo, que numerosos politicos influentes haviam favorecido Stavisky, cujas relações se extendiam mesmo até aos gabinetes ministeriaes. Haverá alguém que se recorde ainda de Tannenapf? No anno passado, o judeu Tannenapf logrou, mancomunado com alguns irmãos de raça, apossar-se de varias empresas francezas productoras de filmes cinematographicos. A produção de filmes era mediocre, em compensação, porém, a produção de dividas era astronómica. No fim de contas, as victimas eram novamente operarios, empregados e credores francezos. O judeu Tannenapf, porém, encontrou vivo apoio por parte dos seus companheiros de raça.

O povo francez, esses camponezes rectos e laboriosos e esses operarios ordeiros e honestos tiveram de se habituar, nestes ultimos annos, a escandalos financeiros que se succediam a miudo. As falcatruas augmentavam cada vez mais na França. As fallencias e liquidações dos emigrados (judeus) somavam em 1932 ao todo 18,5%, em 1933 já eram 22,4% e em 1935 ascendiam mesmo a 25,5% do total das quebras.

Agora, porém, na guerra floresce o commercio dos judeus.

A alimentação da França está quasi que exclusivamente nas mãos dos judeus que vêm enriquecendo despidoradamente. O presidente da „Chambre Syndicale“ das corporações do commercio de trigo, farinha e moagem, a qual constitue o instituto de fiscalização official do abastecimento de pão da França, é o judeu Goldschmidt, um dos mais ricos commerciantes de cereaes da França; seu vicepresidente é o judeu Martin Bloch; o thesoureiro é o judeu Jacob Israel. Outros membros são o judeu André Cremieux (pertencente á antiga familia de receptadores judaicos Smerkopp, originaria da Hollanda), bem como os judeus Paul Levy, Louis Ullmann, Paul Etlin e Albert Simpère. O Javrador francez não se acha representado nessa organização. No verão passado, os especuladores de trigo judaicos espalharam, lá para fins da colheita, a noticia de que haviam sido fechados enormes compras de trigo na Argentina. Os preços do trigo francez sofreram então uma violenta baixa, o camponez francez teve de entregar seu trigo abaixo do valor real. Bastou, porém, que o trigo estivesse nas mãos dos mercadores de trigo judaicos para que nada mais se ouvisse falar nas grandes aquisições de trigo argentino, e os consumidores tiveram de pagar os preços ditados pelos açambarcadores. A comissão fiscalizadora de preços nenhuma providencia pôde tomar, e nem a tomará, de vez que ella conta com seis membros judaicos para espreitar, contra um presidente não-judeu!

Se os francezes tiverem de pagar os olhos da cara pelo carvão, se no inverno ora findante, que foi rigorosissimo, o carvão apenas pôde ser adquirido, nas cidades da França, „assim por trás“, e só contra pagamento de uma differença acima da tabella, a qual constituiu um fardo penoso para as mulheres que têm seus maridos no front, isso deve ser attribuido ao facto de que as mais importantes empresas carboníferas francezas se encontram nas mãos de judeus; As „Mines d'Ostricourt“ são controladas pelo judeu L. Javal; as „Mines de Vicoigne, Noeux et Drocourt“, pelo judeu Paul Weiss; „Minerals de Mokka el Hadid“ e a „Société du Djebel-

proprios inglézes. Existem, porém, espheras que se agarram obstinadamente a falsidades cem vezes contestadas. Vamos dar aqui mais um exemplo de como a propaganda hostile á Allemanha procede desageitadamente neste particular. Ainda em 26-4 foi publicado, numa folha local, um mappa da Escandinavia que trazia na respectiva legenda, em reedição, a historia da carochinha da conquista de Narvik pelos inglézes em 9 de abril, bem como a lenda dos campos de minas. A referida carta geographica — reproduzida da conhecida revista franceza „L'Illustration“, edição de 20-4, e trazida para São Paulo, de Paris, pela Air France, em dous dias e meio — mostra os campos de minas de Borkum, até ao Kattegatt, de Bergen até á fronteira da Suecia, através do Kattegatt em sentido oeste-leste, bem como através do „Mer Baltique“, de Bornholm em direcção leste. Tem-se a impressão de que allí não passa uma sardinha, pelo menos não no lindo mappa tomado de emprestimo á „L'Illustration“ que, como sabemos, tambem publicou a famosa carta geographica da Europa futura, de autoria do sr. Reynaud.

Djerissa“, pelos judeus Louis e David Beigbeder; as „Mines de potasse de Blodelsheim“, pelo judeu Raymond Beerr; as „Mines de potasse“, pelo judeu George Lévi; as „Mines Coframet“, por um tal Miraubaud, do grupo Rothschild; as „Mines de Nickel“, por Robert de Rothschild; e as „Mines de Peka-roya“, por Cahen d'Anvers.

Na comissão da industria bellica encontram-se os dous judeus Alphonse Fould (membros da antiga e famigerada familia de judeus aulicos Fuld) e Léon Levy, como representantes da industria siderurgica franceza.

Quem é que fornece os canhões ao Exercito francez? Naturalmente Léon Levy! Quem fornece os automoveis, os carros de assalto e os projecteis? O judeu automobilista Citroen! As mascaras contra gaz, que constituem um negocio da china, nestes dias dos nervosos alarmes anti-aéreos na França, são especialidade da „Société d'Etudes et de Construction du Matériel de Protection“. Os gazes toxicos são fornecidos pelos judeus Klotz (parente do famigerado ministro das Finanças Klotz que mais tarde foi parar na penitenciaría, por falcatruas), Mannheimer, Weill e Berr. Como grandes aproveitadores de guerra, encontram-se na industria de armamentos o conhecido instigador de guerra Goudchaud, bem como Aron, Cahen, Eiffel, Lehmann e Stern. A conhecida fabrica de automoveis „Latil“ é dominada conforme provam as „informações sobre a questão judaica“, datadas de 30 de dezembro de 1939, pelos judeus Blum, Georges Latil, Lazare Latil, Jean-Paul Levy, Amey, Fribourg, Fortoul, Korn, Pons e Weill.

Enquanto os soldados francezes têm de montar guarda ao longo da linha Maginot, no interesse da Inglaterra, os judeus vão ameahando, sem embaraços, lucros de guerra. Esta guerra offerece-lhes uma esplendida oportunidade para embolsar as riquezas da França. Ora, além de sua vingança contra a Allemanha, era esse um dos objectivos colimados pelos judeus, quando do desencadeamento desta guerra. Esses lucros oriundos da guerra já os fascinavam, ao resolver o IX congresso da famigerada „Liga contra o Antisemitismo“, do judeu Lecache, um dos instigadores de guerra da pior especie, no penúltimo outomno europeu: „Havemos de lutar com todas as nossas forças contra os accordos teuto-francezes, ou melhor, contra os accordos franco-hitleristas.“ Essa resolução foi tomada pelos judeus, quando o ministro do Exterior do Reich von Ribbentrop chegou a Paris e firmou com o governo francez um convenio sobre uma paz duradoura entre a Allemanha e a França. Com todo o despiandonor proprio de um judeu, que só em 1905 adquiriu os direitos de cidadão francez, Lecache escreveu naquella occasião: „Não toleramos que se tentem quaesquer aproximações franco-hitleristas e a isso nos oppomos com o direito que nos assiste como cidadãos francezes. Não podemos fazer uma politica de aproximação com Hitler...“. Clarissimo, pois do contrario os judeus não aufeririam esses lucros fabulosos com o fornecimento de armas! Os judeus estão se engordando com os cadaveres dos soldados francezes que tombam nesta guerra. A riqueza da França passa para as suas mãos. Enquanto os paes encanecidos do povo francez se encontram no front, os judeus jovens são reclamados para outros misteres e se acham impedidos; usam, quando muito, uma farda de serviços na retaguarda, têm, entretanto, as algebeiras repletas de dinheiro e perseguem as mulheres e filhas dos combatentes francezes. Enquanto o poilu julga defender a França de um adversario que nem sequer a aggride, o verdadeiro estrangeiro, o velho destruidor de povos, o judeu, já se encontra como conquistador em terras francezas, amealha enormes fortunas e rola nos leitos de um povo que é castigado pelos tribunaes, mesmo que faça apenas uma critica aos judeus, e que é lançado á fogueira da guerra, visto que os judeus querem dominar tambem a Allemanha.

A França tem apenas ainda dous caminhos a trilhar — o do exgotamento ou da revolução contra os judeus!

A Juventude em Marcha Der Marsch der Jugend

Em torno da inauguração do Estádio Municipal em S. Paulo

Zur Einweihung des Municipal-Stadions in São Paulo

O grande acontecimento de 27 de abril já pôde hoje ser considerado histórico. As horas solennes daquelle dia pleno de vibrações verdadeiramente empolgantes repercutem ainda no coração de todos aquelles que tiveram a ventura de assistir aos festejos. Os diários falaram detalhadamente, em extensa reportagem e com ricas illustrações, de inauguração da maior e mais bella praça de esportes não só do Brasil, mas de toda a America do Sul. Vemo-nos, pois, dispensados da missão de descrever, nesta columna, com u'a mera enumeração de factos, como se desenrolou o programma que teve uma execução realmente brilhante em todos os sentidos.

vada sobre o gramado verde, as leis da Nação em formação. Sim, em formação, pois o Brasil é ainda um paiz jovem que só em data recente cunhou a idéa estatal que se propoz combater toda avidez pelos prazeres inferiores, todo commodismo e todo materialismo egoista, afim de educar, dentro do Estado Novo, uma geração vigorosa, brava e patriótica. Não é uma suposição vã e vasia, nem uma illusão ou mesmo uma utopia, crer no exito dos esforços nacionalizadores de directrices seguras do Brasil. Embora o Estádio de São Paulo — em cuja inauguração os esportistas foram saudados pelos pavilhões de todos os paizes do mundo, ao lado da ban-

Heute ist das Geschehen des 27. April schon historisch. Aber die Weihstunden dieses von einem wahrhaft grossen Erlebnis erfüllten Tages klingen in den Herzen aller fort, die zum Fest gekommen waren. Die täglichen Zeitungen haben in Wort und Bild von der Eröffnung dieser grössten und schönsten Sportstätte nicht nur Brasiliens, sondern ganz Südamerikas ausführlich berichtet. Darum soll es nicht die Aufgabe dieser Zeilen sein, dass in jeder Weise glänzend durchgeführte Programm mit einer blossen Aufzählung von Tatsachen zu beschreiben.

Vielmehr liegt der höhere Sinn in der bewussten Verkettung dieses prachtvollen Aufmarsches der brasilianischen Jugend mit dem olympischen Gedanken. Man weiss, aus wie viel einzelnen Quellen, die meistens noch aus fernen Erdteilen kommen, der Bevölkerungsstrom dieses Landes gebildet wird. Kaum ein zweites Reich auf dieser Erde hat im Streben und Formen der nationalen Eigenart so viel Schwierigkeiten zu überwinden wie dieses ungeheure Gebiet vom Amazonas bis zu den argentinischen Pampas. Welche Idee sollte hier eine festere Brücke schlagen können als der Sport.

Wie diese zehntausend Männer und Frauen, Jungen und Mädchen im Gleichschritt hinter ihrer Vereinsfahne, aber auch im Gleichschritt hinter den leuchtenden Flaggen Brasiliens, unter beschwingten Marschklingen in die weite Bahn des Stadions einzogen, wie der Wind durch ihr dunkles und blondes Haar spielte und ihre lichtgekleideten Körper sich zu Kraft und Schönheit strafften, wie sie der Jubel und die Begeisterung der 60.000 auf den Rängen des Stadions umbrandede, wuchs über alles Trennende, über alles Unterschiedliche in Tradition und lebendiger Wesenart die Erkenntnis, dass diese Jugend wirklich Brasiliens Zukunft ist.

Aus diesen Sportkolonnen wird niemand mehr ausbrechen. Die dort marschierten, werden einmal über die Gemeinschaft auf dem grünen Rasen hinaus mit frohem Idealismus die Gesetze der im Werden begriffenen Nation erfüllen. Denn Brasilien ist ein junges Land und prägte erst in jüngster Zeit seine staatliche Idee, welche alle Genussucht und alle Bequemlichkeit, allen egoistischen Materialismus bekämpfen will, um dem „Estado Novo“ ein junges, hartes, vaterländisches Geschlecht zu erziehen. Es ist keine leere Annahme, keine Illusion oder gar Utopie, an einen Erfolg der zielklaren Nationalisierungs-

bemühungen Brasiliens zu glauben. Mag auch das Stadion in São Paulo, zu dessen Einweihung die Nationalflaggen aller Länder der Welt neben der Fahne mit den fünf Ringen die Sportler grüssten, als olympischer Ausdruck die rechte Einschätzung gefunden haben, so liegt der Sinn jener Weihstunde des Sportes in der mit erhobenem Arm gesprochenen Schwurformel der Zehntausend, die mit dem Ruf schloss: Brasil — Brasil — Brasil!

Dass dieser Ruf gerade aus dem einst partikularistischen São Paulo zum wolkenverhangenen Abendhimmel emporschlug, ist als ein bedeutsames Sinnbild festzuhalten. Birgt nicht dieser Staat Brasiliens ein Vielfaches des Einwanderernachwuchses anderer Staaten und ist hier nicht die Verschmelzung des Lebens und Strebens der Jugend mit dem Ideal der „Brasilidade“ am meisten fortgeschritten und gelungen? Diese Feststellung zu leugnen, hiesse den Marsch der Jugend verneinen, der doch in enger Tuchfühlung unter den Augen des Bundespräsidenten und der mit der Jugenderziehung beauftragten Männer, aber auch unter den Augen zahlreicher sachlich urteilender Ausländer stattgefunden hat, die inmitten der brasilianischen Bevölkerung und mit ihr leben und arbeiten und meistens ihre beste Kraft zum Fortschritt des Landes gespendet haben.

Wer erkennen wollte, konnte sehen, dass São Paulos wohl bisher grösste, sinnvollste und formvollendetste Veranstaltung eine hohe Mission barg. Das war bewusste Weckung nationaler Kräfte und Triebe. Das war ihre Leitung zu einem Forum, das seit Athen und Sparta durch die Jahrtausende nicht entwertet wurde und einen einzigartigen Appell an Charakter, Haltung und Bewährung offenbarte. Mit dieser planvollen Auffassung und Durchführung ihrer Aufgabe haben die Organisatoren der Einweihungsfeier in geschickter Weise und geradezu spielend die Lösung eines noch vor wenigen Jahren schier unlösbar erscheinenden Problems begonnen. Die Jugend São Paulos, die Jugend Brasiliens hat ihr Stadion bekommen. Kein Vereins-Sportfest wird künftighin mehr Massen bewegen, mehr Enthusiasmus auslösen, als eine Veranstaltung im Stadion. Es liegt dort, wo noch vor wenigen Jahren das Wasser einer Quelle durch das vergraste und versumpfte Gelände des Tales in Pacaembu' an der westlichen Stadtgrenze der Millionensiedlung floss...

ep.
*Aufnahmen: F. Christian



Vamos occupar-nos do sentido mais elevado da intima e consciente concatenação existente entre esse magnifico desfile da Juventude Brasileira e a idéa olympica. Sabe-se de quantas fontes isoladas—que, em geral, ainda fluem de continentes longínquos para estas plagas— se constitue a caudal da população deste Paiz. Difficilmente se encontrará outro Estado no globo que tenha de superar tantas difficuldades na aspiração de formar sua peculiaridade nacional, como se dá o caso em relação a esta enorme região que se estende do Amazonas aos pampas argentinos. A que outra idéa, a não ser a do esporte, esteria porventura fadado lançar ali uma ponte solida e inabalavel?

No momento em que aquelles dez mil homens e mulheres, rapazes e moças, penetraram na ampla pista do Estado, em marcha cadenciada, atrás do estandarte do respectivo clube ou gremio, mas tambem no mesmo passo rythmico, seguindo as cores luminosas do pavilhão nacional, ao som alado de u'a marcha; no momento em que o vento brincava com as cabelleiras escuras e louras e em que os corpos vestidos em cores alegres se apumavam de vigor e belleza; no momento em que o jubilo e o entusiasmo dos 60.000 espectadores, que se espalhavam pelo Estádio todo, envolveram os esportistas, agitantou-se acima de tudo que separa, acima de todas as distincções no dominio da tradição e dos caracteres peculiares, a consciencia de que essa juventude representa, de facto, o futuro do Brasil.

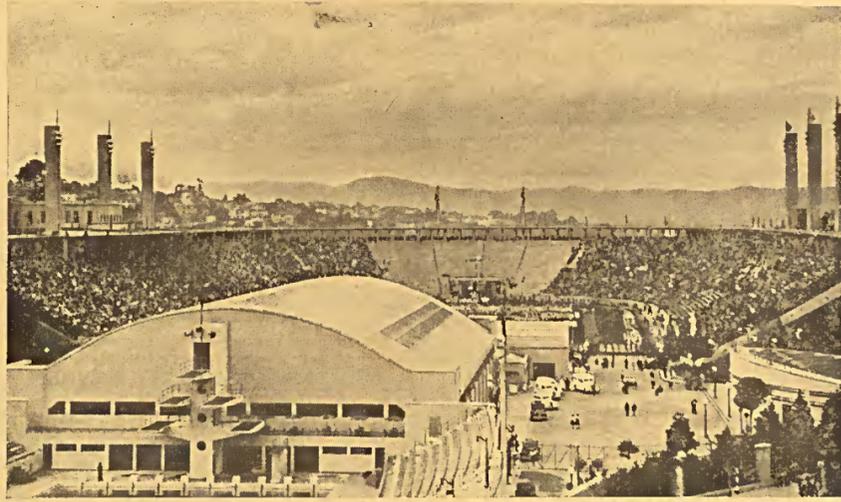
Dessas columnas de esportistas não mais haverá defecções. Todos aquelles que alli marcharam cumprirão amanhã, com um idealismo sadio, partindo da camaradagem culti-

dcira com os cinco annejs — tenha encontrado o devido apreço como expressão olympica, o sentido mais profundo daquelle hora solenne votada ao esporte se encontra no juramento final proferido pelos dez mil representantes da Juventude Brasileira, de levantar, e que terminou no brado olympico: Brasil — Brasil — Brasil!

Deve ser assignalado como symbolo de alta significação o facto de que esse brado se elevou á aboboda celeste coberta de nuvens precisamente em terras piratinianas outrora tão particularistas. Não se dará, porventura, que o Estado de São Paulo abriga, em confronto com outras unidades da Federação Brasileira, a maior proporção em elementos surgidos da massa de imigrantes que aqui aportaram? E não se dará tambem, que aqui se acha mais adeantado e mais proximo da realização o caldeamento da vida e da espiração da juventude com o ideal de brasilidade? Negar esta realidade equivaleria a negar a marcha da juventude, a qual se realizou bem proximo e sob os olhos do Presidente da Republica e dos homens encarregados da educação da mocidade, bem como deante dos olhos de um sem numero de estrangeiros que sabem julgar objectivamente, que convivem com o povo brasileiro e com este collaboram, tendo muitos delles empregado suas melhores energias em prol do progresso deste Paiz.

Quem quizesse ver de mente aberta, tinha de reconhecer, que o maior, o mais significativo e o mais completo espectáculo a que São Paulo jamais assistiu encerrava em si uma alta e nobre missão. Presenciámos o despertar consciente de forças e tendências nacionaes. Fomos testemunhas do encaminhamento destas para um Forum que desde Athenas e Esparta jamais perdeu seu valor através dos millenios e que sempre representou um appello sui-generis ao caracter, á attitude e á perseverança. Som essa comprehensão e realização, por planos predelineados, de sua tarefa, os organizadores dos festejos inaugurais derem inicio, de maneira habilissima e como que brincando, á solução de um problema que, ha poucos annos ainda, era considerado insolavel. A juventude de São Paulo, a juventude do Brasil possui agora o seu Estádio. Nenhuma festa esportiva desta ou daquelle associação movimentará, de futuro, mais massas, nem despertará maior entusiasmo, que uma competição no Estádio. Lá está elle, numa bacia em que, ha poucos annos ainda, escorria o filete de uma fonte a serpear entre a relva e um terreno pantanoso a se estenderem pelo valle do Pacaembu' na parte occidental desta colmeia bandeirante.

ep.



Staatsbesuch des Bundespräsidenten in São Paulo

São Paulo stand vom 26. bis 29. April im Zeichen des Staatsbesuches des Präsidenten der Republik, Herrn Dr. Getulio Vargas. Dieser Besuch fiel in die Tage, an denen sich zum zweitenmal die Uebernahme der Staatsleitung in São Paulo durch den Bundesintendanten, Herrn Dr. Adhemar de Barros, jährte. Es versteht sich von selbst, dass das Zusammentreffen dieser beiden wichtigen Ereignisse in der Landespresse ausführlich erörtert wurde. Ausser der Teilnahme an den Hauptveranstaltungen am 27. und 28. April, der Einweihung des Municipal-Stadions und der grossen Militärparade, hat der Bundespräsident ein sehr reichhaltiges Besuchsprogramm erledigt, das ausschliesslich der Orientierung und weiteren Förderung des Wirtschaftsaufbaus im hochindustriellen Staat São Paulo gewidmet war. Die Besichtigung fol-

gender Werke fand statt: Explosivstoff- und chemischen Werke in Cidade Nitro-Chimico in S. Miguel, Cia. Goodyear do Brasil, Moinho Santista in Belém, Fabrica de Papel Simão & Cia. und die Werke der Light and Power. In Agua Branca übergab Herr Dr. Getulio Vargas einen Kinderspielplatz seiner Bestimmung, in Mandaqui besichtigte er die Sanatorien „Leonor Mendes de Barros“ und das für die vom „Penfigo Foliaceo“ befallenen Kranken sowie das Hospital „Miguel Pereira“. Zwei grosse Banketts wurden dem Bundespräsidenten zu Ehren gegeben: im Trianon von sämtlichen Präfekten der Municipien São Paulos, das auch dem Bundesintendanten galt, und von dem Paulistaner Industrieverband und der Handelskammer. An- und Abreise des Bundespräsidenten erfolgten mit dem Flugzeug.

Winterartikel

neues Sortiment und niedrige Preise

Wollene Schlafdecken / Kamelhaardecken / Steppdecken / Wollmäntel für Damen und Kinder / Pullovers / Gestrickte Wollartikel / Woll-Schals / Flanelle / Unterwäsche / Babyartikel / Strümpfe

GROSSES SORTIMENT IN:
WOLLSTOFFEN
In allen Preislagen
Verlangen Sie Muster!

CASA LEMCKE

SÃO PAULO — Rua Libero Badaró 303
— SANTOS — Rua João Pessoa 45-47 —

Erklärung des Reichsaußenministers v. Ribbentrop zum Deutschen Weißbuch Nr. 4

Berlin, 27. (T.-O.) — Der Reichsaußenminister von Ribbentrop hielt vor den diplomatischen Vertretern der ausländischen Staaten sowie vor den Vertretern der Auslandspresse heute nachmittags die folgende Ansprache:

„Ew. Exzellenzen! Meine Herren Diplomaten und Vertreter der Auslandspresse! Ich habe Sie heute eingeladen, um Ihnen eine Reihe von Dokumenten politischer Art zu überreichen, die nach Ansicht der Reichsregierung von höchster Bedeutung für die öffentliche Weltmeinung und insbesondere für die Regierungen der neutralen Staaten sind. Im Namen der Reichsregierung habe ich hierzu die folgenden Erklärungen abzugeben:

Am 3. September erklärten die Regierungen Englands und Frankreichs dem Reich den Krieg, ohne hierfür einen vernünftigen Grund zu haben. Das deutsche Volk und sein Führer haben ständig seit dem Januar 1933 Beweise ihres Willens gegeben, in Frieden und Freundschaft mit dem englischen ebenso wie mit dem französischen Volke zu leben. Gerade unter diesen Umständen hat das deutsche Volk mit Entschlossenheit den Krieg angenommen, der ihm erklärt wurde. Die deutsche Nation wird mit allen ihren vereinten Kräften Widerstand leisten und den Plan der englisch-französischen Regierungen zu einem Nichts zerschmettern, das Reich verschwinden zu lassen, dem deutschen Volke seine politischen Rechte zu nehmen und es wirtschaftlich zu vernichten. Da man von vornherein erkannt hatte, dass es unnütz sein würde, einen direkten Angriff auf die Siegfriedlinie zu unternehmen, und nachdem der polnische Plan der Alliierten gescheitert war, haben die englischen und französischen Machthaber zuerst gegen Deutschland neue Angriffsmöglichkeiten gesucht. Aus diesem Grunde hat die politische und militärische Leitung der Westmächte die Ausweitung des Krieges zu einer beherrschenden Idee ihrer Kriegspolitik gemacht.

England und Frankreich versuchen demgemäß seit Anfang des Jahres mit allen Mitteln den Kriegsschauplatz auszuweiten und auf diesen neutrale Staaten herüberzuziehen. Die kleinen europäischen Länder scheinen ganz besonders Gegenstand der Aufmerksamkeit der englischen Machthaber gewesen zu sein, um ihre Völker als Hilfstruppen einzusetzen, um nach altenglischer Sitte das eigene Blut sparen zu können. Um propagandistisch diese Kriegsausweitungspolitik zu unternehmen, haben die englischen und französischen Politiker eine systematische Kampagne gegen das Prinzip der Neutralität an sich und gegen jeden Willen eines neutralen Staates, seine Neutralität zu bewahren und sich vom Kriege fernzuhalten, unternommen.

Am 21. Januar 1940 wurde in dieser Hinsicht der erste Schritt von Mr. Churchill in seiner Rede gegen die Neutralität und seine Aufforderung an die Neutralen unternommen, sich dem englisch-französischen Krieg gegen Deutschland anzuschließen. Seitdem hat in keiner Rede irgendeines englischen oder französischen Politikers die Aufforderung an die Neutralen gefehlt, am Kampfe teilzunehmen. Gelegentlich des Ueberfalles auf den deutschen Dampfer „Altmark“ in norwegischen Hoheitsgewässern erklärte Chamberlain, dieses sei nichts weiter gewesen als eine „technische Verletzung der Neutralität“. Am 27. Februar erklärte Mr. Churchill, er sei müde, über die Rechte der Neutralen nachzudenken. Am 20. März sagte der englische Kriegsminister Stanley, die Engländer verträten die Theorie, dass die Missachtung der Rechte der Neutralen ein grosser Vorteil sei. Am 30. März proklamierte Mr. Churchill, es sei recht, recht, wenn die Westmächte sich an die legalen Verträge im Kampfe auf Leben und Tod hielten. Am 5. April stellte Lord Delawar fest, dass weder Deutschland noch die Neutralen darauf vertrauen könnten, dass England sich das Recht entreissen liesse, frei über alles zu verfügen. Am 6. April 1940 erklärte der englische Arbeitsminister, dass weder Deutschland noch die Neutralen damit rechnen könnten, dass die Westmächte sich an den Buchstaben des internationalen Rechtes halten würden. Am 10. April 1940 warnte Lord Halifax die Neutralen, nicht allzu spät um Hilfe zu bitten, weil dies nur für sie selbst gefährlich werden könnte. Am 11. April drohte Ministerpräsident Reynaud, indem er erklärte, sie hätten allen Grund, jetzt über die Lage nachzudenken.

Während bis dahin die Äusserungen der englischen und französischen Politiker nur eine Aufforderung oder eine versteckte Drohung an die Neutralen waren, liess am 12. April der ehemalige Erste Lord der britischen Admiralität, Duff Cooper, vollkommen die Maske fallen und erklärte mit zynischer Offenheit: „Nachdem wir den Neutralen mit aller Deutlichkeit dargelegt haben, dass ihre eigene Freiheit und Unabhängigkeit auf dem Spiele stehen, müssen wir jetzt auch mit aller Offenheit sagen, was wir fordern und welche Rolle jeder einzelne von ihnen innerhalb der Allianz zur Vernichtung Deutschlands zu spielen hat. Wenn irgendeiner dieser Staaten etwa schwanken sollte, so werden wir in derartiger Weise vorgehen müssen, dass dieses Schwanken sofort aufhört.“

England und Frankreich haben in dem finnisch-russischen Konflikt die erste günstige Gelegenheit für ihr Kriegsausweitzungsziel gesehen. Am 12. März hat Herr Daladier öffentlich erklärt, dass am 10. März Mr. Chamberlain und er sich dahin geeinigt hätten, dass sie militärisch in den Konflikt eingreifen müssten und dass die Basis hierfür das Gebiet der nordischen Staaten sei, dass jedoch ihre Aktion von der Einwilligung der skandinavischen Staaten für den Einmarsch ihrer Truppen notwendig sei. Diese öffentliche Erklärung der Regierungschefs Englands und Frankreichs war offensichtlich falsch. Die Reichsregierung kennt den Bericht, den der finnische Minister in Paris mit dem Datum vom 12. März an seine Regierung sandte. In diesem Bericht sagt der Gesandte, dass Mr. Daladier und Mr. Churchill ihm das bestimmte Versprechen gegeben hätten, dass, sobald Finnland nur den Wunsch nach einer Hilfe aussprechen sollte, die englischen und französischen Truppen, die schon bereit ständen, abgeschickt werden und in Norwegen gelandet würden. Norwegen und Schweden werde einfach in einer Note der Durchmarsch der Truppen mitgeteilt werden, ohne dass man die Regierungen dieser beiden Länder um Genehmigung ersuchen würde.

Die diplomatischen Beziehungen Englands und Frankreichs mit der Sowjetunion würden in diesem Augenblick sofort abgebrochen werden. Wie aus dem Bericht hervorgeht, war Mr. Churchill am 11. März abends mit dem Flugzeug in Paris eingetroffen, um auf diese Weise im letzten Augenblick den Abschluss des russisch-finnischen Friedens zu verhindern. Ein anderer Beweis dafür, bis zu welchem Punkte schon damals in England und Frankreich die Intervention im Norden vorbereitet war, ist in einer grossen Zahl von Dokumenten zu finden, die den deutschen Truppen während ihrer Aktion in Norwegen in die Hände gefallen sind und von denen wir heute nur eine kleine Auswahl zur Veröffentlichung bringen.

Die in Narvik gefundenen Dokumente beispielsweise geben einen vollkommenen Ueberblick über die Tätigkeit, die in Norwegen der englische Secret Service längs der norwegischen Küste sowie in Oslo und anderen Städten im Innern Norwegens durchgeführt hat. Dort überall musste er auskundschaften und die Landung des britischen und französischen Expeditionskorps und die Besetzung Norwegens vorbereiten. Wir sehen hier, wie die Engländer im Geheimen mit einer wahrhaft erstaunlichen Systematik alle Einzelheiten für eine Landung geprüft haben und wir sehen auch den ganzen Rahmen der Organisation des Secret Service für Spionage sowie wie die norwegische Regierung im Grunde mit dieser ganzen Aktion sympathisierte, was noch näher zu erläutern sein wird.

Ein Bericht der französischen Marineattachés in Oslo vom 8. Februar, in dem gesagt wird, dass insgeheim alle notwendigen Erkundungen für eine Truppenlandung vorgenommen würden, wurde den lokalen norwegischen Behörden unter dem Vorwand zur Kenntnis gebracht, dass es sich um einen Transport nach Finnland handle, und dies zeigt, dass die Absichten der britischen und französischen Regierung für die Entsendung von Expeditionskorps nach Norwegen nicht etwa auf die Unterstützung Finnlands gegen Russland abzielten.

Während im Norden in aller Stille die englischen Vorbereitungen für eine Ausweitung des Kriegsschauplatzes gegen Deutschland getroffen wurden, enthüllte Mr. Churchill die wahren Absichten und Ziele in einer Reihe

unkluger Äusserungen, die der deutschen Regierung zu Kenntnis kamen.

Unter den Dokumenten, die heute veröffentlicht werden, befindet sich auch ein Bericht des norwegischen Gesandten an seine Regierung über eine Pressekonferenz, die Mr. Churchill in London am 2. Februar mit den Vertretern der neutralen Presse abhielt. In diesem Bericht heisst es, dass Mr. Churchill gegen Norwegen und Schweden tobte, dass das Eisenerz nicht nach Deutschland kommen dürfe, und daraufhin offen zugestand, dass das grösste Ziel sei, die skandinavischen Staaten in den Krieg hineinzuziehen, und dass die beste Art und Weise, dieses Ziel zu erreichen, sei, die skandinavischen Staaten auf die Seite Finnlands zu treiben.

Angesichts des umfangreichen Materials, das schon damals die Reichsregierung hatte und das inzwischen noch bedeutend vermehrt wurde, habe ich die folgende Erklärung abgegeben:

1. Aus allen Informationen und Dokumenten, die der Reichsregierung zu Kenntnis gekommen sind, ergibt sich ganz klar, dass die schwedische Regierung ihre Neutralitätserklärung vollkommen ernst genommen hat und in keinem Augenblick auch nur daran dachte, etwas zu unternehmen, was diese Neutralität verletzen könnte.

2. Die Reichsregierung muss feststellen und beweist es durch die Veröffentlichung der Dokumente, dass die ehemalige norwegische Regierung bereit war, nicht nur eine Kriegsausweitzungsaktion zu dulden, sondern notwendigenfalls auch aktiv an einer solchen teilzunehmen oder sie zu unterstützen.

Aus allen Dokumenten, insbesondere aus den jetzt von unseren Truppen in Norwegen gefundenen, ist unabwieslich festzustellen, dass die britische Spionage in Norwegen nicht nur mit absoluter Duldung seitens der norwegischen Lokal- und Zentralbehörden gearbeitet hat, sondern dass diese britische Tätigkeit von zahlreichen norwegischen Kreisen, insbesondere der Marine, unterstützt wurde. Ein Beweis dafür, dass die norwegische Regierung schon seit langem sich mit dem Gedanken vertraut gemacht hatte, in den Krieg einzutreten, notwendigfalls als Alliierte Englands und Frankreichs, findet sich in dem Bericht über die Kabinettsitzung vom 2. März unter dem Vorsitz des damaligen norwegischen Ministerpräsidenten Nygaardsvold. Mit offener Zynik erklärte der Minister Koht, wenn England den Wunsch äussern sollte, Norwegen gegen Russland Hilfe zu leisten, d. h. in Wirklichkeit eine Ausweitung des Krieges auf Norwegen, so müsse man das „Nein“ in einer derartigen Form sagen, dass es sich ohne Schwierigkeiten in ein „Ja“ umwandeln lassen könne, und Herr Koht hat hierzu noch die bezeichnende Begründung gegeben, dass, wenn Norwegen es nicht umgehen könne, in den Konflikt hineingerissen zu werden, die norwegische Regierung schon von vornherein eine Haltung annehmen müsse, um nicht auf der falschen Seite als Verbündeter in den Krieg einzutreten.

Als die Westmächte mit dem finnischen Frieden die verlockende Gelegenheit verloren hatten, sich im Norden einzumischen, versuchten sie sofort neue Mittel und Wege zu finden, um ihr Kriegsausweitzungsziel zu erreichen. Die ständigen Versuche Englands und Frankreichs, den Südosten Europas hineinzuziehen, die ständigen Sabotageversuche des englischen Secret Service in den verschiedensten Balkanländern, die Mobilisierung des Nah-Ost-Heeres Weygands usw. liegen auf der gleichen Linie. Um moralisch ihre eigene Niederlage zu rechtfertigen, haben die Machthaber in England und Frankreich nach dem Abschluss des russisch-finnischen Friedens, der für sie so unangenehm war, versucht, mit immer deutlicheren Worten Deutschland die angebliche Verletzung norwegischer Hoheitsgewässer vorzuwerfen. Unter den zahlreichen Presseartikeln, die hierüber veröffentlicht wurden, ist ein solcher des „Temps“ vom 27. März charakteristisch, in dem es heisst, dass in einer Zeit, in der die Vorbereitungen der Westmächte für die Besetzung Norwegens schon kurz vor dem Abschluss ständen, man bereits ruhig von einer systematischen Verletzung der norwegischen Hoheitsgewässer durch Deutschland sprechen könne, so dass also die Alliierten sich ermächtigt fühlen könnten, ihrerseits die Neutralität dieser Gewässer ebenfalls zu verletzen. Im gleichen Sinne

war auch eine Meldung der „Havas“ des gleichen Tages gehalten, in der es hiess, dass die Passivität den wahren Sinn der Neutralität fälsche und dass die Aktion der Alliierten sich darauf beschränke, das gestörte Gleichgewicht wieder herzustellen.

Die Auslegung, die diese Wiederherstellung des Gleichgewichtes haben musste, konnte die Reichsregierung aus einer Unterredung entnehmen, die wenige Tage darauf — am 30. März — der Präsident des französischen Ministerrats, Reynaud, mit einem ausländischen Diplomaten in Paris hatte. Der französische Ministerpräsident war so unklug, zu erklären, dass die Gefahrenmomente für den Westen und vor allem für den Süden schon nicht mehr beständen, schon aus dem Grunde, weil in den nächsten Tagen seitens der Alliierten wichtige und entscheidende Ereignisse für die neue Ordnung in Europa bevorständen. Diese Erklärung hat die Reichsregierung veranlasst, es für angemessen zu halten, sofort die bereits eingeleiteten Massnahmen zu vollenden und für alle Fälle den Alarmzustand zu sichern, um in jedem Augenblick eingreifen zu können.

Die drohende Gefahr nahm festere Gestalt an, als die Reichsregierung einige Tage vor dem 8. April von der Absicht der englischen und französischen Regierung erfuhr, die Souveränität der skandinavischen Hoheitsgewässer nicht mehr anzuerkennen, und daraufhin hatte dann der Führer sofort den Befehl erteilt, dass die deutsche Flotte ausliefe, um sofort einzugreifen, falls die Absichten verwirklicht werden sollten, von denen die Reichsregierung erfahren hatte. Die Minenlegung in norwegischen Hoheitsgewässern seitens Englands, die effektiv für den 8. April angekündigt worden war, wurde von der englischen Regierung bereits am Tage vorher vorgenommen, mit der Absicht, die norwegischen Gewässer für die deutsche Handelschiffahrt zu verschliessen. In Wirklichkeit aber wurden die Minen vor den norwegischen Häfen gelegt, um dem englischen Expeditionskorps, das sich in diesem Augenblick bereits auf der Nordsee unterwegs befand, die Sicherheit zu gewährleisten. Am 8. April nämlich waren die für die Besetzung von Stavanger, Bergen, Trondheim und Narvik bestimmten englischen Truppen bereits in englischen Häfen verladen und in Marsch gesetzt.

In diesem Augenblick, am 8. April, erhielt die britische Admiralität die Meldung von dem Auftreten deutscher Flottensreitkräfte in der Nordsee. Dieses Auftreten der deutschen Flotte, das als mit der geplanten Truppenlandung in Zusammenhang stehend erkannt wurde, veranlasste die britische Admiralität sofort, die Transportdampfer wieder zurückkehren zu lassen, und die englische Flotte versuchte, mit der deutschen Flotte in Kampfführung zu treten. Es gelang jedenfalls nicht, die Transporter nach den Bestimmungshäfen zu bringen, und einige derselben wurden überrascht und durch deutsche Bomber vernichtet.

Die am 9. April morgens durchgeführte deutsche Gegenaktion wurde infolgedessen gerade im rechten Augenblick durchgeführt, um das englisch-französische Landungsmanöver an der norwegischen Küste zum Scheitern zu bringen.

Als die Machthaber in England und Frankreich sahen, dass ihre Pläne zur Besetzung des skandinavischen Gebietes scheiterten, schickten sie ihre Hauptkräfte, Chamberlain, Churchill, Halifax und Reynaud, vor, die mit ihrer gewohnten Pathetik vor die öffentliche Meinung traten und die schwersten Anschuldigungen gegen das deutsche Vorgehen vorbrachten und kategorisch behaupteten, dass sie niemals die Absicht gehabt hätten, irgend etwas gegen die Souveränität Skandinaviens zu unternehmen, wenn man nicht eine Stellungnahme des britischen Premiers ausnehmen will, der vor dem Unterhaus in diesem Zusammenhang wörtlich erklärte: „Die deutsche Regierung behauptet, dass der Einmarsch in Norwegen eine Gegenmassnahme gegen die Aktion der Alliierten in norwegischen Gewässern ist. Selbstverständlich kann diese Erklärung niemanden irreführen. Die Alliierten haben niemals an eine Besetzung des skandinavischen Hoheitsgebietes gedacht, sofern dieses nicht von Deutschland angegriffen wird. Gegenteilige Behauptungen Deutschlands sind reine Erfindungen und durch die Tatsachen nicht erwiesen.“

Im Namen der deutschen Regierung jedoch, und vor allem im Namen der Wahrheit und des Rechtes möchte ich Ihnen, meine Herren, die Dokumente vorlegen, aus denen hervorgeht, dass die Erklärungen der englischen und französischen Machthaber nichts weiter sind als Lügen und Verleumdungen. Während in den letzten Tagen, meine Her-

ren, die Kriegsberichte unserer Feinde von siegreichen Kämpfen der Alliierten in der Gegend von Hamar und Elverum sprachen, fanden tatsächlich schwere Kämpfe statt, an denen auch Engländer teilnahmen. Bei diesen Kämpfen haben die deutschen Truppen die feindlichen Stellungen durchbrochen und die ihnen gegenüberstehenden englischen und norwegischen Einheiten zurückgeworfen, was schliesslich zu einer ungeordneten Flucht ausartete. Hierbei haben die deutschen Truppen in der Gegend von Lillehammer Gefangene gemacht, darunter auch den dortigen britischen Brigadestab und einen Teil des 8. Bataillons der Sherwood Foresters der 148. englischen Infanteriebrigade. Unter den Papieren des Brigadestabes sowie bei den Gefangenen, die in den siegreichen Kämpfen gemacht wurden, fanden sich auch die allgemeinen Operationspläne für die englische Besetzung Norwegens. Man entdeckte auch verschiedene Befehle des Brigadestabes und der diesem unterstellten Truppen. In diesen Befehlen, von denen die ersten heute veröffentlicht werden, zeigt sich, dass die englische Truppenlandung in allen ihren Einzelheiten vorbereitet war und dass der Befehl für die Landung des ersten Teiles des Expeditionskorps am 6. bzw. 7. April gegeben wurde. Unter diesen Befehlen befindet sich beispielsweise auch ein solcher des 8. Bataillons der Sherwood Foresters vom 7. April, der beweist, dass dieses Bataillon sich bereits an diesem Tage an Bord des Kreuzers „Glasgow“ auf dem Wege nach Norwegen be-

findet, um in Stavanger zu landen. Weiter ist daraus zu entnehmen, dass andere Teile dieser Truppen die Aufgabe hatten, sich sofort nach der Landung des Flughafens von Sola zu bemächtigen. Als man am 8. April die Nachricht erhielt, dass die deutsche Flotte ausgelaufen sei, wurden die Schiffe zurückbeordert und dieses Bataillon wieder ausgeladen.

Ich möchte nicht weiter hier auf diese Dokumente eingehen, deren Inhalt für sich selbst spricht, denn sie sind voll von einer grossen Zahl von Tagebuchblättern von englischen Offizieren und Soldaten sowie von Zugenaussagen britischer Gefangener. Die Reichsregierung wird mit einer Reihe jetzt begonnener Veröffentlichungen dokumentarisch beweisen, dass:

1. England und Frankreich schon seit langem die Besetzung Norwegens vorbereitet haben;
2. dass die norwegische Regierung hiervon Kenntnis hatte;
3. dass im Unterschied zu Schweden die norwegische Regierung sich auf das Abenteurer eingelassen hatte, in den Krieg einzutreten, und zwar an der Seite Englands und Frankreichs und dass
4. nur der schnelle Eingriff Deutschlands mit einer kurzen Zeitspanne den britischen Versuch zum Scheitern bringen konnte und dass letzten Endes
5. die später von den Engländern und Franzosen abgegebenen Erklärungen reine Lügen waren."

Deutsches Weissbuch über Norwegen

Berlin, 27. (T.-O.) — Der Text der Dokumente des norwegischen Aussenministeriums, die in Oslo aufgefunden wurden und in dem Weissbuche Nr. 4 zusammengefasst sind, ist folgender:

1. DOKUMENT

Aussenministerium, Oslo, 17. Februar 1940. Streng vertraulich. Zusammenarbeit zwischen Finnland und England — Die Haltung Norwegens.

Herr Staatsminister. — Ich habe die Ehre, Ihnen mitzuteilen, dass die Gesandtschaft in Stockholm am 16. d. M. vertraulich folgendes mitgeteilt hat: — Oberst Bratt hat mir aus zweiter Hand mitgeteilt, dass man für morgen den Abschluss eines Abkommens zwischen England und Finnland erwarte. Man vermutet, dass die englische Vorbedingung darin besteht, dass gleichzeitig Truppen in Bergen, Drontheim und Narvik ausgeschifft werden. Man glaubt, dass Churchill diesen Plan angesichts der Eisverhältnisse im Oresund und der Schwierigkeiten für einen grossen Teil des deutschen Geschwaders, den Weg zu öffnen, so bald wie möglich durchführen möchte.

2. DOKUMENT

Aussenministerium, Oslo, 17. Februar. — Streng vertraulich.

Herr Staatsminister. Ich habe die Ehre, Ihnen zur Kenntnis zu bringen, dass eine vertrauliche Mitteilung der Gesandtschaft in Stockholm vom 17. d. M. folgendes besagt: Nach einer heutigen Erklärung im schwedischen Aussenministerium hat sich in bezug auf die Umstände der letzten Zeit nichts Neues ereignet, d. h. Finnland hält militärische Hilfe für notwendig und auf schwedischer Seite wünscht man die Hilfe durch Freiwillige zu verstärken, jedoch unter Beibehaltung der Neutralität. Für den Aussenminister: (A.) O. Ostrup."

3. DOKUMENT

Resumé der Beratung der norwegischen Regierung am 2. März, um 18 Uhr:

Der Aussenminister teilte mit, der englische Gesandte habe heute um 15 Uhr (mitgeteilt, dass die Alliierten Truppen zur Unterstützung Finnlands schicken wollen und dass die Truppen in diesem Falle durch Norwegen und Schweden transportiert werden müssten. Diese Mitteilung hatte provisorischen Charakter. Es sollte eine formale Mitteilung folgen, worin um die Durchmarscherlaubnis gebeten wird, nachdem von hier aus eine provisorische Antwort erteilt wurde. Der Aussenminister erwiderte, dass die Frage zuerst durch die Regierung geprüft und in der Kommission für äussere Angelegenheiten beraten werden müsse. Dann müsse sie dem „Storting“ unterbreitet werden, denn ohne dessen Erlaubnis dürften ausländische Truppen nicht durchgelassen werden. Auch der französische Gesandte besuchte den Aussenminister und teilte mit, dass seine Regierung das englische Gesuch unterstütze. Der Aussenminister beriet mit dem schwedischen Aussenminister, und ein Staatssekretär wird heute abend nach Stockholm abreisen, um den Standpunkt der schwedischen Regierung in dieser Frage zu erfahren und über die Form, wie das Gesuch der englischen Regierung zu beantworten sei, zu beraten. Der Aussenminister legte einen Entwurf für die Antwort an England vor. In dieser Antwort wird die neutrale Stellung der norwegischen Regierung bestätigt und erklärt, dass das Land sich freiwillig nicht in den europäischen Krieg einmischen und nicht gestatten könne, dass es zum Kriegsschauplatz der Grossmächte werde. Das Staatsministerium billigte den Wortlaut der Antwort. Wenn aber trotzdem englische und französische Truppen kämen, sollen wir uns darauf beschränken

zu protestieren, oder sollen wir Massnahmen treffen, um den Durchmarsch zu verhindern?

Der Minister Koht war der Meinung wir müssten uns auf einen Protest beschränken und so verfahren, dass wir nicht auf die falsche Seite fallen, wenn wir in den Krieg eintreten, für den Fall, dass wir nicht verhindern können, darin verwickelt zu werden. Minister Torp meinte, wir müssten daran denken, was später geschehen könnte. Wenn England keine Hilfe für Finnland durch Schweden schickt und Norwegen gegen den Durchmarsch protestiert, was wird dann geschehen? Wäre es nicht möglich, dass es sich um ein politisches Manöver handelt, um Schweden und Norwegen für die Niederlage Finnlands verantwortlich zu machen? Herr Bull dürfte nicht mit einem bereits festgelegten Standpunkte abreisen. Wir wollen erst am Montag einen endgültigen Beschluss fassen. Minister Koht erwiderte: „Ich stimme zu. Wenn Schweden mithilft, können wir diese Aktion nicht vermeiden.“ Der Minister Hundball warf ein: „Der Staatsminister versteht die Sache so, dass, wenn Herr Bull reist, er den Standpunkt der norwegischen Regierung mitteilen müsse, natürlich nur, um darüber mit der schwedischen Regierung zu beraten. Es wird jetzt vom Frieden gesprochen, und es ist sicher etwas Wahres daran, denn die Gerüchte der letzten Tage waren bestimmter. Wir haben es hier vielleicht mit diplomatischer Taktik zu tun, um zu verhindern, dass der russisch-finnische Frieden geschlossen wird, und vielleicht mit einem Versuche, die Front der Alliierten auszudehnen. Wenn wir uns in dieses Spiel verwickeln liessen, hätten wir den Krieg mit Deutschland und Russland. Ich bin der Meinung, dass wir „Nein“ antworten sollten, selbst wenn Schweden sich entschliesen sollte, „Ja“ zu sagen. Die Lage Schwedens ist unsicher, und man könnte sich wohl vorstellen, dass es „Ja“ sagt. Wir müssen aber die Frage nochmals prüfen, wenn Bull am Montag zurückkehrt. Dann müssen wir sie auch mit dem „Storting“ beraten. Minister Torp teilte darauf mit, dass Plum in der Versammlung der Internationale erklärt habe, Frankreich habe Truppen für Finnland bereitgestellt, nachdem die finnische Regierung befragt worden war. Ausserdem sei eine Million norwegische Kronen gekauft worden, um die Versorgung dieser Truppen sicherzustellen. Blum erklärte, dass dies der Standpunkt des Senates sei. Wir müssen uns die Möglichkeit offen halten, am Montag „Ja“ zu antworten, wenn wir jetzt auch „Nein“ sagen, obwohl Schweden „Ja“ sagen könnte. Eine so wichtige Frage müsste von der Zentralkommission beraten werden, ehe sie an die Kommission für äussere Angelegenheiten gelangt.“

Aussenminister Koht sagte: „Wir müssen Schweden unseren Gesichtspunkt mitteilen, aber uns die Möglichkeit vorbehalten, mit Schweden zu gehen, wenn dieses dem englischen Gesuche nachkommt. Man sagt, dass die französische Regierung gefährdet würde, wenn die nordischen Regierungen ablehnend antworten sollten. In bezug auf die Friedensgerüchte weiss ich, dass in der finnischen Regierung zwei Richtungen bestehen, von welchen eine dafür ist, dass Finnland den Frieden auf Grund der russischen Forderungen schliessen sollte. Wahrscheinlich würde Russland einen Schritt der nordischen Länder für den Frieden günstig aufnehmen, nicht aber einen deutschen Schritt in diesem Sinne. Minister Koht teilte darauf mit, dass, wenn Schweden ablehnend antwortete, dies geschehe, um nicht in den Krieg der Grossmächte verwickelt zu werden.

Der Minister Ljungberg gab der Meinung Ausdruck, dass, wenn Schweden zustimmend antwortete, Norwegen dasselbe tun müsse. Er fügte hinzu, die politische Lage in Italien sei gespannt, und Norwegen müsse darauf vorbe-

reitet sein, dass es nicht unbegrenzt mit Kriegslieferungen dieses Landes rechnen kann.

Dann sprach der Minister Hjeltnes, der erklärte: Der Staatssekretär ist Ueberbringer des Gesichtspunktes der norwegischen Regierung, über den mit der schwedischen Regierung beraten werden soll. Wir müssen auf unserem Standpunkte verharren: Gemeinsames Vorgehen, aber freie Hand, um am Montag eine endgültige Stellung einzunehmen. Im übrigen bin ich mit dem Staatsminister einverstanden."

Darauf erklärte der Minister Wold: Wir müssen eine eigene Entscheidung treffen, nachdem wir mit Schweden verhandelt haben. Der Staatsminister hat erklärt, dass unser Standpunkt während der morgigen Verhandlungen in Stockholm klar dargelegt werden müsse. Der Staatsminister habe telefonisch mit dem Präsidenten der Kommission für äussere Angelegenheiten über die Angelegenheit gesprochen, denn die Regierung halte es für durchaus notwendig, diese Kommission über die Lage zu unterrichten. Hambro erwiderte, dass er die Möglichkeit erwäge, die Kommission auf den folgenden Tag einzuberufen.

Das Protokoll wurde durch den Staatsrat Mjufsnfeite aufgenommen. Persönlich möchte ich hinzufügen, dass der Beschluss, auf das englische Gesuch mit „Nein“ zu antworten, einstimmig gefasst wurde. Die Voraussetzung aber war, dass die Frage abermals geprüft werden sollte, falls Schweden unerwarteterweise „Ja“ antworten sollte. Ich muss auch sagen, dass einige Mitglieder der Regierung aktivistische Ideen hatten: Wir müssten militärisch teilnehmen, um Finnland zu retten, und mit ihm Norwegen.“ Ich erklärte entschieden, dass ich diese Meinung nicht teile und betonte, dass das Land, solange ich Staatsminister sei, nicht freiwillig in den Krieg eintrete.

P. S. — Am Sonntag, dem 3./März, teilte Staatsminister Bull von Stockholm mit, dass Schweden bereits am Samstagabend ablehnend geantwortet habe. (A.) Nygaardsvold."

4. DOKUMENT

„Ministerium des Auswärtigen, Oslo, 15. Februar 1940. — Zwei Anlagen. — Streng geheim. Die Neutralität der nordischen Staaten. Aeusserungen des englischen Marine-Ministers.

Herr Minister. Ich habe die Ehre, Ihnen zur Kenntnisnahme ergänzend eine Abschrift des streng vertraulichen Dokuments unserer Gesandtschaft in London vom 5. ds. zu übermitteln (Nr. 372). Für den Minister des Auswärtigen (gez.) Tostrup. — Abschrift. — Königlich Norwegische Botschaft, London, 5. Februar 1940. Nr. 372. Eine streng geheime Anlage. Mitteilung des Presse-Bearbeiters der Gesandtschaft: Churchill. An das Ministerium für Auswärtige Angelegenheiten. Anschliessend übermittle ich Abschrift eines vom 2. Februar datierten, an mich gerichteten Briefes des Herrn Martinsen. Herr Martinsen hatte mir vorher berichtet, dass er mit anderen Journalisten zu einem Lunch geladen war, um sich mit Churchill zu treffen. Wir kamen überein, dass er mit Vorsicht handeln müsste, was er zweifellos getan hat. (gez.) Erik Colban.

(von Martinsen) 2. Februar 1940. Direktion für Dokumente. Geheim, 59. An Herrn Minister Colban. Journalisten aller europäischen Länder waren bei dem Frühstück anwesend, dass Frau Philip Moore heute Herrn Churchill gab. Der Minister sprach bei dieser Gelegenheit, um zu erklären, er sei unangenehm berührt durch die Art, wie seine Reden ausgelegt worden seien, nämlich als Ratschläge an die Neutralen. Der Minister schloss mit dem Vorschlag, Norwegen und Schweden müssten Finnland offen helfen. Stattdessen ersuchten sie über ihre Gesandten in London darum, dass diese Hilfe nach einem bestimmten, geheimgehaltenen Punkt gerichtet würde, was noch erwogen werde.

Ich erlaube mir, die Unterhaltung zu erwähnen, die ich während des halbstündigen Wartens auf Herrn Churchill mit seinem Vorgänger im letzten Labour-Kabinett, Mr. Alexander, hatte, der versprochen hatte, im Unterhause und in Konferenzen in der Admiralität dafür zu sorgen, dass wir Unterstützung erhielten. Er war vollkommen auf dem Laufenden über die Kleinlichkeit des Ministeriums für Wirtschaftskrieg und über alle Schwierigkeiten, die er spasshaft fand und ins Lächerliche zog. Wir müssten, sagte Mr. Alexander, deswegen keine Angst haben.

Im Laufe der Gespräche zeigte Herr Churchill sich sehr verärgert über die Aufnahme, die seine berühmte Rede bei den Neutralen gefunden hat. Aber er verstand durchaus unsere Zurückhaltung und dass wir uns so wenig bereit zeigten. Ich griff ein, um ihm zu sagen, wir seien nicht weiter, als England selbst in den Tagen von München; auf diese meine Worte lächelte Herr Churchill bitter. Er sprach dauernd gegen Norwegen und Schweden, besonders gegen Schweden (Dänemark hatte er schon ausgeschlossen, da es nicht konvenierte, dieses zu verteidigen. Dazu sagte er offen: früher oder später würde es von Deutschland genommen werden).

Das schwedische Erz dürfte nicht mehr nach Deutschland gehen, sagte er und stellte fest, dass es von Narvik innerhalb der Dreimeilenzone gehe, weshalb er heftige Worte gegen Norwegen gebrauchte. Endlich nannte Churchill die Namen dreier Schiffe, die nach ihm innerhalb der Dreimeilenzone torpediert worden seien. Ich musste erneut eingreifen und erklären, der norwegische Aussenminister habe im Storting nachgewiesen, dass die drei genannten Schiffe nicht torpediert worden und dass zwei von ihnen ausserhalb der Dreimeilenzone gesunken seien. Er sagte, nichts von dieser Information des Aussenministers zu wissen. (Ich habe über diese Frage eine schriftliche Mitteilung an den „Daily Herald“ gerichtet, da das Blatt mich seinerzeit darum ersuchte. Aber jetzt druckt es diesen Brief nicht ab, und es wird weiterhin behauptet,

dass die drei Schiffe in unseren Hoheitsgewässern torpediert worden seien).

Churchill wünscht, dass die Petroleumlieferungen Rumäniens eingestellt würden, gab aber zu, dass dies sehr schwierig sei. Danach äusserte er sich wütend über das schwedische Eisen und erklärte, an dem Tage, an dem man die Eisentransporte verhindere, werde Stockholm bombardiert werden. Dies sagte er in zynischem Tone. Nachdem er sich so dann einen Augenblick gesetzt hatte, sagte er, dass er mit mir darin einer Meinung sei, dass die nordischen Staatsmänner es sich gründlich überlegen müssten, ehe sie Land und Volk ins Unglück stürzen. Churchill stimmte mit Herrn Alexander weiter darin überein, dass die beste Art, uns in den Krieg zu reissen, was das hauptsächlichste Ziel darstellte, dies sein würde, uns auf die Seite Finnlands zu bringen. Er bezeichnete die Hilfe für Finnland als äusserst wichtig, sagte aber, dass die Alliierten nur indirekt handeln könnten. Anders wäre es allerdings, wenn die norwegischen Fjorde bedroht würden, was die Intervention der englischen Flotte zur Folge haben würde. Truppen jedoch würde England nicht schicken können, da es sehr schwer sei, die Deutschen zu überwinden.

Churchill wiederholte mehrmals, dass der Krieg länger dauern werde, als man anfangs annahm. Je mehr er sprach — und seine Worte spiegelten Unkenntnis und Mangel an Informationen wider — umso stärker war der Eindruck, dass die von Norwegen und Schweden verfolgte Politik richtig sei. Es kann sein, dass sich, was das schwedische Eisen betrifft, Schwierigkeiten ergeben. Die Schweden sagen, dass man die Bedeutung dieser Erze übertreibe und dass die Deutschen in ihren Nachbarländern ebenfalls Eisenvorkommen haben, sodass sie auch ohne das schwedische Erz auskommen könnten. Churchill meinte, dass die Schweden Deutschland mitteilen müssten, dass sie unglücklicherweise ihre Eisenlieferungen infolge der finnischen Frage einstellen müssten, da der Norden also seine Erze selbst brauche. Es würde also nicht möglich sein, weiterhin Eisen ans Reich zu liefern. Churchill ersuchte uns um die Abgabe des Versprechens, dass kein mit Eisen beladener Dampfer von Narvik aus in unseren Hoheitsgewässern fahren würde. Durch unseren Gesandten in London sollten wir zum Ausgleich dafür unsere Forderungen überreichen. Er selbst würde dafür sorgen, dass wir nicht im Stich gelassen würden. Er sagte auch, er glaube, dass die norwegische Souveränität durch England garantiert sei (was ich allerdings berichtigend musste) und fügte hinzu, dass er sich nicht an den Gedanken gewöhnen könne, dass jemand an unserer Küste Fuss fassc. Zynisch fuhr er dann fort, es wäre zu wünschen, dass wir das eine oder andere Mal mit der anderen Seite zusammenarbeiteten, um in Erfahrung zu bringen, welche strategischen Stützpunkte die Deutschen brauchten. Nach diesem hässlichen Vorschlag schwieg er einige Zeit. Sodann erklärte er erneut, dass er die Schwierigkeiten der Neutralen verstehe und führte die Gründe an, weshalb die Alliierten siegen müssten. Er sagte, dass die Deutschen während der Kaiserzeit viel stärker waren und dass die Unsicherheit in Deutschland um sich greife, dass aber alles Zeit brauche. Er schilderte schliesslich meisterhaft auch die Grausamkeiten der Deutschen zur See und meinte, dies seien Zeichen der Schwäche. Er sprach die Ueberzeugung aus, dass die Amerikaner zur Garantierung des Friedens mitarbeiten und auch zur Lösung der wirtschaftlichen Probleme beitragen würden, sobald der Krieg beendet wäre. Immerhin sollten Norwegen und Schweden sich darüber einigen, welche Politik sie im Falle eines Krieges verfolgen wollten sowie darüber, was sie benötigten und welche Hilfe sie brauchten. Er sagte endlich, dass die Angelegenheit von den nordischen Gesandten in London behandelt werden sollte, und das je eher desto besser. Dies letzte betonte er mehrmals. Ihr ergebener (gez.) Martinsen."

5. DOKUMENT

„7. April 1940. — Geheimnummer.

The Sherwood Foresters. — Operationsbefehl. 1. Allgemeines Ziel. Dieses besteht darin, in 512, 547 und 548 Truppen zu landen und diese Häfen zu besetzen, um zu verhindern, dass dieselben von den Deutschen besetzt werden. Es ist zu vermuten, dass unsere Hilfsaktion von der Bevölkerung günstig aufgenommen wird. Wer darüber zu entscheiden hat, ob wir zu Land gehen oder nicht, ist jedoch die Königliche Marine.

2. Das Ziel in 547 besteht darin, Truppen zu landen und gemäss den Anweisungen der Königlichen Marine folgende Plätze in Verteidigungsbereitschaft zu setzen: a) Hafen und Kai, b) der Flughafen von Sola, c) die Aeronautische Station anderthalb Meilen nördlich von Sola;

3. Mögliche Haltung des Feindes. Im ersten Augenblick muss man vor allem mit dem Widerstand der feindlichen Luftstreitkräfte rechnen. Dieser Widerstand kann sich während der Truppenlandung zeigen. In diesem Falle wird die Königliche Marine die Ausschiffung schützen. Wenn die Truppen gelandet sind, werden sie jedoch selbst für ihren Luftschutz sorgen müssen. Es hängt von der mehr oder weniger grossen Tätigkeit des Feindes ab, ob die Truppen von den Kais an die Sammelplätze ihrer Bataillone gehen werden oder nicht. Auch ist es möglich, dass, wenn unsererseits eine Truppenlandung erfolgt, der Feind uns in der Besetzung des Flughafens zuvorkommt. In einem solchen Falle wird die erste Aufgabe in der Eroberung des Flugplatzes bestehen.

4. Für die Landung wurden besondere Instruktionen ausgegeben.

5. Sammelplätze. Foresters Hospital B., der Park des Brigadekommandos südlich der Kathedrale. Das Bataillon verlässt die Kais in

einzelnen Abteilungen. Zuerst wird das Kommando im Hospital aufgeschlagen. Leutnant R. Bradley ist Verbindungsoffizier und hat der Brigade mitzuteilen, wenn sich ein Bataillonskommando eingerichtet hat.

6. Flughafen und Aeronautische Station. Die 82. Foresters sind zur sofortigen Abreise in Richtung Sola vorbereitet. Wagen und Apparate werden nicht abgewartet.

7. Marschordnung zu den Sammelplätzen: Kompanie D als Vorhut, Kompanie C mit dem Generalstab des Bataillons; 1. Gruppe, 2. Gruppe (nebst 3 leichten Maschinengewehren und den Wagenführern), 5. Gruppe, 6. Gruppe, Kompanie A, Kompanie B.

8. Die Vorhut der Kompanie wird den Flughäfen besetzen, die Kompanie C wird auf der Aeronautischen Station, anderthalb Meilen nördlich von Sola, einen Beobachtungsposten einrichten. Der Kompanie C gehen endgültige Instruktionen zur Verteidigung des Flughafens von Sola und der Aeronautischen Station nördlich von Sola zu, sobald diese Punkte genommen sind.

9. Das 5. Bataillon von Leicester steht zur Verfügung der Gruppenabteilungen und wird den Hafen von Stavanger besetzen.

10. Luftschutz. Unmittelbar nach der Besetzung des Flughafens und der Aeronautischen Station wird man so schnell wie möglich Batterien leichter Maschinengewehre zum Schutze der Truppen gegen Luftangriffe aufstellen. Folgender Befehl ist dabei zu beobachten: Gegen kein Flugzeug Feuer eröffnen, das nicht feindliche Absichten erkennen lässt.

11. Bei jeder Begegnung mit der Landesbevölkerung muss grösste Vorsicht und Zurückhaltung an den Tag gelegt werden. Nur im Falle ausserer Notwendigkeit darf Gewalt angewendet werden, die zum Tode durch Waffengewalt führen könnte.

12. Verwaltungsbestimmungen: Der Quartiermeister Halam wird für die Funktionen eines Ausrüstungsoffiziers bestimmt. Dieser Offizier ist auch für die Ausrüstung des Brigadekommandos verantwortlich. Leutnant Blackburn wird Adjutant des Ausrüstungsoffiziers sein. Die 3. Gruppe wird ihm zur Verfügung stehen. Alle Instrumente und die Ausrüstung werden zu einem Sammelplatz gebracht, der von dem Ausrüstungsoffizier ausgewählt wird. Der Arzt des Bataillons wird mit dem Gesundheitsoffizier des Bataillons in Fühlung stehen, um gemeinsam mit diesem und den zivilen Sanitätsbehörden Anordnungen treffen zu können. Sodann werden sich die Truppen in Sola vereinigen. Munition: Jeder mit einem Gewehr bewaffnete Soldat wird 50 Patronen mit sich führen. Jedes Maschinengewehr wird 750 Schuss in Gurten von 25 Schuss haben, die unter das Personal, das das Maschinengewehr bedient, verteilt werden; Die Marine wird vor der Landung eine Taschenration Brot ausgeben. Diese Ration darf nur auf Anordnung des Kommandanten angerissen werden. Vor dem Verlassen des Schiffes werden die Feldflaschen gefüllt. Bekleidung: Reguläre Marschkleidung, Lederjacke und Stahlhelm und gerollter Regenmantel. Die Wäschesäcke müssen den Namen der Gruppe und der Kompanie tragen. Jeder Soldat hat sie nach den Anweisungen der Marine zu packen. Befestigungsmaterial: Alles reguläre Befestigungsmaterial und die Erdsäcke, die besonders übergeben werden, werden mit der ersten sich bietenden Transportmöglichkeit nachgeschickt. Das Hauptquartier wird dafür besonders verantwortlich sein.

13. Verbindung. Zwei Befehlsträger mit Motorrädern für jede Kompanie. An Bord des Kreuzers „Glasgow“. Unterschrift des Adjutanten: Kommandeur, Unterkommandeur, Adjutant, Kompaniechef des Generalstabes, Führer der Kompanien A, B, C, D, Quartiermeister, Adjutant des Ausrüstungsoffiziers, Nachrichtenoffizier, der mit dem Kriegstagebuch des Kreuzers „Glasgow“ Beauftragte.

6. DOKUMENT

„Geheim. — 6. April 1940. — Abschrift 1. — 143. Infanterie-Brigade. Operationsbefehl Nr. 1. — Ziffer 1—3: Der gleiche Text des Befehls für das 8. Bataillon der Sherwood Foresters vom 7. April 1940.

4. Sammelstellen. Ohne Rücksicht auf die Ordnung, in welcher die Truppen landen, werden die Kommandeure die Bataillone folgendermassen versammeln: Generalstab und Feldpionierabteilung südlich der Kathedrale. Das 8. Bataillon der Foresters im Hospital. Das 5. Leicester-Bataillon in der Gasanstalt. Die Gruppen gehen vom Kai ab, sobald sie vollständig sind. Wenn sich die Generalstäbe der Bataillone an Land fest eingerichtet haben, wird ein Verbindungsoffizier zum Brigadegeneral geschickt.

5. Flughafen und Aeronautische Station. Das 8. Bataillon der Foresters wird sich zum sofortigen Abmarsch nach Sola bereithalten, ohne die Wagen und Ausrüstung abzuwarten. Es ist von entscheidender Bedeutung, dass man den Flughafen noch am selben Tage, an dem die Landung erfolgt, in Besitz nimmt. Am Sammelplatz kann man eine kleine Nachhutabteilung zurücklassen, die all das zu bewachen hat, was die Mannschaft nicht auf den Marsch mitnehmen kann. Diese Ausrüstungsgegenstände werden später nach Sola gebracht, wenn man über Transportmittel verfügt. Bei der Ankunft in Sola wird man zumindest eine Kompanie so aufstellen, dass sie den Flugplatz unter lebhaftes Feuer nehmen kann. Für die Aeronautische Station wird es sicherlich genügen, wenn man dort einen ständigen Beobachtungsposten aufstellt, vorausgesetzt, dass die Wege gut sind und eine Reserve besteht.

6. Hafenbewachung. 1. Leicester-Bataillon. Die Stärke der örtlichen Verteidigungskräfte wird nicht ohne vorherige Gelände-Aufklärung festgesetzt. Man muss die Verteidigung auf so wenig Mann beschränken wie nur möglich, damit der Rest des Bataillons zur Verfügung des Truppenchefs steht.

7. Luftschutz. Wenn auch Zeichnungen von

feindlichen Flugzeugen bestehen, braucht man doch noch Erfahrung, um Freund und Feind in der Luft auseinanderzuhalten. Der folgende Befehl ist daher für alle Truppenabteilungen bestimmt: Feuer wird nur dann gegen Flugzeuge eröffnet, wenn die feindlichen Absichten erkannt werden oder wenn das Flugzeug feindliche Handlungen unternimmt.

8. Verwaltung. a) Die Nahrungsmittel werden in Kisten ausgeschifft. Die Rationen werden an den Sammelplätzen des Bataillons verteilt; b) es werden sogenannte Equipierungsgruppen gebildet, die die Ausrüstung ausschiffen und am Kai aufstapeln; c) Hauptmann Wilson wird Wagen zu mieten suchen. Hauptmann Tandy wird Lebensmittel zu kaufen suchen und an die Sammelplätze bringen. Der Gesundheitsoffizier wird sich mit den örtlichen zivilen Sanitätsbehörden in Verbindung setzen; d) Kapitän Larsen wird zur Verfügung des Kapitäns Wilson stehen. Sobald wie möglich werden weitere Dolmetscher herangezogen werden; e) der Hauptmann des Generalstabs der Brigade wird Unterkünfte suchen. (gez.) Bernard Castle, Brigade-Major der 148. Infanterie-Brigade.

Verteilung. 1—5 Leicester. 8 Foresters. 55. Kompanie Feldpioniere, Brigadier Phillips, Brigadekommandant, Adjutant der Brigade. Kriegstagebuch. Auszug aus dem Strafforce Plan und die ersten Instruktionen für die Verstärkungen. Geheim. Abschrift Nr. 30.

Stratforce Plan erste Verstärkung. Allgemein. Dieser Plan dient zur Entsendung kleiner Infanterietruppen, Pioniere und den der 512, 547 und 548 beigegebenen Truppen. Geheim. Strenge Vorsichtsmassnahmen zur Sicherung der Geheimhaltung der für die Durchführung des Planes notwendigen Operationen. Zu diesem Zweck wird der Plan nie anders als mit civilisierten Namen bezeichnet und niemandem der Bestimmungsort der Streitkräfte bis zur Durchführung der Landung mitgeteilt.

Effektiven und Zubehör. Eine genaue Organisation des Krieges und der Effektiven für die abkommandierten Truppen wurde am 2. Februar 1940 unter S D 1 (b) bn Nr. 52 ausgegeben. Folgt eine Abschrift von Anhang A. Den in Betracht kommenden Einheiten wird Sonderausrüstung G 1098 gegeben. Beziehungen zu den örtlichen Behörden. Die Truppen müssen sich mit den Ortsbehörden für den Transport der Versorgung, für Quartier, Lazarette und Krankenwagen in Verbindung setzen. Daher ist ein enges Verhältnis zwischen den örtlichen Militärkommandanten und den Zivilbehörden von grosser Wichtigkeit. Der britische Konsul und Vizekonsul in jedem Hafen werden die erforderlichen Dolmetscher bereitstellen.

Transport und Quartier. Es werden weder Transportmittel noch Feldzelte mitgenommen. Eine der ersten Aufgaben des Kommandanten am Landungsplatz ist, über die zur sofortigen Beförderung notwendigen Transportmittel zu verfügen und für die Unterbringung seiner Soldaten zu sorgen. Verstärkungen aus dem Vereinigten Königreich werden normalerweise durch Handelsschiffe durchgeführt, die wöchentlich oder alle zehn Tage aus dem Vereinigten Königreich nach 548 und von dort mit den Schiffen des Ortes weiter befördert, und möglicherweise wird nach 512 eine grosse britische Streitkraft geworfen. In diesem Fall ist die Truppe für die Verstärkungen der Strafrod verantwortlich. Die Truppen werden zum grossen Teil genötigt sein, Käufe an Ort und Stelle zu machen, weshalb jeder Truppenteil von zwei Offizieren der Truppe, verstärkt durch einen Zahlmeister und einen Unteroffizier des Arsenal begleitet werden. Für die Offiziere der Verstärkung werden Sonderinstruktionen ausgegeben.

Munition. Jedes Bataillon nimmt folgende Munition mit: Munition für Handwaffen MK 7, 178, 425, Leuchtraketen, 2000 Antitankgewehre, 2640 Schuss Granatwerfer 3 Zoll 195 H und Y 117 Rauch, Granatwerfer 2 Zoll, 864 Rauch, Revolver 6,38, 894 Handgranaten, 180 Leuchtraketen, 384 Leuchtkugeln, 48 rote und 48 grüne. Zur Mitnahme vorgesehen ist ein Teil von Explosivstoffen (siehe Anhang d). Die Infanterie wird Munition, Gewehre und Revolver in Patronentaschen verladen. Andere Typen von Munition werden nicht unverpackt mitgenommen.

Karten. Diese werden dem Regimentsstab an Bord vor der Einschiffung durch die kartographische Abteilung des Kriegsministeriums übergeben. Ausser den Karten in Skala 1 zu 1.000.000 kann zu Beginn des Feldzuges nur noch über Photokopien 534 und 535 zu 1 zu 1.000.000 (für einige Punkte von 1 zu 2.000.000 verfügt werden. Diese Karten sind sehr alt und teilweise schon aus der Zeit von 1900; sie haben kein Zeichennetz und zumeist auch keine Relieflinien.

Anordnungen zur Tarnung und für den Verbindungsdienst. (a) Nach der Verschiffung hört die Bezeichnung der Orte durch Ziffern gemäss Code auf, die bereits betont wurde b) und die örtlichen Telephone können benutzt werden. Höchste Vorsicht ist geboten, damit eine Ueberwachung nicht möglich werden kann. (c) Dem Regimentsstab werden die Blocks mit den verabredeten Namen einzeln übergeben. (d) Die telegraphische Anschrift für die Truppenabteilungen ist folgende: Stratforce für 548; Convert für 547; Outlook für 512. Diese Direktiven werden den Postbehörden mitgeteilt werden, sobald die Truppen gelandet sind. Alle Telegramme aus dem Vereinigten Königreich werden der Abteilung durch Kriegsministerium gesandt, bis zum Eintreffen neuer Order.

Beziehungen zwischen britischen Truppen und den örtlichen Militärbehörden. Es müssen Höflichkeitsbesuche bei den Ortskommandanten gemäss dem Range gemacht werden.

7. DOKUMENT

Auszug aus dem Tagebuch eines Offiziers der 5. Kompanie des 1. Bataillons der Lei-

cester. Sonnabend 6. April: Cockfield Fell Station. Am Sonntag den 7. April: 10 Uhr morgens Rosyth, dann von Devonshire nach Stavanger. Montag, den 8. April 11 Uhr morgens, die gesamten Truppen sind auf dem Marsch. Essen an Deck. Fröhliche Stimmung. Auslaufen des Schiffes um 1,30 Uhr. Acht Meilen marschiert (bergauf) zu Lager 3 auf der anderen Seite der Dunfermline. Dienstag den 9. April: Ruhiger Tag. Wir wuschen die Füsse im Fluss. Mittwoch 10. April: Gleichfalls ruhiger Tag, etwas Sport getrieben. Donnerstag 11. April: Angenehmer Morgen. Nachmittags Löhnung der Soldaten. Man gestattet einen Besuch an der Dunfermline. Freitag 12. April: Morgens Marsch auf der Landstrasse. Nachmittags: Abmarsch für diese Nacht vorgesehen. Wird unmittelbar darauf widerrufen. Ruhe. Nachts Marschbefehl. Sonnabend 13. April 8,30 Uhr morgens Marsch vom Lager zum Dock Rosyth, hierauf in Schuten und dann in den Dampfer „Orion“ verladen. Unordnung wegen der Verzögerung. An Bord (nach vier Versuchen, näher zu kommen) nach 5 Uhr nachmittags an die „Luxus“.

8. DOKUMENT

Auszug aus den Papieren des französischen Marineattachés in Oslo. (Gruppe d Deutschen Weissbuch 1940 Nr. 4). Notiz für den Herrn Kapitän, Chef der Marine F. M. F. 5. Zweck: Sendung von Informationen über Norwegen. Betrifft: Fragebogen Nr. 1—40 vom 29. Januar 1940 Nr. 118 7 vom 31. Januar 1940. Bezüglich meiner Meldung vom 30. Januar 1940. 5. Route nach Schweden, militärisch wichtige Punkte, bezüglich deren unter dem Vorwand der militärischen Transporte für Finnland Norweger befragt wurden. Obgleich der Hafen von Bergen für eine schnelle Landung seine Vorteile bietet, wurde dies jedoch in aller Form als unratsam betrachtet wegen des langen Eisenbahnweges und der hieraus sich ergebenden Schwierigkeiten. Nur die Häfen in dem Drontheim Fjord und der Hafen von Narvik sind ihrer Ansicht nach für eine solche Operation geeignet.

Landemöglichkeiten längs des Drontheim Fjords: 1. der Hafen von Drontheim selbst, die Häfen längs des Fjordes. Langsten liegt 50 Meilen von Drontheim an der direkten Eisenbahnlinie nach Schweden und hat einen ausgezeichneten Kai grossen Ausmasses. Idealer Platz für heimliche Landungen. Er wird häufig zum Löschen von Holzmasse benutzt.

(Gruppe b des Deutschen Weissbuches 1940 4). Code-Telegramme in verständlichem Text gefasst, aus dem Kontrollbuch des britischen Konsuls in Narvik „Die Admiralität an den englischen Konsul in Narvik. 200 65. An den englischen Konsularbeamten in Narvik: Wiederholung für den Flottenattaché in Oslo vom Direktor des Informationsbüros der Marine. Ersuche um telegraphischen Bericht über die Möglichkeiten des Hafens von Narvik einschliesslich folgender Einzelheiten: a. Länge des Kais, b. Wasserstand vor dem Kai, c. Höhe des Kais über der Wasseroberfläche, d. Zahl der Kräne und der anderen Möglichkeiten zur Entladung von Dampfern und Zahl und Ausdehnung der Schuppen? f. Zahl der Eisenbahnverbindungen mit dem Hafen, g. bestehen in der Nähe des Hafens grosse Tiefen? h. Massnahmen für die Flugplätze von Skatorra und Bardufuss und auf den nach diesen Flughäfen führenden Strassen. Ich ersuche, die Erhebungen mit grösster Diskretion durchzuführen und Ihre Berichte dem Flottenattaché in Oslo zu wiederholen. T. O. R. 0930.30. T. O. O. 2018-29-12-39 an den Konsul Cumming, Britisches Konsulat Tromsø. 20 920. Ich bitte Sie, mir Informationen über den Flughafen Skatorra und Bardufuss zu verschaffen, ermitteln ob dorthin führende Strassen vorhanden sind, und ob Flugplätze von Flugzeugen auf Entfernungen von Tromsø und Narvik benutzbar sind. Ich ersuche um streng vertrauliche Behandlung der Angelegenheit. (gez.) Gibbs. T. O. O. 1724-31-12-39.

9. DOKUMENT

Von Tromsø an den britischen Konsul in Narvik 44 173 auf Ihre Nr. 1724 vom 31. Dezember. Bei Skatorra handelt es sich um einen Marineflughafen, der vom Stadtzentrum von Tromsø aus annähernd vier Meilen nördlich gelegen und auf einer Strasse zu erreichen ist. Flugplatz für Landflugzeuge und Schuppen sind noch nicht vollendet. Wasserflugzeuge werden mit Bojen verankert. Die Hargars sollen 16 Wasserflugzeuge bergen können. Bardufuss ist ein Militärflughafen 45 Meilen nördlich von Narvik und durch Strasse zu erreichen. Die Ausmasse des Flughafens sind unbekannt. T. O. O. R. 1430-2. T. O. 1010-2-1-40.

KRIEGSKARTE VON EUROPA

PREIS Rs. 6\$000

IST ERSCHEINEN!

Nach dem Innern Rs. 7\$000

(Karten werden registriert zugeschickt) / Versand wird nur gegen Vorauszahlung vorgenommen
Grösse der Karte: 50 x 70 cm in Farbendruck auf Kunstdruckpapier mit Umschlag

Die Karte ist an folgenden Stellen zu beziehen:

São Paulo: Rua Victoria 200, Telefon 4-3393 — Deutsche Buchhandlung C. Hahmann, Rua Cons. Crispiniano 2 A — Livraria Delinee, Rua São Bento 541 — Bund der schaffenden Reichsdeutschen, Rua Constituição 31, sobr.

Rio de Janeiro: Rua das Andradas 84, 2. Stock, App. 23, Tel.: 23-4977 — Bund der schaffenden Reichsdeutschen, Rua da Alfandega 74, 2. Stock — Livraria Allemã, Rua da Alfandega Nr. 69

Zu dieser Kriegskarte erscheint ab Dienstag, den 30. April eine genaue Karte von **Skandinavien**. Der Preis bleibt derselbe.
(Alle, die die Kriegskarte bereits käuflich erworben haben, bekommen die Skandinavien-Karte noch gratis zugestellt).

10. DOKUMENT

Die englische Gesandtschaft Oslo — an die englische Admiralität in London. 222 0. Die Admiralität (für direkte amtliche Informationen der Marine) wiederholt dem Marineattaché in Oslo. Auf Ihre Nr. 20 19 vom 29. Dezember. Der Kai ist etwa 1.200 Fuss hoch, bei Ebbe 26 Fuss, a. 30 Fuss bei Flut und ist nicht geeignet zur Landung von Fracht, jedoch können Truppen am Wellenbrecher von 400 Fuss landen; b. 39 Fuss bei Flut im Aussenteil, 18 Fuss im Innenteil; c. 8 Fuss bei Flut; d. keine; e. zwei Schuppen 45 zu 8 Yards bzw. 50 zu 8 Yards mit Oberstock; f. eine einzige Strasse führt nach dem Kai. Der Kai von Fagernes: a. 550 Fuss; b. 21 Fuss bei Ebbe; c. 6 Fuss bei Flut; ein elektrischer Kran von 20 Tonnen; c. 190 bis 21 Meter zweistöckig; f. Doppelgleisig parallel mit den anliegenden Dampfern, ausserdem Weichen zum Manövrieren längs des Kais; g. Nein; h. im Bericht über die Flughäfen von Skatorra und Bardufuss enthalten. Berichte stammen von den englischen Konsuln in Tromsø und Narvik, T. O. O. 19 29 2-1-40.

11. DOKUMENT

Die Admiralität an den englischen Konsul in Narvik 97 032 der Admiralität. N. C. Roseberry wurde zum englischen Konsul für Narvik ernannt und wird England am 8. April auf dem Luftwege verlassen. Roseberry wurde aus ganz besonderem Grunde zum Konsul ernannt. Seine Ernennung bedeutet keineswegs eine Kritik an der Form, in welcher Sie bisher tätig waren, mit der wir vollkommen übereinstimmen, und Sie werden sich in Zukunft mit der Kontrolle der Dampfer in Narvik befassen. T. O. R. 7-4 T. O. O. 19 25 6-4-40. BrjFr. S 1550.

12. DOKUMENT

(Gruppe C des Deutschen Weissbuches 1940 Nr. 4) (Auftrag des Direktors des Informationsdienstes der englischen Admiralität an den britischen Konsul in Narvik zur Spionage). Der britische Adjutant der Marineattachés in Stockholm an den britischen Konsul in Narvik. Stockholm, 1. Februar 1940. Lieber Hauptmann und Konsul! Mit gegenwärtigem stelle ich Ihnen meinen Mitarbeiter in vertraulichen Angelegenheiten vor und empfehle diesen Ihrer Güte. Er bringt einen Fragebogen mit, der an den langen Winterabenden Zerstreuung bringen wird. Befehl der Admiralität ist, dass diese Angelegenheit eiligst erledigt wird ohne Kosten zu scheuen. Ich schlage Ihnen vor, einen Ihrer intelligenten Jungen mit seinem Schiff nach Tromsø zu schicken und die Antwort abzuwarten, die er Ihnen dann überbringt. Dann werden Sie mit beispielsweise Smith mit Ihrer Antwort und der von Tromsø schicken. Er muss den Brief indessen unter dem Hemd tragen, denn es darf nicht bekannt werden, dass er einen Brief bringt. Unterdessen werden Sie um ein Einreisegesuch für Smith nach Schweden einkommen, und zwar für Einreise und Ausreise und wenn sich Ihnen dabei Schwierigkeiten in den Weg stellen sollten, benachrichtigen Sie mich telegraphisch. Als Grund für das Gesuch zur Genehmigung der Einreise kann Erholung angegeben werden. Es muss mindestens für vier Tage Gültigkeit haben, denn die Reise erfordert zwei Tage. Ich habe Maxton beauftragt, sich auf dem Wege der Informationen über Punkt 11 zu unterrichten. Ich glaube, man wird in Oslo die Antwort auf Punkt 13 haben, doch kann das alles nur dann von Nutzen sein, wenn es zur Bestätigung beiträgt. Sie selbst werden über die Art entscheiden, die Antwort auf die anderen Fragen herbeizuschaffen. Wenn es jedoch möglich ist, dann suchen Sie es so zu machen, dass Sie dabei keinen Schuss erhalten. Mit vielen Grüßen für alle; Maxton wird alle Neuigkeiten erzählen. Ihr John Poland. Können Sie mir die Richtlinien zurückschicken? Sie werden hier dringend benötigt.

13. DOKUMENT

Der Direktor der Informationsabteilung für Marine an den Beamten, der die Kontrolle über die Schiffe in Narvik leitet. 31 1940. Mit dem Ersuchen um baldmöglichste Uebersendung der Antworten auf den einliegenden Fragebogen. Es wäre angebracht, wenn ein Teil der abzugebenden Informationen sich auf die entsprechenden Zahlen beziehen würde, sobald solche vorliegen. Ich betone, dass die Bemühungen zur Herbeischaffung der Informationen auf keinen Fall Ihren Posten kompromittieren dürfen oder den Verdacht der Ortsbehörden erwecken. Viel von den die Hafenangelegenheit betreffenden Fragen, die dringend benötigt werden, kann innerhalb der normalen Arbeit erreicht werden. Geoffrey Cooke für den Direktor der Marine-Informationsstelle.

Im Gebiet der unsichtbaren Indianer

Fritz Christian (Frankfurt a. M.) zurzeit in São Paulo berichtet hier über eine aufschlussreiche Begebenheit während seiner vorjährigen Expedition in die Flussgebiete des Rio Vermelho, Rio Araguaya und Rio das Mortes

Die Spannung ist von Stunde zu Stunde gestiegen. Wir sind mitten im Indianergebiet des Rio das Mortes. Jetzt muss doch bald etwas von den berühmten Chavantes-Indianern zu sehen sein! Nach Himmelreichs Erzählungen stehen uns hier am „Fluss des Todes“ noch schreckliche Dinge bevor.

Nun sind wir schon 14 Tage auf dem schönen Fluss bergwärts unterwegs. Das muss man sagen, wunderschön ist der Fluss mit dem hässlichen Namen. Er führt nicht weniger Wasser als der Araguaya. Mit seinen unzähligen kleinen und grossen, dichtbewaldeten Inseln ist er etwas für Romantiker und das sind wir ja schliesslich mehr oder weniger auch. Teile seiner Verästelungen in dem flachen Hochland sind für das Motorboot befahrbar und es ist jedesmal ein Fest für die Augen, stundenlang durch so einen schmalen, von grünen Mauern (die voller Leben sind) gesäumten Fluss zu gleiten.

Der Motor zerreisst mit seinem Geknatter jene Stille, die zum vollen Genuss einer solchen Landschaft gehört.

In den grünen Wänden, die aus Baum, Busch und Schlinggewächsen gebildet werden, blüht es vorwiegend in lila, blau, gelb und rot. Sie teilen sich oft und es öffnet sich wiederum der glatte Wasserspiegel einer Lagoa, die in ihrer Länge nicht abzuschätzen ist, weil sie hinter einer Biegung im Wald verschwindet.

Silberreier, Biguas und Jacus nehmen schnell Reissaus. Bis auf die Augenpaare und Nasenhügel im Wasser verborgene Krokodile mögen sich über den lärmenden Eindringling wundern, obwohl sie scheinbar keine Notiz von uns nehmen. Ich wundere mich, dass es hier verhältnismässig wenig dieser Panzerechsen gibt. Dann und wann flüchtet vor uns eine Schar brauner, hässlich krächzender Zigeunervögel mit wildem Geflatter von Baum zu Baum. Es dauert eine Weile, bis sie schlau werden und ängstlich weiterkrächzend sitzen bleiben, um uns vorbeizulassen. Ihr kulinarischer Ruf bei Jägern ist schlecht, weil ihr zähes Fleisch nicht schmeckt.

Nicht selten kommen Kamp und Campo-Cerado bis an die steilen Uferabstürze des Flusses heran.

Kampbrände sind an der Tagesordnung. Beissender Qualm wälzt sich manchmal über die Fluten. Vor dem Wind treiben verkohlte Pflanzenteile, mit der die Luft dann angefüllt ist.

Wir sind oft hart an Uferböschungen entlang gefahren, ohne einen Pfeilregen abzubekommen, ohne dass wir überfallen worden sind und ohne einen Chavantes bisher zu Gesicht zu bekommen. Bis weit an den Ufern des Rio Araguaya hinauf erzählt man sich die wildesten Geschichten von deren Mordgier und Hinterlist. Schlimm genug, wenn der kleinste Teil wahr ist.

Da, alle Zeigefinger deuten hastig zur weitentfernten nächsten Flussbiegung — Rauchsignale. Ueber dem Wald stehen plötzlich gleichzeitig, nicht weit voneinander, 2 steile Rauchsäulen und zergehen allmählich in der Luft. Dann ist der Spuk aus.

Also haben sie uns bemerkt und signalisieren unser Kommen ihren sich unterwegs auf Jagd befindlichen Stammesgenossen oder nach anderen Dorfgemeinschaften. Kein Wunder, dass sie uns bemerken, das Geknatter unseres Heckmotors hört man ja kilometerweit. Klüger wäre es gewesen, mit eigener Kraft lautlos angepaddelt zu kommen, die Indianer zu überraschen und photographisch abzuschliessen. Ich habe noch nie ein Chavantesbild zu Gesicht bekommen. In dem Buch eines paulistauer Journalisten ist ein Chavantes-Indianer abgebildet, der mir aber sehr bekannt ist, dessen Namen ich sogar weiss. Es ist ein Caraja-Indianer namens Arutana. Man kann ihn im selben Buch nochmals als Caraja' im Kreise seiner Familie bewundern.

Der Mensch ist zu sehr an den Motor, an die Maschine gewöhnt, die für ihn arbeitet und ihm viel Kraft und Zeit sparen hilft. Aus diesen faulen Erwägungen heraus haben wir uns einem Missionar einer Salesianer-Station angeschlossen, der mit seiner Montaria, 2 Jüngern und 3 Neger als Begleiter, den Rio das Mortes hinaufzuckelt, um die Chavantes zu bekehren. Schliesslich wäre uns die ganze motorisierte Missionsgemeinschaft doch noch zuvor gekommen und hätte uns so oder so die Indios vergrämt. Die Bekehrung der Chavantes kommt deren Zähmung gleich und wie

Fritz Christian, der während seiner vorjährigen Expedition vom Krieg überrascht und hier festgehalten wird, ist zurzeit daran, eine Expedition vorzubereiten.

Im vorliegenden Artikel berichtet er über seine Erlebnisse am Rio das Mortes, über den die unwahrscheinlichsten Gerüchte im Umlauf sind. Sobald die Genehmigung für die neue Expedition eingetroffen ist, werden wir nähere Einzelheiten, die u. E. sehr interessant sein dürften, bekannt geben.

Vor allen Dingen freuen wir uns, in Fritz Christian einen Journalisten kennen gelernt zu haben, der der Wahrheit zuliebe, freivon Sen-

sationsmache, das Erlebte und Gesehene fesselnd zu schildern weiss.

Die Ausrüstung der neuen Expedition ist zum grössten Teil vorhanden. Es fehlt allerdings noch ein gewisser Betrag. Zur restlichen Finanzierung der Expedition bietet Herr Christian einen Teil seiner Ausbeute, die für das Frankfurter Museum bestimmt ist, Liebhabern zum Kauf an.

Auch wer sich für Christians prachtvolle Tier-, Indianer- und Landschaftsbilder interessiert, möge sich an die Redaktion des „Deutscher Morgen“ wenden, dort liegt eine Künstlermappe und Bestelliste auf.



Besuch unerwünscht. Bei unserem ersten Anstandsbesuch-Versuch bei den Chavantes wurde uns dieser Pfeil vor die Füsse geschossen, ohne dass man den indianischen Schützen zu Gesicht bekam. 2 Begleiter, Himmelreich und Ladislaus, wie sie gerade aus dem Wald über die Furt zur Lagerinsel zurückkamen und dem Missionar den Pfeil zeigten.

der alte Missionar das fertigbringen will, interessiert mich auch. Ich muss dabei an den Delegado von Cocalinho — das ist das letzte Dorf auf der linken Seite des Araguaya, 600 Kilometer von hier — denken, der behauptete, die Chavantes karteimäßig aufnehmen und zählen zu wollen. Ich möchte gerne wissen, was er unter den Rubriken „Beruf“ und „Alter“ notiert. Er müsste zu diesem Zwecke mindestens ein Jahr lang in den unbekanntesten Gebieten zwischen Rio das Mortes und Rio Xingu unterwegs sein. Ein Unternehmen, das noch keinem Forscher bisher geglückt ist. Davon abgesehen, hat es sich bei den fortschrittlicheren Carajas, die am rechten Araguayaufer hausen, gezeigt, dass der grösste Teil sich nicht erinnern kann, wie alt sie inzwischen geworden sind.

Eine bewaldete Insel verdeckt die Flussbiegung. Die Augen suchen wieder jedes Uferbüschel ab. Die Montaria schiebt sich langsam gegen den starken Strom des rechten Flussarms — flussabwärts genommen — vor. Wir erspähen sonderbare Flosse aus Knüppelholz, die halb auf den Strand der Insel vorgelagerten grossen Sandbank gesetzt sind. Der Missionar lässt beidrehen. Ich zähle 8 dieser mit gedrehter Palmfaser zusammengehalten Knüppelholzbündel. Wir schieben das grösste davon ins tiefere Wasser. Heinz stellt sich darauf — es geht unter. Also dienen diese Flosse nicht der Personenbeförderung. Entweder dienen sie als Schwimmhilfe oder zur Beförderung der Jagdgeräte und Jagdbeute bei Flussüberquerungen. Auf unserer Insel sind sehr wenige Fussspuren von Chavantes zu finden. Die Insel ist schätzungsweise 300 Meter lang und 150 Meter breit. Wir waten nackt durch die Furt zum linken Ufer, das Wasser reicht uns bis zum Nabel. Drüben ziehen wir uns wieder an. Ein Missionsbruder, Mestro Carlos, ein Italiener mit einem roten Vollbart, und der Neger Ladislaus sind mitgekommen. Der alte Missionar lässt inzwischen Decken als Geschenke für die Indios auf die Flosse legen.

Ich photographiere eine gut ausgeprägte

und bisher grösste Chavantes-Fussspur neben Ladislaus' Fuss als Vergleich. Es ist kein wesentlicher Grössenunterschied festzustellen. Es heisst aber, die Chavantes seien ungewöhnlich gross und hätten Riesenfüsse.

Der Pfad, der durch das Ufergebüsch in den Wald führt, ist schnell gefunden. Der Film in meiner Kamera ist schon wieder einmal aufgebraucht, ich muss neu laden und kann nicht so auf meine Umgebung achten. Dadurch komme ich an den Schluss der Truppe, die auf einmal stoppt, als ich gerade mit dem Laden fertig bin. Heinz schreit so etwas wie „ein Pfeil“. Ich renne vor, Carlos hält einen Pfeil in der Hand und behauptet, dass er ihm gerade vor die Füsse geschossen worden ist. Es ist ein einfacher vorn zugespitzter Taquarapfeil, ca. 1,25 m lang und ganz neu. Die Federn, die ihm den Drall geben, sind von den Schwingen des Raufalken, die am Schaft mit kleinen Periquitofedern verziert sind. Wir haben nicht viel Zeit, uns mit dem Pfeil zu beschäftigen. Wir befinden uns in einem Waldstück ohne Unterholz, ein Zeichen, dass hier öfters Menschen sind. Ein lückenhaftes Blätterdach wölbt sich über uns. In der Richtung, aus der der Pfeil kam, ist nichts zu sehen.

Ladislaus fuchelt mit seinem vernickelten Schiessseisen in der Luft herum. Jetzt fällt uns auf, dass dies unsere einzige Waffe ist, die wir mithaben. Wir gehen rückwärts den Pfad zum Fluss hinab und waten angesichts einer Art Maibaums, der mit Geschenken für die Chavantes bestückt und behangen ist, über die Furt.

Es ist schon spät am Tage, so dass sich keine weitere Unternehmung mehr lohnt. Heinz und ich besprechen unser Vorhaben für den nächsten Tag und unterbreiten dies dem Missionar. Er zeigt sich nicht begeistert und lässt eine eindringliche Warnung vom Stapel. Da wir uns sehr hartnäckig zeigen und von dem einmal gefassten Plan, durch den Wald bis zum Dorf der Chavantes vorzudringen, um etwas Seltenes auf den Film zu bekommen, nicht ablassen, ist er schliesslich einverstanden und will uns so-

gar zwei Begleiter mitgeben. Unsere Wahl fällt auf Carlos und Francisco, den kleinen Spanier.

Zum erstenmal seit unserer Mortes-Fahrt nehmen wir Waffen mit ins Zelt. Die Tagesereignisse haben mich sehr befriedigt. Vor allem muss ich feststellen, dass die Chavantes keine Flussindianer wie die Caraja's sind. Sie bauen keine Kanoes und wohnen weitab vom Fluss. Das ist ein Vorteil, der uns im Insellager eine ruhige Nacht gewährleistet.

Die Tatsache, dass nicht weit von der Stelle, an der wir heute waren, die beiden Salesianer-Missionare Fuchs und Sacilotti von den Chavantes ermordet worden sind, besteht. Der Fluss führt seinen Namen nicht zu Unrecht. Viele Chavantes scheint es aber hier nicht zu geben. Himmelreich hat etwas von 200 Kriegern erzählt. Dann müsste das Dorf mindestens 500 bis 600 Seelen zählen. Das halte ich für gänzlich unmöglich. Dann wäre ein anderer Betrieb bei unserer Insel, dann wäre eine Unzahl Fussspuren zu finden, mehr Flosse wären da und wir hätten 20 anstatt 1 Pfeil vor die Füsse oder sonst wohin bekommen.

Ich finde, dass wir übermässig bewaffnet sind. Ausser meiner 38er-Knarre und automatischen Mauserpistole habe ich noch meinen Photoladen zu schleppen. Allein das grosse Teleobjektiv und die Munition ziehen fürchterlich. Die anderen drei klemmen sich noch je 1 Geschenkdecke unter den Arm. Wir setzen mit den Faltboten über, damit wir uns nicht aus- und anzuziehen brauchen. Den Pyjama haben wir abgelegt und tragen vorschrittmässige, kräftige Ser-tão-Kleidung, so dass wir rasch in ein ungemütliches Dampfbad kommen. Proviant haben wir keinen dabei. Dafür einen Hund, der die Chavantes aufspüren soll.

Die Pfeile bleiben aus. Wir kommen ungehindert durch den Wald auf freien, schwarzverbrannten Kamp, in dem man trotzdem noch den Pfad abgezeichnet findet. Nach Kompass und Karte müssten wir, wenn wir noch weitere 120 Kilometer weitermarschieren, in das Gebiet gelangen, in dem der englische Oberst Fawcett verschwunden ist. Dieses Unternehmen wäre allerdings im Rahmen unserer Vorbereitungsexpedition unmöglich. Einige von Wald gesäumte Altarme — Lagoas genannt — müssen wir umgehen. Dabei suchen wir mit Erfolg nach Pfeilen, die im Uferschlamm stecken. Dicht am Ufer einer Lagoa, die jetzt in der Trockenzeit flussauf keine Verbindung mehr mit dem Rio das Mortes hat, finden wir sonderbare Quellen, aus denen innerhalb einer künstlich geformten Mulde ganz schwach frisches, klares Wasser sprudelt. Die Quellen sind mit Knüppelholz umlegt, und zwar so, dass man sich nicht in den Morast zu knien und stützen braucht.

Spuren führen uns zu zwei dicht nebeneinanderliegenden Indianerlagern. Nach den vorhandenen „Schilfbetten“ (sie schlafen also nicht in Hängematten) schätzen wir, dass ungefähr 20 Indianer hier gewesen waren. Das Lagerfeuer ist schon lange aus. Wir finden Tarnkappen und Büschel aus Palmblättern sowie Reste von Fischen und Schildkröten. Sogar der Panzer eines kleinen Krokodils ist vorhanden. Sollten die Chavantes auch Krokodile verzehren? Hat sich nun das Dorf, das wir suchen, als Indianerlager entpuppt, oder kommt das noch? Werden die Chavantes in der Trockenzeit eine Art Nomaden, und ziehen in ihrem Gebiet umher wie die Caraja's vom Rio Araguaya?

Von den Ufern des Altarms ragen hin und wieder Baumstämme schräg über das Wasser hinaus. Bei näherer Untersuchung ist deutlich festzustellen, dass die Stützung der Stämme künstlich gemacht ist. Beim Schiessen auf Fische stehen die Indios wohl vorn auf der Spitze dieses Stegs, um besser sehen zu können. Zum Fischejagen ist die La-sorglich mit Baumstäben abgesperrt.

Wir sind also mitten im Tätigkeitsfeld der Chavantes, das zu ihrem engeren Versorgungsgebiet gehört. Weshalb aber ist kein Indianer zu sehen? Ich gestehe, dass sich ein unbehagliches Gefühl bemerkbar macht, das unbedingt unterdrückt werden muss. Wir sind vielleicht 10 Kilometer vom Fluss entfernt. Die beiden Brüder wollen umkehren. Ihr Padre habe es nicht erlaubt, so weit in das gefährliche Gebiet vorzudringen. Die Chavantes würden doch niemanden ins Dorf lassen und ohne Kompromisse angreifen. Dann gäbe es unweigerlich eine Schiesserei. India-

ner zu töten, ist gesetzlich verboten. Man darf sie auch nicht reizen, dass es zum Angriff kommt. Mir ist es rätselhaft, wie und in welchem Zeitraum diese Leute die Chavantes bekehren wollen. Schliesslich lassen sich die beiden doch noch breitschlagen, einige Kilometerchen zu wagen.

Um Indianer abzuschliessen, sind wir bestimmt nicht hierher gekommen. Wir wollen uns nur einmal orientieren über das, was in dem sagenhaften Gebiet gespielt wird und um die gesammelten Erfahrungen und das Gesehene für ein späteres Unternehmen, zu welchem wir mehr Zeit haben müssen, zu bewerten.

Wir überqueren einen trockenen Wasserarm und klettern eine hohe und steile Uferbaranca hoch. Dann befinden wir uns mitten in einem üppigen, verhältnismässig hohen Urwald mit dichtem Unterholz und Schlingpflanzen. Der Pfad ist kaum zu erkennen. Geknickte Zweige verraten, dass hier vor kurzem Menschen gegangen sind. Auch wir lassen mit dem Buschmesser unsere Markierung zurück, da sich der Pfad öfters teilt. In dem dichten Unterholz fühlt man sich gerade nicht geborgen. Zumal alle Augenblicke ein Pfeil aus dem Hinterhalt geflitzt kommen kann. Eine halbe Stunde lang tapen wir durch den Wald, dann gelangen wir auf freien Campo-Serrado — Kamp mit krüppeligen Bäumen bestanden —, unter denen die gelbblühende Ypé die Hauptrolle spielt. Riesenheuschrecken schwirren hin und wieder mal durch die Luft. Schöne grosse Schmetterlinge schaukeln über das rapeldürre Kampgras, Kolibris schwirren vor den Ypéblüten, die Gegend kommt einem viel freundlicher vor. Das alles aber hindert die beiden Brüder nicht, nach einigen Kilometern wiederum an die Rückkehr zu erinnern.

Wir klettern an den geschwärzten Stämmen — ein Zeichen, dass hier regelmässig gebrannt wird — hoch, sitzen wie Raben in den Baumkronen und glotzen dem Pfad nach, der sich bald im Busch verliert. In der Ferne schätzungsweise 5 Kilometer von hier, wird der flache Horizont von einem Hügel unterbrochen. Vor diesem Hügel, sagen die heiligen Brüder, kann das Dorf sein. Zwischen unserem Standort mit dem vermeintlichen Dorf zieht sich der überspringbare Zaun des Indianerschutzgesetzes. Sollen wir...?

Die beiden machen ernstliche Anstalten, abzudrehen. Sie hängen die mitgebrachten, rotleuchtenden Decken an einen Baum am Pfad und spießen einige billige Tranchiermesser in dessen Rinde. Dann säbeln sie mit dem Buschmesser noch einen grossen Pfeil in die rote Erde des Weges in der Richtung zum Fluss. Das soll soviel heissen, wenn ihr etwas wollt, dann kommt zu uns an den Fluss. Ach richtig, einen Hund hatten wir ja auch mitgenommen, aber von dem war schon seit

geraumer Zeit nichts mehr zu sehen und zu hören.

Auch die Chavantes sollen über Hunde verfügen. Himmelreich schildert diese als Höllentiere in seiner übertreibenden Art. Demnach sind es also keine richtigen Hunde mehr, sondern eine Kreuzung zwischen Waldhund und Waldkatze. Von dieser sonderbaren Zucht haben wir nun auch nichts zu sehen bekommen.

Wir gelangen mittags wohlbehalten mit Pfeil und Tarnkappen, nach einem Marsch von 20 Kilometern, ins Lager. Unser vermisst vierbeiniger Begleiter frisst bereits an einigen Jacuknochen. Ich hoffe, den Missionar nochmals für eine ganze Sache am folgenden Tag zu überreden. Der macht uns ernstliche Vorhaltungen. Er könne uns natürlich nicht halten, das Unternehmen durchzuführen. Seine Leute könne er nicht mehr der Gefahr aussetzen. Er bittet uns, die Indianer in Ruhe zu lassen. Wir würden ausserdem seinen Plan durchkreuzen, die Chavantes zu beruhigen und an die Weissen zu gewöhnen, um sie im Laufe der Zeit zugänglich zu machen. Wenn wir ins Dorf gingen, würde es zu einer Schiesserei kommen, weil wir uns verteidigen müssten, und das müsste er der Regierung melden. Da sieht man wieder, wie manches so vernünftig klingt und doch nicht richtig ist, weil man so nicht zum Ziel kommt.



Fritz Christian bei der Ausarbeitung des Riesenphotos eines Caraja-Indianerkopfes. Die Aufnahme wurde auf der Ilha do Bananal gemacht.

Wir wollen der Bekehrung der Chavantes zum Christentum nichts in den Weg legen und versprechen dem Padre, nichts zu unternehmen, was gegen seine Pläne verstösst.

Am folgenden Tage will ich mich wenigstens mit dem Teleapparat irgendwo am Pfad einbauen, um dem seltenen Chavanteswild aufzulauern. Aber diese sonderbaren Wilden haben die für sie ausgelegten Geschenke immer noch nicht abgeholt, so dass ich mein Vorhaben aufgeben.

Für mich wird es leider höchste Zeit, umzukehren. Im Oktober läuft meine Aufenthaltsgenehmigung für Brasilien ab und der Rückweg ist langwierig. Wir schreiben den 6. September 1939. Der Missionar macht eine Menge Post für die zivilisierte Welt fertig. Nach dem Mittagessen richten wir die Steven unserer treuen Hammerboote flussabwärts. Allerdings können wir uns nun einen Seitensprung nicht verkneifen. Kurz hinter unserer Lagerinsel lockt ein schmaler seichter Flussarm, der nach Backbord in Richtung Chavantes-Dorf abzweigt, zur fröhlichen Entdeckungsfahrt, zumal der Furo nur für flachgehende Faltboote befahrbar ist.

Wir haben doch gute Nasen. Der Wasserarm hat Verbindung mit den Lagoas, an denen wir gestern noch eifrig geforscht haben. Wir sind muckmäuschenstill, der Paddelschlag ist selbst für die Chavantes unhörbar, da sie immer noch nicht vorhanden zu sein scheinen.

Die Sonne ist im Versinken, da führt uns der geheimnisvolle Wasserarm mit seinen Tiefen und Untiefen, idyllischen Winkeln und seinem unzähligen Kleintier wieder zurück zum eigentlichen Fluss.

Es ist schmerzlich, so kurz vor einem Ziel, das unerreichbar scheint, umkehren zu müssen. Das unerreichbar scheint... Man muss es nur richtig anfassen. Während wir uns von dem Ziel entfernen, erwäge ich schon die neuen Möglichkeiten, es doch einmal zu erreichen. Aber nicht so mit einer bis auf zwei Mann zusammengeschmolzenen hoffnungsfreudig gewesenen Expedition. Grundbedingung ist, dass man motorlos den Fluss stromab gepaddelt kommt. Es gibt ja noch mehr Indianerstellen in seinem Bereich. An irgendeinem Ort wird sich die Möglichkeit bieten, etwas vom Leben und Treiben der Chavantes zu erhaschen.

Der erste heftige Regen hat die Brände im Kamp zum Verlöschen gebracht. Nun gibts kein Halten mehr, die Heimat zieht im Paddelschiff heftig mit, so dass wir in drei Tagen das schaffen, was wir mit Motor in 14 Tagen schafften.

Der Araguaya nimmt uns auf. Der langwierige Anmarschweg muss nun wieder umgekehrt, in Richtung Zivilisation, bewältigt werden.

schlacht gegen die feindliche Flotte keine Errungenschaften moderner Erkenntnis. Auch in früheren Kriegen wurden auf beiden Seiten für diese Zwecke beträchtliche Streitkräfte verwendet und mit diesen Streitkräften auch bald hüben, bald drüben beträchtliches erreicht. Wir entnehmen einer interessanten Zusammenstellung folgende Angaben. Im ersten englisch-holländischen Kriege, d. h. im Jahre 1650, zählte die holländische Handelsflotte ungefähr 16.000 Schiffe, davon waren 500 im Küstenhandel mit Endland beschäftigt, 6000 waren Ozeanfahrer, 2000 betrieben den Ostseehandel, etwa ebenso viel den Verkehr mit den west- und nordeuropäischen Küstenplätzen und den Häfen des Mittelmeeres und der Rest diente dem friedlichen Gewerbe des Fischfangs. In diesem ersten englisch-holländischen Kriege wurde die niederländische Fischerflotte gänzlich vernichtet und von den Engländern ausserdem 1700 Prisen im Werte von 120 Millionen Pfund Sterling genommen. Das allein war mehr, als die Kosten des ganzen Krieges betragen, der Handelskrieg war für die Engländer also ein glänzendes Geschäft. Mit Spanien wurde ähnlich verfahren und als die Kriege zu Ende waren, war der holländische und der spanische Ueberseehandel zu seinem weitaus wesentlichen Teil in englische Hände übergegangen. Später, im Pfälzischen Erbfolgekriege (1689—1697), ging es dann umgekehrt. In diesem Kriege haben die Franzosen, geführt von Jean Bart, dessen Namen heute eines der modernsten französischen Kriegsschiffe trägt, den verbündeten Briten und Holländern sogar 4000 Prisen abgenommen, darunter einmal einen ganzen Konvoy von mehr als 80 Schiffen. Wie sehr dann die deutsche U-Boot-Waffe im Weltkriege der englischen Handelstonnage zugesetzt hat, wissen die meisten, und wer es vergessen hat, kann es in Jellicoes Buch „The Submarine Peril“ nachlesen. Im Kriege 1939—40 ist nun zu der natürlich beträchtlich verbesserten U-Boot-Waffe das moderne Bombenflugzeug hinzugekommen und was das bedeutet, hat man bereits aus vielen amtlichen englischen und deutschen Berichten ersehen können. England, das zu einem erheblichen Prozentsatz von überseeischen Zufuhren abhängig ist, erscheint schon jetzt noch ernstlicher bedroht zu sein, als selbst in dem schlimmen Jahre 1917. Die Frage nach der zu Kriegsbeginn 1939 vorhandenen britisch-französischen Handelstonnage hat demnach eine besonders aktuelle Bedeutung. Dabei kommt natürlich nur die Uebersee-Tonnage wirklich in Betracht. An Uebersee-Schiffen hatte England 15,8 und Frankreich 2,5 Millionen Bruttoregistertonnen. Von der britischen Handelstonnage kann, das hängt naturgemäß mit den Strukturverhältnissen des Weltreiches zusammen, nur 64 vH., also etwas mehr als 10 Millionen Tonnen, für die Versorgung des Mutterlandes eingesetzt werden. Hiervon wird ein nicht unbedeutlicher Teil für die speziellen Bedürfnisse von Heer und Marine benötigt, weitere Einbussen praktischer Art treten durch die unvermeidlichen Verzögerungen des Geleitzugsystems ein, so dass es nicht unberechtigt erscheint, die für die Landesversorgung wirklich verfügbare britische Tonnage auf 7,5 Millionen Tonnen herabzusetzen. Von dieser Zahl erst gehen ab die Verluste, die der britischen Handelsmarine im Kriegsverlauf durch U-Boote, Flugzeuge und Minen zugefügt wurden. Wir wollen hier nicht darüber streiten, wie hoch diese Verluste sind, sondern nur die Frage aufwerfen, wie England diese Verluste ersetzen will. Dabei kann der Ersatz durch Neubau von vornherein ausser Betracht bleiben, weil ein Neubau viel mehr Zeit in Anspruch nimmt als eventuell zur Verfügung steht und weil die englischen Werften durch Arbeiten für die Kriegsmarine viel zu sehr in Anspruch genommen sind, um sich mit der Kiellegung einer grösseren Zahl von Handelsschiffen zu befassen. Aber auch die Aussicht, den verlorenen Schiffsraum durch Charterung neutraler Fahrzeuge oder gar durch Kaperung deutscher Handelsdampfer zu ersetzen, ist äusserst gering. Die deutschen Handelsschiffe, die das Unglück haben, in Sicht eines britischen Kreuzers zu geraten, ziehen es vor, sich selbst zu versenken und die grossen Neutralen, die Vereinigten Staaten, Japan, Italien und Russland, denken gar nicht daran, ihren Handelsschiffsraum den britischen Interessen zur Verfügung zu stellen. Selbst in den kleinen, am Kriege nicht beteiligten Staaten entschliessen sich die Reedereien in wachsender Zahl, ihre Schiffe trotz der hohen Risikoprämien, die die Engländer zahlen, lieber aufzulegen, als sie der Gefahr eines Totalverlustes auszusetzen. Die Partie steht für England nicht günstig. Dieses Land hat seine Weltmachtstellung im Handelskriege errungen, jetzt läuft es Gefahr, dass es diese Stellung im Handelskriege wieder verliert.

Wie England seine Kriege führt / Immer dieselbe Methode

Wenn man im Buche der Geschichte blättert und dabei darauf achtet, auf welche Art Grossbritannien seine Festlandkriege in den letzten Jahrhunderten angelegt hat, kommt man zu der überraschenden Feststellung, dass die englische Führung fast immer nach einem und demselben Schema verfahren ist: Der Gegner wird zur See blockiert, seine überseeischen Verbindungen werden zerschnitten, seine Versorgung nicht nur mit Kriegsmaterial, sondern auch mit Lebensmitteln für die zivile Bevölkerung soweit wie möglich unterbunden und auf diese Weise auch Frauen, Kinder und Greise in den Kreis der unter dem Kriege unmittelbar Leidenden einbezogen. Landstrategisch ist England immer darauf aus gewesen, den Gegner durch bundesgenössische Armeen zu fesseln und die britischen Truppen in Form von Expeditionsheeren höchstens in den kontinentalen Flanken oder lieber in den gegnerischen Kolonien anzusetzen. So war es in den Kriegen, die England vor drei- und vierhundert Jahren gegen Spanien und Frankreich geführt hat, so war es im Weltkrieg und so ist es auch heute. In dem europäischen Krieg der Gegenwart ist die alte englische Methode nur insofern variiert, als die Liste der Banngüter bis zur Grenze des überhaupt Möglichen erweitert, die Deutschland benachbarten Neutralen in die Blockade mit einbezogen und die Ausfuhr deutscher Waren auch auf neutralen Schiffen von den Engländern untersagt worden ist. Der jetzige Krieg wird demnach von England noch gegensätzlicher zum Völkerrecht geführt, als selbst der Weltkrieg von 1914—18.

Der gegenwärtige Krieg unterscheidet sich von den meisten, die England bisher geführt hat, allerdings in einer Beziehung, die sich

gegen die Briten auswirken muss: ihre Gegner haben zum Gegenschlag ausgeholt und dabei Waffen verwendet, gegen deren vernichtende Durchschlagskraft auf englischer Seite allem Anschein nach noch kein verläss-

liches Heilmittel gefunden worden ist. Gewiss sind die U-Boote und die schweren Bomber nicht im letzten Jahre erfunden und vor allem sind die Gegenblockade, die Kapererei, der Handelskrieg oder die Hochsee-



Wie unangenehm. Sofortige Reparatur ist notwendig.

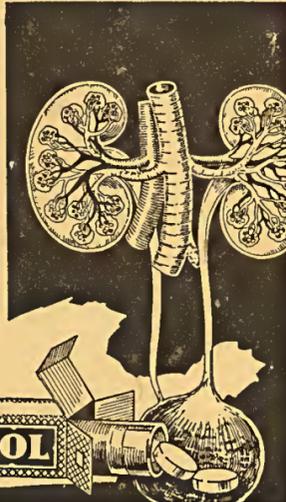
Wenn nun Ihre Harnwege auch nicht mehr richtig arbeiten, müssen Sie, um unangenehme Folgen zu verhindern, zu den HELMITOL-Tabletten greifen, die für eine allgemeine innere Reinigung sorgen. Ihre Gesundheit und ihr Wohlbefinden ist dann bald wieder hergestellt.

Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



HELMITOL

Die Wasserleitung ist verstopft!



TECHNISCHE ABTEILUNG:

Krupp-Stühle zur Herstellung von Federn, Matrizen jeder Art, Drehstühle, WIDIA-Metall, Qualitäts-Schneidwerkzeuge, Bohr-er, Schneideln, Fräser, Gewindebohrer usw., Messwerkzeuge jeder Art, Schleibieren, Zirkel, Tourenzähler, Ge-windemesser, Mikrometer, Dampf-Armaturen wie Kondensstöpfe, Stahlbürsten, Dampf-packungen, KLINGERIT Dichtungsplatten, Zylinder-schmiler-Apparate, Tropföler, Manometer, Ventile, Wasserstands-gläser, Transmis-sionsgeräte, Lederriemen, Gummiriemen der be-kannten Marken BULLDOG und O PODEROSO, Rie-menverbinder, Lagermetalle, Riemenwachs, Holz-und Stahlriemen-Scheiben, Ringschmiler-Lager, Kugellager, Glasserel-Artikel wie Schmelztiegel, Graphit, Stahlbürsten usw., Mechanische Werkstätten-Werkzeuge und Zube-hörteile, Schmirgelscheiben Marke ALEGRITE, Schmir-gel-Letnen und -Papier in Blättern und Rollen, Schweißapparate mit sämtl. Zubehör, Metallägeblätter für Hand- und Maschinen-betrieb, Staufferbüchsen Stahldraht-Seife, Drehbankfutter, usw., Galvanoplastik-Artikel wie Nickelanoden, Filzschneiben, usw., Holz-industrie-Zubehör, Kreis-, Band- und Gattersäge-Blätter Marke HUNDEKOPF, Schmirgelpapier Marke RUBINITE, Bohrer usw., Eisenwaren-Abteilung: Klein-Eisenwaren und Werkzeuge aller Art, Feilen Marke „TOTENKOPF“ und „KRIEGER“, Bau- und Möbelbeschläge, Haus- und Küchengeräte, sanitäre Artikel, Fittings, Röhren, Bleche, Drähte, Schädlingsbekämpfungsmittel, Arsenik, Eislerisemat Marke „BROMBERG“, Öl- und Trockenfarben, Zinkweiß, Leinöl usw., Elektrische Abteilung: Drehstrommotoren und Dynamos in jeder Größe, Isolierte Drähte und Kabel jeder Art für Hoch- und Niederspannung, Zählapparate, Voltmeter und Am-péremeter, tragbar und für Schalttafeln, Elektrische Heiz- und Kochapparate Bügeleisen und Lötöfen, Widerstandsdrähte für Heizapparate, Konstantan und Chromnickel, Material für Inneneinrichtungen und Freileitungen, Isolierrohre, Schalter in jeder Ausführung, Klingeln, Lampen, Leuchter, Sicherungen und Sicherungsdrähte aus Blei und Silber, Isolatoren, Blitzableiter und blanke Kupferdrähte, Anker-Isoliermaterialien, Presspan und Vulkanfaser in allen Stärken, Lacke, Löt-paste und Isolierband, Material zur Installation von Motoren, Stern-dreieck-Schalter, autom. Schalter und handbetätigter Diazed-Sicherungen. — Schalter-Abteilung landwirtschaftl. Maschinen: Traktoren „LANZ-BULLDOG“, Schleppergerä- te, Pflüge, Pflanzmaschinen, Sämaschinen, „RUD. SACK“, Mähmaschinen, Windfegen, Futterschneider, Pumpen und sonstige zur Landwirtschaft gehörenden Geräte und Maschinen, Marken „BROMBERG“, „O PODEROSO“ und „COLONO“. — Öl-Abteilung: Öle und Fette „SUNOCO“ der Sun Oil Company, Philadelphia (USA.) Öle für Automobile, Last-wagen und Traktoren, Öle für Dynamos, Motoren und Turbinen, Öle für allgemeine Maschinen-Schmierung, Öle für besondere Zwecke; Bohrlö-Öl, Eismaschinen-Öl usw., Fette in allen Arten. — Maschinen-Abteilung: Maschinen für Eisen-, Blech- und Holzbearbeitung. Komplette Einrichtungen für jede Industrie. — Ingenieur-Abteilung: Fried. Krupp A. G., Gussstahlfabrik, Essen; Fried. Krupp A. G., Friedrich-Alfred-Hütte, Rheinhausen; Fried. Krupp Germanlawerit A. G., Kiel; Bleichert, Transportanlagen G. m. b. H., Leipzig, Drahtseilbahnen, Transportanlagen usw.; Maschinenfabrik Buckau, Wolf A. G., Magdeburg, Lokomotiven, Dieselmotoren; Bayerische Maschinenfabrik F. J. Schlageter, Regensburg, Gerberel-Maschinen.

BROMBERG & CIA.

SÃO PAULO AV. TIRADENTES NR. 32

CAIXA POSTAL 756 TELEFON: 4-5151

Extra Fino



Rua das Palmeiras 274 Tel. 5-4429

Uhren • Reparaturen Deutsche Uhrmacherei

OTTO

Rua São Bento Nr. 484 4. Stock, Saal 25

Hugo Lichtenthäler

Rua Aurora Nr. 135 Aolt. deutsches Möbelhaus Grosse Auswahl in kompl. Zimmern und Einzeilmöbeln. - Auch TAUSCH u. KAUF von gebrauchten Möbelstücken

Werner Pfeffer

Nickelalcação Cambury Rua Lavapés 801 SÃO PAULO

Josef Hüls

Erfolgreiche Schneiderei. Mäßige Preise. Rua Dom José de Barros 266, sobr., São Paulo, Tel. 4-4725

Jorge Dammann

Deutsche Maßschneiderei für Herren und Damen Gut sortiertes Stofflager Rua Ypiranga 193 Tel. 4-2320

CONDOR FLUGDIENST. PASSAGIERE, POST, FRACHT. Teleg. AERONAUTA. Succursol S. PAULO: r. Alvores Penteado, 8. Telef.: 2-7919. Agentur SANTOS: r. 15 de Novembro, 19. Telef.: 5001.

Castell SCHREIBGERÄT repräsentiert! Zahlreiche Fachhändler bestätigen die Beliebtheit des Copier CASTELL, eine Beliebtheit, die er seinen vorbildlichen Schreibereigenschaften und seinem repräsentativen Äußeren verdankt. ERKENNUNGSZEICHEN: Die goldene Waage auf grünem Stift. Copier CASTELL für rasche, klare Schrift, zum schnellen, rechtsgültigen Unterschriften, für Statistik und Organisation, für Revision und Korrektur und das flotte, zügige Diktat. A.W. FABER CASTELL Schreibkultur

Fogg bringt ein Mädchen mit

Roman von WALTHER KLOEPFFER — Verlag August Scherl GmbH., Berlin.

(9. Fortsetzung.)

„Na, Fräuleinchen, so schlimm ist das nun nicht. Wir fressen schon keinen. Sie sagen jetzt schön alles, was Sie wissen; dann dürfen Sie wieder gehen“, meinte er freundlich. „Ja?“

Anna nickte. „Sie sind also die Anna Stransky?“ „Jawohl.“ „Welchen Eindruck hatten Sie, als Ihr Chef Ihnen die Nachricht brachte, man habe auf Herrn Tutschek einen Ueberfall verübt?“ „Er war sehr aufgeregt“, bekundete das Mädchen. „Aufgeregt also?“

„Ja. Er verlangte seine Instrumententasche und kommandierte: „Rasch, rasch, Anna!“ Er war ganz atemlos und hatte eine Masse hinter sich, den Schreck, den Transport, das Gerenne auf dem Schloss und das Gerenne heim; ich bitte Sie, wie soll er da denn nicht aufgeregt gewesen sein! Eine solche Menge Zeug kann auch Josi mal umwerfen“, erzählte sie angelegentlich. Die erste Scheu vor dem gestrengen Herrn war schon verflogen. „Josi? Wer ist das?“ „Ach, das ist nur so ein Name für Doktor Fogg“, erläuterte sie verlegen. „Steht Doktor Fogg zu Ihnen in näheren Beziehungen?“ fragte er schnell und sah sie scharf an.

„Das nicht“, sagte sie und werde ein bisschen rot. „Nein, das ganz und gar nicht. So ist der Fogg nicht.“ „Wie ist er denn dann?“ „Er tut keinem Käfer was zuleide. Mal hatten wir einen Spatz im Garten, dem der Fuss gebrochen war. Josi hat ihn geschient, und da ist er wieder geworden. Und dann grämt er sich um die Leute hier ab. Gut ist er, das muss man schon sagen“, versicherte sie eifrig.

„Kommen wir auf das andere zurück. Ihr Chef machte also damals nicht den Eindruck, als ob er verstört oder schuldbehaftet wäre?“ „Gar nicht. Wieso denn? Er hat dem Tutschek doch nichts getan; wer so etwas glaubt, kennt Josi nicht.“

Dieses muntere Mädchen legt sich ja ordentlich ins Zeug! dachte Dr. Jung und blätterte in seinen Papieren. Plötzlich sagte er: „Und wie ist das mit Tutschek und Ihnen? Ich hörte da von gewissen Nachstellungen. Ist das richtig?“

„Ich hatte ihn gern, und wir hatten ein bisschen was miteinander. Zu Anfang war er wirklich nett. Aber später ist das aus dem Leim gegangen, weil es eben doch nicht die richtige Liebe war“, stotterte Anna. Wenn er nur mein Herz nicht schlagen hört! dachte

sie ängstlich. Und wenn er nur nicht von dem Revolver erfährt...

„Sie haben also auch gewusst, dass die Waffe in des Doktors Pult lag?“ Sie nickte und hatte das Gefühl, dass die Wände auf sie zukämen.

„Könnten Sie denn mit so einem Ding umgehen?“ „Ich habe das in einer Schiessbude probiert. In St. Pauli. Man muss erst zielen und dann losdrücken.“

„Falsch! Zuerst muss man entschtern, Fräulein Stransky“, lächelte Dr. Jung. „Ach ja. Sehen Sie, das hätte ich total vergessen“, stammelte sie.

„Ich danke Ihnen. Sie können jetzt gehen, Fräulein Stransky“, verabschiedete sie der Untersuchungsrichter mit freundlicher Miene. „Ja?“ Wunderbar war das gegangen — „Selbstverständlich. Haben Sie nur noch die Güte, mir die beiden Schellenberger hereinzuschicken. Guten Tag, Fräulein Stransky.“

Anna richtete draussen ihren Auftrag aus, dann trat sie an Fogg heran und strich zart über seine kalten Finger.

und gestehen, mochte es zugehen, wie es wollte.

Drinnen im Saal befasste sich Dr. Jung inzwischen mit dem Bürgermeister und dem Wirt der „Sonne“.

„Also, meine Herren, ich hätte gern so eine Art Leumundszeugnis von Ihnen. Sie kennen den hiesigen Arzt doch sicher recht gut? Wie ist das mit dem?“

„Wir kennen den Josef von Kindsbeinen an, Herr Untersuchungsrichter“, erwiderte der Bürgermeister bedächtig. „Später war er mit uns zweien im Feld. Und sodann haben wir ihn aus Amerika geholt, mehr brauch' ich wohl nicht zu sagen. Der Fogg-Josef ist ein Mannsbild. Wenn er mit dem Tutschek was gehabt hätte, würde er's auch eingestehen. Das ist unsere Meinung.“

Dr. Jung seufzte, weil diese Untersuchung immerzu im Kreise herumging. Hatte man endlich einen Punkt, wo man einhaken zu können glaubte, dann entkräfteten ihn die Leute. Gewiss, nicht von der Hand zu weisende Tatsachen belasteten den Arzt, aber wenn man die Schellenberger hörte, war er

meister her, bitte!“ befahl Dr. Jung, unterbrach sein Aufundabgehen und setzte sich wieder hinter den Tisch mit den Akten Tutschek. Er stützte den Ellbogen auf die Platte und das Kinn in die hohle Hand, den kleinen Finger elegant abgeknickt; er trug wegen der bevorstehenden Abreise bereits seinen faltigen dunklen Mantel und sah, dies zusammengekommen, wie ein Ratsherr der florentinischen Signoria aus.

Häberlein trat ein und stand vor seinem Vorgesetzten stramm.

„Wir müssen Geduld haben, Wachtmeister.“

„Jawohl, Herr Landgerichtsrat.“

„Eine Inhaftnahme des hiesigen Arztes erscheint mir vorerst nicht angezeigt. Er läuft ja nicht davon. Der Verwalter ist nicht transportfähig und braucht Behandlung. Das also auch. Wir wollen erst noch ein bisschen zuwarten und spekulieren. Und Sie werden die Augen aufhalten, verstanden, Wachtmeister?“

„Jawohl.“ „Ich schicke vor allem eine zuverlässige Krankenpflegerin, die auf den Patienten achtgibt. Wenn Besserung eintritt oder wenn sonst etwas vorfällt, telephonisch ihr.“

„Jawohl.“ „Ich glaube, das wäre alles. Packen Sie zusammen, Kerzinger“, wandte er sich an seinen Schreiber.

„Verdacht“ ist nichts Halbes und nichts Ganzes, nichts Greifbares und nichts Abwendbares. Und „Verdacht“ ist zugleich etwas ungeheuer Betriebsames, Lähmendes und Kränkendes. „Verdacht“ ist, wenn die Leute dich scheel und mitleidig ansehen, wenn sie die Köpfe verdrehen, statt zu grüssen, wie letztlich die Fürstin Marie Auguste von Holiwa-Weissensee, wenn der Gendarm das Kinn in den Kragen steckt und eine Amtsmiene macht, wenn man hinter dir herversperrt und sich Zeichen macht, wenn dein Ansehen schwindet, wenn die Praxis zurückgeht. Das ist „Verdacht“.

Fogg litt sehr unter diesem Zustand, wenn er es auch nicht zugab.

Der „Beritt“ allerdings, zu dem neuerdings auch das Mädchen Anna gehörte, war über jeden Zweifel erhaben. Nehmen wir einmal den Fenzl her. Der schwingt Reden in der Graphitgrube, die eitel Zorn und Spott und Hohn sind. „So einen Mann verdächtigen, ihr Schafsköpfe! Die Finger solltet ihr euch abschlecken! Da rackerte sich der von früh bis spät ab, kuriert eure Weiber und eure Kinder, tut sich die Plage mit der Grube auf, und dann, zum Dank, bringt ihr ihn in einem Atem mit dem Böhm daher... Das kostet mich nur einen Lacher.“

Oder den nächsten, den Wirt Kern. Als eine von seinen Töchtern auf den Fogg tanzt, hat er ihr eine runtergehauen und geschrien: „Lass mich das nicht noch mal hören! Was weisst denn du, du Rotznase!“

Der Gosdmair hingegen macht das alles viel feiner und ruhiger ab. Er überzeugt

Confetteria Biennense. EIGENE BÄCKEREI EIGENE KONDITOREI. Bestellungen ins Haus werden gewissenhaft u. pünktlich ausgeführt. RUA BARÃO DE ITAPETINGA 239. Im Café nachmittags und abends Erstklassiges Konzert Leitung: Maestro Mauricio. Telephone 4-9230 — Ab 18 Uhr können Autos vor der Tür parken

„Du musst das nicht tragisch nehmen, Josi“, tröstete sie flüsternd. „Mach dir nichts draus, du warst es ja nicht. Der Richter war übrigens sehr nett zu mir.“

„Lass nur, Anna“, lächelte Fogg mit schiefem Mund.

Das Mädchen Anna, voll Angst und Schuld-bewusstsein, wendete sich schnell und ging die Stiege hinunter. Ein Wort von ihr hätte Fogg aus seiner zweifelhaften Lage befreit. Aber sie gewann es vor Dr. Jung nicht über sich, dieses Wort zu sprechen. Wenn sie gestand, dass sie den Revolver an sich genommen, vor Tutscheks Augen damit herumgefuchelt und ihn dann, Gott weiss wo, verloren hatte — würde man sie dann nicht von der Stelle verhaften und einsperren? Und wer würde ihr glauben, dass sie gar nicht geschossen und die Waffe nicht ins Wasser geworfen hätte? Dann kam auch der Krach mit Tutschek auf und ihr enges Verhältnis und alles. Nein, es war ganz unmöglich, den Mund aufzutun und sich selber ans Messer zu liefern. Das mit Josi, das mit diesem dummen Verdacht, war ja nur eine Frage von Tagen, dann musste sich alles von selber auflären. Wenn aber nicht, dann würde sie schon sprechen

harmlos wie ein Posaunenengelchen. Dr. Jung sondierte: „Er und Tutschek sollen nicht gut miteinander gestanden sein?“

„Möcht' wissen, wer mit dem Böhm gut steht“, schnaufte wegwerfend der Kern.

Der Untersuchungsrichter stellte noch diese und jene Frage an die beiden, knöpfte sich Fogg noch einmal kurz vor, um ihn dann nach Hause gehen zu lassen, frühstückte und hörte privatim ein bisschen im Ort herum, kurz, er tat alles, was ein Richter in so einem Fall tun kann. Aber die Sache Tutschek blieb nach wie vor verzwickelt und lag keineswegs so klar, wie sie dieser Häberlein in seinem Bericht hingestellt hatte. Indizien waren recht schön, gewiss, aber der persönliche Eindruck und die Volksmeinung zählten schliesslich auch ein wenig. Man denke nur, ein Arzt, ein bei der Bevölkerung beliebter Mann, ein Feldzugsteilnehmer mit dem E K 1 und bislang noch unbescholten... also, mein lieber Häberlein, so einfach ist das wirklich nicht mit Ihrer Kugel und Ihrem Revolver... Zu dumm, dass dieser Tutschek noch immer nicht vernehmungsfähig ist...

„Kerzinger! Wo stecken Sie denn, Kerzinger? Rufen Sie mir noch einmal den Wacht-

„Sublime“ die beste Tafelbutter Theodor Bergander Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Dralle Birkenwasser enthält natürlichen Birkenessig

Dienst am Kunden!

Jeden Wunsch nach Möglichkeit gerecht zu werden, ist Grundidee unserer Organisation und unseres geschulten Personals.

Banco Germanico

da America do Sul

São Paulo

Rua Alvares Penteado 121 (Ecke Rua da Quitanda)

Rio de Janeiro: R. da Alfandega 5
Santos: Rua 15 de Novembro 114

Adolpho E. Müller & Cia.

Flor. de Abreu 172 / Caixa postal 712
Telefon 4-2617

Generatoren für Gleich- und Wechselstrom, Elektromotoren für alle Zwecke, Ventilatoren, Werkzeugmaschinen, Hebezeuge, biegsame Wellen usw. — Zubehör für elektrische Kühlrichtungen.

Deutsches Farbenhaus

Henrique Zuehlke & Cia.

S. Paulo, R. Christovam Colombo 1, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten **TEMPEROL-FABRIKATE** (Lacke - Oelfarben - Lackfarben)
Reichhalt. Sortiment in: Pinseln, Buntfarben, Oelen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfartikeln.



Deutsche Edelstein Schleiferei
R. Krüninger
Größte Auswahl in gefassten und ungefassten Edel- und Halbedelsteinen
Rua Xavier de Toledo 54 (em frente da Light)
Telephon: 4-1083 und privat 4-2240

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, feinmechanische Werkstätten
OTTO BENDER
Rua Sta. Ephigenia 80 - Telefon 4-4705
Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr- und Gebr. Maß, Präzision. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.

Zum Hirschen Hotel und Restaurant
Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561
São Paulo Inh.: Emil Russig

Damen-Schönheits-Institut „ELSE“
Dauerwellen (elektr. u. nicht elektr.), Ondulation u. Wasserw., Maniküre, Färben u. Mass.
Rua Domingos de Moraes Nr. 84-c
Telephon 7-5480

Deutsche Schuhmacherei
Rua Sta. Ephigenia 225
Ausführung all. ins Fach schlagenden Arbeiten
Hermann Radelsberger

João Knapp Klempner, Installateur
Regist. Rep. de Aguas e Gás. Rua Mons. Bassa-lagua 6. Telefon 7-2211.

Lacke Pinsel Farben
und alle übrigen Bedarfsartikel für Hausanstrich und Dekoration
EMILIO MÜLLER / Rua José Bonifacio Nr. 114

Dr. Max Rudolph

Allg. Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe
Röntgen-Beirahlungen
Consult.: Pr. Ramos Azevedo 16, II., Tel. 4-2576
Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337
Sprechstunden v. 3-5, Sonnabends v. 11-1 Uhr

Dr. Mario de Fiori

Spezialarzt für allg. Chirurgie - Röntgenapparat
Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonnabends: 10-12 Uhr
Rua Barão de Itapetininga 130 - II. andar - Tel. 4-0038

Dr. G. H. Nick

Facharzt für innere Krankheiten.
Sprechst. täglich v. 14-17 Uhr
R. Lib. Badaró 73, Tel. 2 3371
Privatwohnung: Tel. 8-2263

Dr. Erich Müller-Carioba

Frauenheilkunde, Geburtshilfe
Röntgenstrahlen - Diathermie
Ultraviolettstrahlen
Konsult.: R. Aurora 1018 von 2-4,30 Uhr - Tel. 4-6898.
Wohnung: Rua Groenlandia Nr. 72. - Tel. 2-1481

Deutsche Apotheke

Ludwig Schwedes
Rua Lib. Badaró 318
S. Paulo, Tel. 2-4468

Erwin Schmued

Dentist
Largo Santa Epigenia 1
1. Stock, App. 11
(Eingang von der Brücke)
Sprechstunden von 8.30—18.30 Uhr, Sonnabends: bis 12 mittags

Deutsche Apotheke

In Jardim America
Anfertigung ärztl. Rezepte, pharmazeutische Spezialitäten - Schnelle Lieferung ins Haus.
RUA AUGUSTA 2843
Tel. 8-2182

Livraria Delinee

Älteste deutsche Buchhandlung
Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo
Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.

Vor Annahme falschen Geldes schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr

Eröffnen Sie ein Konto beim
Banco Allemão Transatlantico
RUA 15 NOVEMBRO 268
und zahlen Sie ihre Rechnungen
per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.
Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178
Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Dres. Lehfeld und Coelho

Dr. Walter Hoop
Rechtsanwälte
São Paulo, Rua Libero Badaró 443,
Tel: 2-0804, 2. St., Zim. 11-16/ Postfach 444

die Zweifler und die Schwankenden mit gemäßigten Worten und erreicht mit dieser Sachlichkeit mehr als die anderen mit ihrem Gebrüll. Dafür ist er aber auch der Bürgermeister und eine Amtsperson.
Der Ameiser kann sich dieser Schutz- und Trutzaktion leider nicht anschließen; er hat sich auf einem Dienstweg erkället, liegt seit etlichen Tagen zu Bett, fiebert, schlägt sich mit einer Lungenentzündung herum und hat mit sich selbst genug zu tun.
Bleibt noch die Anna. Nun, die hat allen Grund, nett zu Dr. Fogg zu sein. Aber auch sie braucht man nicht zu beneiden. Sie wird wie ein Bällchen hin und her geworfen zwischen Angst vor dem Gericht und Gewissenspein und stürmischem Mitleid mit Josi. Sie hat das Kindhafte und Unbefangene abge-

streift, sie hat vom Baum der Erkenntnis gegeschaut, und der Blütenstaub ist weg, sie ist stiller geworden und besonnener, und sie hat wieder zu ihrem Beschützer Fogg zurückgefunden. Sie sorgt nach Kräften dafür, dass Josi daheim dieser verkorksten Geschichte nicht allzusehr nachhängt; sie plaudert und redet und fragt und hat herausgefunden, dass solche Manöver nach das beste Ablenkungsmittel sind.
So forschte sie auch jetzt nach dem Abendbrot: „Ist mit Tutschek was Neues los“. Sie staunte selber, wie anstandslos ihr der Name jedesmal von den Lippen glitt.
„Der hat seit heute eine neue Pflegerin — aus der Stadt. Dr. Jung hat sie anscheinend besorgt. Ganz angenehme und verständige Person. Der Verwalter soll hin und wieder schon lichte Augenblicke haben. Zum Reden hat sie ihn allerdings noch nicht bringen können. Na, ich bin ja gespannt, was da herauskommt. Wirst sehen, wir bringen ihn durch. Der Schuss war nicht einmal so gefährlich, aber halt das Eiern hinterher und die Blutvergiftung. Pech. Den solltest du jetzt mal sehen. Der ist schön vom Fleisch gefallen. Bloss Haut und Knochen noch, aber ein Herz wie Oskar. Sonst könnte er das gar nicht durchreissen“, berichtete Fogg.

„Was macht denn die Grube?“
„Denk dir, heute haben wir ein Pfundsmalheur gehabt. Haut der Fenzl eine Wasserader an, und der halbe Schacht ersäuft! Die Leute haben werkeln müssen wie die Wilden; aber jetzt haben wir's geschafft. Hoffentlich hält die Verschalgung. Der Kern hat uns die Feuerwehrspritze geliehen, hättest uns sehen sollen.“
Solcherart waren diese Gespräche, die Anna krampfhaft unterhielt wie ein kleines Feuer in einer stürmischen Nacht, wo man alle nasenlang hineinblasen und frischen Brennstoff nachlegen muss. Fogg hatte einen Masskrug neben sich und goss das vierte Fläschchen hinein; in letzter Zeit brauchte er Alkohol zum Einschlafen können. Bei der Anna ging es auch so; denn die war jeden Abend zum Umsinken müde und ging den Weg in ihre Kammer schon im Halbschlaf. Sie machte auch jetzt winzige Augen und fragte noch aus reinem Pflichtbewusstsein:
„Du, Josi, was ich schon immer fragen wollte: Erzähl doch mal, wie du, Mutter kennengelernt hat. Aber nicht so huderivudri, wie damals in Hamburg, sondern schön genau und ausführlich, ja?“
„Hm. Gib mal die Tabakskiste her; denn ich muss mir nämlich eine frische Pfeife stopfen. Also genau willst du's wissen? Meinnetwegen.“ Und er berichtete ihr von der damaligen Stellung, von Pinsk, von dem Kosa-keu-angriff, von den Kameraden. Es gelang ihm, das alles so plastisch vor die zuhorchende Anna hinstellen, dass ihr Schlaf verflög.
„Mutter war so tapfer?“ sagte sie mit glänzenden Augen.
„Ich habe noch nie eine so mutige Frau getroffen. Und sie hat viel durchgemacht im Leben.“
„Ja, und dann? Nach dem Schützengraben, nach Pinsk?“
„Ist sie zu einer bekannten Familie geflohen. Das habe ich dir ja schon einmal erzählt,

Anna. Weiter weiss ich selber nichts. Und in Hamburg habe ich sie dann nach so vielen Jahren wieder getroffen.“

„Es ist so merkwürdig, dass Mutter zu mir nie von meinem Vater gesprochen hat“, meinte das Mädchen vertraut. „Ich habe kein Bild von ihm, keine Erinnerung, gar nichts. Auch Mutter hat nichts hinterlassen. Ich weiss nur, dass er längst tot ist. Ein bisschen wenig, Josi; sag' selber —“ Fogg trank sein Bier aus und knurrte kurz:
„Kommi schlafen jetzt, Anna! Was, schon halb elf?! Gute Nacht, Anna.“

Viktoria nähte Kinderhemdchen.
Ihr Bruder lehnte am Fenster und starrte auf die gegenüberliegende Brandmauer und auf eine Dachaltane, auf der ein mageres Dienstmädchen Wäsche aufhing. Der Raum, in dem die Geschwister hausten, war eine Dachkammer im äussersten Schwabing, giftgrün gekalkt, und die eine Wand war schief. Wie Vicki das nur aushält! dachte der junge Mensch verzweifelt.

Die Lebenskurve der Geschwister bewegte sich augenblicklich weit unten. Viktoria war nach jener hässlichen Szene in der Engasser-Villa nach München gefahren, trotz der entschlossenen und planlos, und vor allem sehr überstürzt. Sie hatte etwas Wäsche eingepackt, Hemdhöschchen, ein Kleid, Strümpfe, was eben in einen Zwergkoffer so ging, aber das Wichtigste liess sie mit voller Absicht in Schellenberg zurück — Geld. Geld in keinem Fall und unter gar keinen Umständen. Der Satz „aus Armseligkeit hervorgeholt“ brannte zu tief. Ja, und nun war sie also in München, und das einzig mögliche Unterkommen war bei Franz, ihrem Bruder, und der wohnte sehr bescheiden. Am nächsten Tag tat sie sich nach Arbeit um. Wer so etwas unternimmt, muss Treppen steigen, immerzu Treppen, muss die Zeit erwarten, muss sich in Vorzimmern herumdrücken, muss sich zuweilen anschauen lassen, muss sich ganz klein und hässlich machen und aufsteigende Tränen hinunterschlucken, muss abschätzende und unanständige Männerblicke über sich ergehen lassen — und am Abend als Ergebnis buchen: Diesmal war es nichts. Noch nichts, aber es kommt schon. Nein, das Postensuchen war kein ungetrübtes Vergnügen.
Nach vielen Fehlschlägen und Enttäuschungen war Viktoria bei diesen Hemden gelandet. Männerhemden, Kinderhemden. Von den erstgenannten bekam sie für jedes Stück sieben- undsechzig Pfennig. Obschon sie fleissig war, brachte sie es nur auf fünf bis sechs Stück im Tag, weil sie der Ansicht huldigte, dass auch billige Hemden ordentlich und dauerhaft genäht sein müssen. Mit dem Erlös den Unterhalt von zwei ausgewachsenen Personen zu bestreiten, war jeden Morgen eine neue Aufgabe.

Ihr Bruder riss den Blick von dem wäscheaufhängenden Dienstmädchen los und drehte sich um. Er machte Viktoria ein Zeichen, sie möge das Nähmaschinen geratter einstellen, und sagte:
„Hör mal, Vicki, willst du nicht doch lieber zu deinem Mann zurückkehren?“

„Nie!“ flammte sie auf. „Wir sind zwar zwei ganz arme Hascherl, wir beiden, aber unseren Stolz haben wir doch, gel, Franz!“

„Schon. Es ist mir ja nur um dich, Vicki. Du sollst das nicht; es ist deiner nicht würdig, dieses Abrackern und diese Jammerbude und alles“, sagte er mit heisser Zärtlichkeit.

„Lass nur, Franzl. Wir müssen den Kopf oben behalten. Es kommen auch wieder andere Zeiten.“

„Du bist so tapfer, Vicki“, flüsterte er bewundernd.

„Ich halte es eher für Trotz. Das Leben soll mich nicht so einzwiehdrei unterkriegen. Wir sind doch noch jung, Franz!“

„Goldene Worte, Vicki. Ich habe sie mir auch vorgebetet, wie ich drüben in Newyork gestanden bin. Aber wer von den Dollarbrüdern sucht schon einen Kunsthistoriker? Als es mit der Kunstgeschichte nichts wahr, habe ich das Uebeliche gespielt; Taxichauffeur, Tellerwäscher, Laufbursche. Nicht mal das ist mir auf die Dauer geglückt. Und was ist in München? Ich lungere herum, warte auf eine Stellung, die nie kommt, und lasse mich von meiner Frau Schwester ernähren“, seufzte er und liess mutlos die Schultern fallen.

Der junge Mensch, es stand nur ein Jahr zwischen ihm und Viktoria, setzte sich auf den Bettrand und murrte: „Nicht mal eine Zigarette kann man sich kaufen.“
„Das mit dem „Ernähren“ ist Schmarrn, Franzl. Und von wegen Zigarette? So nötig sind wir nun wieder nicht daran. Da sind zwanzig Pfennig. Lauf mal runter an den Automat und hole sechs Stück. Eine mir, fünf dir; ich glaube, ich gewöhne mir auf meine alten Tage noch das Rauchen an. Verführst hast du mich, dass du es weisst. Mit Zigarette ist das ganze Leben bedeutend leichter, finde ich jetzt allmählich auch“, lächelte sie. Als der Bruder die Dachkammer verlassen hatte, löschte dieses Lächeln jäh aus. Sie geriet ins Grübeln.

Franz war so unpraktisch, geradezu hilflos in vielem. Immer musste man ihn anziehen und bemuttern und achthaben, dass er nichts vergass. Es war eine Schnapsidee gewesen, ihn nach Amerika zu lassen und sich dort eine Zukunft für ihn zu versprechen. Mit Amerika war es nichts gewesen, leider. Das schöne Geld, dieses beschämende Darlehen von Engasser, war glatt zum Fenster hinausgeworfen. Da Franz dem Professor die betreffende Summe von Newyork aus nicht zurückzahlen konnte, hatte es vor einigen Wochen Krach und bitterböse Worte in der Villa gegeben. Viktoria musste sich von dem erzürnten Professor sagen lassen, ihr ausgewanderte Bruder sei ein lebensuntüchtiger Mensch, ein Verschwender und Galgenstrick, der ihm nicht mehr unter die Augen kommen solle. Auch ihre schwesterlichen Briefe musste sie seither in aller Heimlichkeit schreiben. Und nun war Franz nach anderthalb Jahren abgebrannt und arm wie eine Kirchenmaus nach Deutschland, nach München, zurückgekehrt und befand sich seit etlicher Zeit auf einer zermürmenden Stellenjagd. So schlimm, wie Engasser ihn machte, war Franz ja nun nicht; aber dass er geschoben werden musste, dass er ein bisschen schlapp und verträumt war, das stimmte.



Das kostbare Leben Ihres Kindes

kann manchmal durch Diarrhoe-Gefahr bedroht sein. Gegen dieses schwere Uebel dienen als bewährtes Mittel ohnegleichen die Eldoformio-Tabletten, ein Erzeugnis der Firma **„Bayer“**.

Vergessen Sie niemals: **Gegen Diarrhoe stets**



Eldoformio
Tabletten
die sowohl Kindern wie Erwachsenen helfen.

Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!



Qualitätswerkzeuge!



Eigene Härtestube

mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer Kundschaft

Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro

Rua General Camara 136

Porto Alegre

Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:

Curityba - Belem do Pará - Bello

Horizonte - Bahia

in anderen südamerikanischen Ländern:

Buenos Aires Montevideo

Santiago de Chile

Deutsche Färberei und chem. Waschanstalt

„Saxonia“

Annahmestellen: R. Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396
u. Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

Juckt es, dann niemals kratzen



denn das einzige was erzielt wird, ist, dass die Leute über einen lachen. Besser ist auf alle Fälle, Mitigal zu nehmen, das ein bewährtes Mittel gegen Krätze, Hautjucken und andere Hautaffektionen ist. Darum: Juckt es, dann niemals kratzen . . .

Nimm **Mitigal**

Officinas Olympia

führen jede Reparatur, Überholung und Reinigung an

Schreib- u. Rechenmaschinen

aller Systeme sachgemäss aus.

Modern eingerichtete Werkstatt und wirkliche Fachleute bürgen für erstklassige Arbeit

Schnell / Gewissenhaft / Preiswert

Kostenanschläge unverbindlich

OLYMPIA MACHINAS DE ESCREVER LTDA.

São Paulo

Rio de Janeiro

Praça da Sé 43 / Tel. 2-1895

Rua Benedictinos 21 / Tel. 43-6311

AO PINGUIM H. Killebrecht
 RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO 128
 E TAVERNA: RUA ANHANGABAHÚ, 2
 São Paulo
 Telefon: Bar 4-5507
 Gruta 4-2626

Ausgezeich. Küche. Jeden Sonnabend: Feijoada completa
 Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

Liebeswerk Ostdeutschland

Nur noch jeden Dienstag von 3 bis 6 Uhr Spenden-
 Annahme und Arbeits-Ausgabe in der Rua Arthur
 Prado Nr. 492

Wurden die eigenen Sorgen dadurch leichter, dass man sie mit denen des Bruders zusammenlegte? Sie schrak auf.

„Hier sind die Zigaretten, Vicki“, sagte Franz und startete eine weltmännische Verbeugung.

Sie riss die Packung auf und steckte sich und dem Bruder eine in den Mund.

„Und da ist die Post. Der Briefträger hat sie mir gleich auf der Stiege gegeben. Wird wieder ein schöner Mist sein, lauter Absagen!“ meinte er höhnisch. „Wir sind halt Pechvögel, wir zwei, du mit deinem Professor und ich mit dem andren. War uns auch nicht an der Wiege gesungen; aber so geht's halt. Erst wird man vom Schicksal verwöhnt — ich Kollegs mit üppigem Monatswechsel, du Körbe austeilende Jungfrau — und dann, wie Vater starb, war auf einmal nichts da oder wenigstens nicht viel. Das bisschen genügte gerade zum Fertigmachen für mich und für deine Kurse. Und dann hat sich alles vorschriftsmässig entwickelt. Bei dir diese Ehe, von der ich abgeraten habe, wie du weißt; bei mir diese blödsinnige Amerikafahrt. Dieser seriöse Herr in den besten Jahren war eine schwere Niete, Schwesterchen.“

„Du, ich mag das fein nicht, wenn man sich über Abwesende lustig macht!“ wies sie ihn zurecht. „Sei nur still, du hast auch deine Fehler!“

„Entschuldige, Vicki! Ich meinte nur wegen dieser Hemdennäheri da“, sagte er beschämt.

„Bei diesen Hemden werde ich nicht alt, des kannst du versichert sein. Das ist nur so ein Uebergang, lieber Bruder Franz.“

Sie schlitzte mit der Stoffschere die Briefe auf. Absage, Absage, Absage. Bezugnehmend auf Ihre wertere Offerte vom X-ten, bedauern wir höflich . . . Schade um das viele Porto. Plötzlich schrie sie auf: „Ach, sieh mal, Franz! Der Luniverlag nimmt dich als Lektor. 250 Mark im Monat. Habe ich nicht gleich gesagt, es kommt eine bessere Zeit? Man darf nicht immer sofort die Flinte ins Korn werfen. Du gehst hin und stellst dich vor! Deinen blauen Anzug habe ich ausgebügelt. Gib mir mal die Krawatte mit den roten Tupfen her!“

Sie war voll Geschäftigkeit und guter Rat-schläge, sie band ihm das Schleifen, sie bürstete ihn ab, sie schickte ihn weg. Seit dieser Brief gekommen war, schien mit einemal die Sonne ins Zimmer.

Als der Bruder gegangen war, sann sie nach, was sie ihrem Mann schreiben sollte. Es war Zeit, dass er ein Lebenszeichen von ihr erhielt. Ihre Zuneigung zu ihm war tot, langsam gestorben Stück um Stück, und Gottlieb musste das erfahren. Diese Ehe war ein Irrtum gewesen. Musste ein Irrtum lebenslänglich dauern? Sie nahm natürlich keinen Pfennig von ihm an, das war klar. Sie würde sich schon durchbeissen, jung und ungebrochen, wie sie war. Und es war Engassers Sache, eine Formel für die einzuleitende Scheidung zu finden.

Wenn ein Mensch viele Tage lang zwischen Tod und Leben pendelt, wenn ihn das Fieber schüttelt, die Schmerzen zwacken, die Angst beutelt, wenn er dergestalt zwischen Hoffnung und Grauen wie in einer Schrottmasschine hin und her gerieben wird, dann ist zu vermuten, dass wenigstens eines in ihm geschieht — dass er besinnlich wird. Und ist er kein ganz

und gar verderbter Bösewicht, so erschrickt er wohl auch ein bisschen über das Zeug, das er im Lauf der Jahre zusammengelebt hat.

Dem Manne Tutschek, nicht viel mehr als Haut und Knochen unterm Pyjama, erging es wenigstens so. Ziemlicher Misthund gewesen — ganz recht geschehen — vielleicht geht's für diesmal noch gut hinaus, so oder ähnlich waren seine Gedanken, wenn er aus dem Brei der Bewusstlosigkeit für ein paar Minuten hochkam und wie ein Schwimmer Umschau hielt. Mürbewerden, Selbsteinkehr, Besorgungsbereitschaft waren die Wegstrecken.

Als die Schwester des Dritten Ordens, Helene Bogenstaller, eines Morgens ins Krankenzimmer trat, erschrak sie. Ihr rundliches Gesicht, das immer wie frisch gewaschen aussah, drückte das deutlich aus. Dann kratzte sie sich mit dem Fingernagel in ihrem brav-gescheitelten Haar und sagte:

„Sie haben ja die Augen offen, Herr Tutschek! Schon lange?“

Tutschek blickte seine Pflegerin aufmerksam an und bewegte die Lippen, aber die Stimmbänder streikten.

„Brauchen Sie etwas? Wart, ich hole Ihnen warme Milch. Die wird Ihnen guttun. So, nun schlucken Sie mal! Ui jegerl, da ist wieder die Hälfte danebengelauten! Ein rechter Schwachmatikus sind wir noch! Aber Hauptsache: Wir haben's geschafft, wir sind überm Berg!“ redete Schwester Helene. Sie redete mit all ihren Kranken, ob sie nun zuhorchten oder nicht; denn diese Selbstgespräche stellten eine Fühlung her und schlugen Freund Hein in die Flucht.

Ja? dachte der Kranke ungläubig. Dann lächelte er ein bisschen, was ungewohnt und schmerzhaft war, weil die Wangenhaut spannte und die Lippen ausgedörrt waren.

„Auf meine Prognosen können Sie Häuser bauen! Soviel sag' ich Ihnen. Uebrigens ist der Arzt auch dieser Ansicht. Was macht denn unser Thermometerchen? 37.4? Recht ordentlich; das haben Sie gut gemacht, Herr Tutschek! Wollen Sie sich aufsetzen? So. Seit wann sind wir denn wach?“

„Schon lange“, krächzte der Kranke. Faule Luder sind die Stimmbänder! dachte er.

„Warum haben Sie denn nicht geklingelt? Die Klingelschnur ist doch um Ihre Hand gewickelt. In so einem Fall muss man die Schwester verständigen. Am Vormittag kommt der Arzt.“

Tutschek murmelte etwas von einem Spiegel.

Die Schwester tat ihm den Willen und brachte einen kleinen Handspiegel herbei. „Sie sehen natürlich ein bisschen mager und stoppelig aus. Erschrecken Sie nicht!“

„Was war denn los mit mir, Schwester?“

„Sie wissen doch, dass man Sie ins Bein geschossen hat. Oder wissen Sie das nicht?“

Er nickte schwach.

„Tja, und dann hat Sie also Doktor Fogg gefunden, sagte er, im Mühlhölzel nämlich, und hierher in Ihre Wohnung geschafft und behandelt. Sie waren die ganze Zeit her bewusstlos, denken Sie mal an! Aber jetzt brauchen Sie sich keine Sorge mehr zu machen, das Schlimmste ist überstanden, und das Bein bleibt nicht steif, meint der Arzt.“

„Der hiesige?“

„Ja, der von hier; welcher denn sonst? Das ist eine dumme Geschichte mit dem. Man hat seinen Revolver im Wasser gefunden, in einem Tümpel beim Mühlhölzel, und

eine Patrone war abgeschossen, oder wie man da sagt, und jetzt verdächtigen sie ihn, er sei der Täter gewesen.“

„Das ist doch Blödsinn!“ murmelte Tutschek. „Der war es ja gar nicht.“

„Ja, wer denn dann? Sie müssen das sagen! Der Kerl muss doch eingesperrt werden, und der Doktor Fogg muss doch auch zu seinem Recht und zu seiner Ehre kommen“, drängte die Schwester angelegentlich und sah den Patienten beschwörend an.

Tutschek schloss die Augen und schwieg. Er wollte nichts sehen, das viele Licht nicht und die dringliche Schwester schon gar nicht. Er wollte nachdenken, in aller Einsamkeit, wie er es schon oft getan hatte, wenn auch bloss für Minuten, er wollte mit sich zu Rate gehen, er brauchte einen Entschluss, und dann war dieser Entschluss plötzlich da.

Er öffnete die Augen und sagte ganz laut und ganz deutlich: „Der Kerl muss gar nicht eingesperrt werden! Ich bin ihm nicht böse. Es ist alles ganz gut so, wie es ist. Kann ich jetzt schlafen, Schwester?“

Schwester Helene war gekränkt und ver-dutzt. Sie wendete sich auf den Zehenspitzen ab und nahm sich vor, diese Wendung sofort dem Untersuchungsrichter mitzuteilen. Dann ging sie aus dem Zimmer. — — —

Als Dr. Jung am nächsten Tag am Krankenbett stand, wiederholte sich das Schauspiel des Gekränktheits und des Verdutztseins. Tutschek befreite zwar den Arzt und das Mädchen Anna von jedem Verdacht, aber er war nicht zu bewegen, den wirklichen Täter zu nennen. Dr. Jungs Weltbild geriet in Unordnung. So ein Fall war ihm noch nicht vorgekommen. Er zog alle Register seiner Ueberredungskunst.

„Aber, Menschenskind, begreifen Sie doch! Sie entziehen einen Verbrecher dem Arm der Gerechtigkeit. Das geht doch nicht! Wo kämen wir denn da hin? Ein Mensch knallt Sie über den Haufen, und Sie wollen ihn nicht angeben? Gestatten, aber ich finde das unerhört!“

Tutschek lächelte höflich.

„Herr Doktor Jung, ich bitte, mir eine Frage zu beantworten! Kann man mich zu dieser Namensnennung gerichtlicher Weise zwingen?“

„Zwingen gerade nicht. Aber ich rufe Ihr Moralgefühl an!“

„Verzeihen Sie, wenn ich in diesem speziellen Fall mich zum Schweigen verpflichtet fühle. Ich kann Ihnen das nicht so erklären, aber ich habe reiflich darüber nachgedacht, und ich bitte, es mir nicht als Widersetzlichkeit auszuliegen.“

„Sie wollen den Täter also schonen? Haben Sie wenigstens eine einleuchtende Ursache bei der Hand? Geschah die Tat aus Versehen, aus Ungeschicklichkeit, aus Notwehr oder aus was eigentlich?“

„Nehmen Sie an, Herr Untersuchungsrichter, es seien Umstände vorhanden, die mich die Tat als berechtigt empfinden lassen, als eine Art wohlverdiente Strafe“, murmelte Tutschek und wagte nicht aufzusehen.

„Ach so, Sie verweigern also die Aussage, weil Sie fürchten, sich selbst zu belasten?“

„So ähnlich, Herr Untersuchungsrichter.“

Dr. Jung grüßte kühl und ging. Er war unzufrieden wie ein Mathematiker, dem eine Gleichung nicht aufgeht.

Die Kunde von Foggs Unschuld brauchte nicht ganz dreissig Minuten, um ihren Weg durch Schellenberg zu machen. Anna war selig darüber, und der übrige „Beritt“ triumpierte. Man zerbrach sich die Köpfe, warum Tutschek den Täter beschwieg.

„Ist doch klar, Herrschaften!“ schrie der Fenzl und hieb mit der Faust auf die Tischplatte der Kantine. „Das Bürschlein hat eben selber Dreck an Stecken. Vielleicht fürchtete der Tutschek die Rache des anderen, wenn er ihn anzeigt.“

Als letzter erfuhr Professor Engasser von der unerwarteten Wendung, die es mit Fogg genommen hatte. Als die Köchin Emerenz die Neuigkeit in seinem Arbeitszimmer abgeladen hatte und verschwunden war, griff er sich verblüfft an den Kopf. Fogg unschuldig? Das hätte er nicht gedacht. Dann beschlich ihn ein unangenehmes Gefühl. Wer hatte Fogg so hineingeritten? Er! Dass er den Revolver hatte abliefern müssen, war ja selbstverständlich. Aber die Gesinnung damals, mit der dies geschah, war nicht einwandfrei; zuviel Hass und Rachsucht, zuviel Schäbigkeit und Schadenfreude waren dabei im Bunde gewesen.

Engasser schritt an das Fenster zu seinen Aquarien. Die blau gestreiften Zebrabarben sausten in bräutlichen Glück die Scheiben entlang, und das Makropodenmännchen baute eifervoll an seinem Schaumnest. Hier war eine kleine, grüne Welt, in der das Auge ausruhte. Der Professor entfernte ein abgestorbenes Sagittarienblatt von der Wasseroberfläche, aber er war nicht recht bei der Sache. Er dachte ärgerlich:

Herrgott, komme ich denn niemals zur Ruhe! Immer ist eins von den beiden um mich, dieser Fogg oder diese Viktoria, manchmal auch alle beide. Er wendete sich von den Aquarien ab und wanderte unstedt durch das Haus. Er riss Türen auf und schloss sie, er riss Schubladen auf und machte sie zu. In Viktorias Schlafzimmer öffnete er den Kleiderschrank. Zarter Duft, halb Seide, halb Flieder, schon etwas entwirklicht, quoll ihm entgegen.

(Fortsetzung folgt.)

Existenzkampf und Alltag

Der eine wie der andere stellen von Tag zu Tag grössere Ansprüche an jeden Einzelnen von uns. Wer in seiner geistigen und körperlichen Spannkraft anfängt fühlbar nachzulassen, wird ausgeschaltet, um dem Leistungsfähigeren Platz zu machen.

Soweit darf es niemand kommen lassen, der nach vorwärts strebt. Wenn die Anforderungen an Geist und Körper gross sind, besonders hierzulande im subtropischen Klima, dann muss man eben wenigstens jährlich einmal etwas Ausserordentliches für seine Gesundheit tun. Den Nerven gibt man neue Aufbaumstoffe durch eine Kur mit Tonofofan. Diese hochwertige, organische Phosphorverbindung schafft den so notwendigen Kräfteausgleich. Tonofofan, ein Bayer-Produkt, erhöht das körperliche Wohlbefinden und stärkt die Nerven.



Dipl. Ing.
ARNOLD BRUNE
Engenheiro Civil
Escritorio: Rua General Camara 20 - 3. Stock
Rio de Janeiro Tel.: 23-0951

Bauperatung
Statische Berechnungen

Spezialität:
Fabrikbau
und weitgespannte Hallen
in Holz, Eisen und Beton
Wasserschürfungen
Brunnenbau, Wünschelrute

BAR UND RESTAURANT
Cidade Heidelberg
GUTE BRASILIAN. U. DEUTSCHE KÜCHE
Sonntags geschlossen
Feiertags geöffnet bis 3 Uhr nachmittag
Rua Miguel Couto 65 (früher Ourives), RIO
Tel. 23-0658

Bar und Restaurant VICTORIA
Rio - Rua 1.º de Março 33 - Tel. 23-4347
Besitzerin: Wwe. WILLY HARDT
MITTAG- UND ABENDESSEN
La Küche Brahma-Chopp
Verkehrslokal des Kyffhäuser-Bundes

"UFAR"

Electro-Transformadores Ltda.
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega, 84, sobr.
Telegramadresse: „UFAR“

Fabrikation von: Transformatoren jeder Art

Zimmerantennen

Import von: Stablaternen

Fahrradlaternen

Trockenelementen

Radio-Material

Messinstrumenten



Casa Westfalia

Das deutsche Feinkostwarenhaus im Zentrum.
Alle Spezialitäten in frischen und Dauerwaren.
Aufschnitt, Konserven, Weine, Liköre, Butter,
Landbrot, Honig usw.

Bar- und Restaurationsbetrieb
Deutsche und internationale Küche. Täglich kalte
und warme Spezialplatten. Deutsche Bedienung.
Jens Jensen - Rio - Rua da Assembléa 37

Casa Germania

RESTAURANT UND BAR
GEORGI & FUCHS

SPEZIALITÄT: Mittag- u. Abendessen
Aufschnitt

RUA DOMINGOS FERREIRA, 220 - RIO
(Ecke Barão de Ipanema)

Geöffnet bis 1 Uhr nachts - Tel. 47-0805

Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock
Tel. 42-3601

Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte
Stets frischer Schoppen - Reichhaltige Getränke

Vertretung

des

Deutscher Morgen

R. dos Andradas 84

2. Stock, App. 23

Telefon 23-4977

BAR E RESTAURANT "ZEPPELIN"

Inhaber: Oscar Geidel / Telefon 27-1289

Ipanema, Rio, Rua Visconde Pirajá Nr. 499

Grosse Auswahl in Aufschnitt, Salate, Konserven,
Käse / In- und ausländischen Weinen / Belieferung
für Cocktailabende und andere Festlichkeiten
Frei Haus

Merztetafel Rio

Dr. Fridel-Schöpfe

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto 5
von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. - Wohnung:
Tel. 22-9930 Rio de Janeiro

Dr. Archimedes Peçanha

Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão no H. S. F. de Assis

Ohren-, Nasen- und Halsleiden

Consultorio:

Rua Quitanda 5 - Tel. 22-5550 - Rio

Haut- und Geschlechtskrankheiten

Dr. Paul Cardozo-Legène

in Deutschland ausgebildeter und approb. Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock

Telephon 22-0912 Rio de Janeiro

Sprechstunden: 9-12 und 3-6

Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

Preiswert Kölnisch Wasser Erfrischend

das beliebte Qualitätsprodukt der

Deutschen Apotheke - Rio

Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

LACERDA ORTIZ

DO MEU CANTO

O caso da Noruega - Diferença de relógios - A repercussão moral ao eixo anglo-frances

São Paulo, 20 de Abril 1940.

(Especial para o „D. M.“)

Como vimos no ultimo artigo, a biologia da moral da ciencia alemã, já havia demonstrado exuberantemente ao mundo que, pouco a intimidavam os recursos pecuniários e navais da Inglaterra, na luta que presentemente sacode a Europa.

E' que, a química do trabalho teuto, fazia brotar do cadinho magico da sua grande tecnica de insuperavel rendimento, universalmente falando, todos os recursos moraes e materiaes, formadores dos laços indestrutíveis que prendem a confiança do povo á acção do governo, confiança que despontou ao coração de todos os filhos da Alemanha como a resultante intrepida do esforço sincero do Nacional-Socialismo.

O mundo, depois do Tratado de Versalhes, vinha sendo saturado de idéas novas nos domínios da sociologia. Da immensa fogueira que ardera no sólo europeu, ha vinte e cinco annos, só restavam rolos de cinza gerados de toda a sorte de agruras.

Urgia, portanto, e cada vez mais que, a patria de Bismarck já arrastando pelo becco da amargura, toda a casta de tributos originarios das imposições do tratado, se dispuzesse a um tipo de reacção em que o trabalho nacional se pudesse desenvolver activo, dentro

inglez fiel ao estrabismo educacional que sempre preside aos seus movimentos de cterna vontade de supremacia politica mundial.

Por que nascera a segunda visão do bloqueio economico?

E' imprescindível que rememoremos a phase inicial do bloqueio contra a Alemanha. Teria elle dado os resultados previstos pelo almirantado britannico? E o systema de comboios?

Neste momento, o mundo, pela grande bocca da verdade, sabe que os resultados advindos daquele tipo de cerco, foram bem pequenos. A sabedoria ingleza se mostrava surpresa com as vastas cargas de mercadorias que a Alemanha continuava a receber. No mar, a aviação germanica fazia aos comboios da marinha mercante da Albion, o mesmo que faz uma pedrada violenta em uma caixa de vespas.

Falhava o golpe londrino. Não havia tempo a perder. Outro alvitre era de urgentissima applicação. E foi assim que surgiu a guerra economica. Nella estava o veneno atroz que faria ostribuchar o corpo gigantesco da Alemanha. Nessa nova medida estava a grande córdia que deveria laçar pela garganta o poderio defensivo e offensivo do nazismo, que acabava de ganhar uma grande e rutilante victoria, sem dar um unico tiro: a queda do ministério francez e renovação, em parte, do britannico.

Era, consequentemente, a voz de novas energias politico-moraes da Inglaterra e da França que ia reboar infallível pelos quatro pontos cardiaes.

Um bloco de ferro entregue ás officinas alemãs é um grave perigo, considerava o pensamento inglez, que acrescentava: ellas operam prodigios, e transformam-no em ouro dentro da sua moral scientifica. A sua siderurgia, em surpreendente tecnica de rendimento, obedecendo á formosa theoria de Bernhard Koehler, que ensina „a riqueza de um paiz não está na abundancia da materia prima, mas no aproveitamento das sobras“ é um dos mais altos estágios da intelligencia humana no sentido industrial. E assim concluindo, o eixo franco-anglo coordenava os primeiros movimentos para estancar na fonte, tão severos inconvenientes. Onde, porém, a fonte?

Volveu o olhar para o norte da Europa. Lá em cima, Lá na península bem proximo ás geleiras. Lá estava o mal. Era lá na Noruega que jaziam recursos minerios empolgantes que alimentavam ás forjas do trabalho allemão, facultand-lhe todos os meios da homérica resistencia.

O Baltico precisava ser minado. O Skagerak com a bocca bem calafetada. O Atlantico, severamente patrulhado, desde o Cap Nord até ás portas da Hollanda. Ferro e outros elementos minerios, bem como viveres, não deveriam jamais ser entregues á Alemanha. E assim concebendo, o almirantado inglez annunciou ao mundo: „Está resolvida a equa-

ção! A Alemanha, senhores, vae estribuchar!“ Era, porém, necessaria uma interferencia mais directa á acção da Noruega, dentro da sua neutralidade. Mas, esta já estava prejudicada com o caso do „Altmark“, e demais, razões de ordem superveniente a determinavam. Por que vacillar então? A noite da verdade já ia alta e uma alvorada poderia bem anunciar surpresas tardias.

Era mais um farpão que se ia cravar ao dorso germanico. Como poderia este proseguir na attitude bellicosa ameaçadora, sabendo-se que a sua estrutura no sentido tecnico-militar depende da siderurgia. Carvão tem ella para abastecer ao mundo, mas ferro não. E a guerra sempre exige a soberania physico-quimico do precioso metal. Sem elle, não ha movimentação ascendente e victoriosa.

Demais, os paizes neutros, após o famoso „discurso domestico“ de Churchill, deveriam aceitar sem vacillação, a protecção britannica, que lhes iria certamente garantir a existencia politica... E a Noruega estava tipicamente no caso. O aspecto juridico do controle inglez ás suas aguas territoriaes, era uma questão julgada em definitivo. Oslo deveria assim interpretar. Aguas territoriaes não podiam e não deveriam estar subordinadas á livre navegação germanica. Não havia o poderio financeiro londrino lhe aberto a gorda bolsa de ouro para formidaveis compras? Não era isto uma sábia e logica compensação? Os sertimentos patrios da nacionalidade ficariam para futura apreciação e seriam fartamente retribuidos. A Sociedade das Nações promover-lhe-iam justiça.

A protecção britannica é que não poderia deixar de penetrar no sólo noruegues. Era acção juridicamente accetavel e militarmente imprescindível.

Deuse começo á tarefa. Minou-se os mares que banham a península escandinava. Estava prompta a barreira que faria voar pelos ares, em cacos, a esquadra teuta. Os depositos de ferro exportaveis, via Narvik, estavam guardados em tumulos intangiveis. Morta para sempre a esperança allemã de obter o naquella paragem. As forjas do nazismo iam dar com os costados no becco das necessidades.

Sempre o perseverar nos erros de ordem psychologica quanto á emotividade alheia, assim se mantem a Inglaterra. Não viu ella, porém, que largos estudos estavam sendo jogados no taboleiro de Hitler? Não sentiu ainda que o poliformismo allemão quanto á applicação dos seus planos tem sempre caracter enigmatico, intelligentemente despistador? Para que lado vibraria o golpe?

Sempre vim a saber que a estrategia allemã joga com factores até de ordem astronómica. O meridiano official de Londres marca certa hora. O de Berlim, naturalmente, outra. Como se vê uma questão de ponteiros de relógio.

O mostrador allemão diz uma coisa. O londrino, outra.

Acontece, porém, que a estrategia nazista, auscultando attentiosamente aos movimentos inimigos, sorrateiramente adeantou o relógio de dez horas. Um avanço portanto de 600 minutos apenas. Nesse espaço de tempo, precisamente, é que a sua esquadra movimentou-se, como que por encanto, deixando o mundo boquiaberto, e zarpando a todo o vapor em demanda da Noruega, cujo sólo occupa, em parte grande, após sérios combates. Mais uma

importante etapa estava solucionada e a magestade do ferro em mãos dos nazistas.

As providencias da intervenção britannica eram tardias. Foi a esta altura, consequencia da differença de relógios, que o poder londrino pediu, da larga poltrona, uma ligação para Oslo.

Uma telephonista gentil, em meliflua voz, acudiu ao chamado, e respondeu: „A linha está occupada...“

A repercussão do extraordinario feito da esquadra allemã foi intensa nos ambientes politicos da Inglaterra e da França. A luta para a consolidação das tropas invasoras prosegue e nenhum prognostico se pode formular quanto ao final. O que não permite duvida é que o campo da guerra está ampliado e em poder da Alemanha as mais preciosas fontes do ferro escandinavo. Por intermedio dellas, inevitavelmente, a tecnica militar germanica, terá assombroso desenvolvimento e lhe facultará longa e efficaz resistencia.

De onde se conclue: o relógio trabalhou a favor dos alemães. Teremos, mais outras 10 horas de avanço?



lar quanto ao final. O que não permite duvida é que o campo da guerra está ampliado e em poder da Alemanha as mais preciosas fontes do ferro escandinavo. Por intermedio dellas, inevitavelmente, a tecnica militar germanica, terá assombroso desenvolvimento e lhe facultará longa e efficaz resistencia.

De onde se conclue: o relógio trabalhou a favor dos alemães. Teremos, mais outras 10 horas de avanço?

Irradiações em lingua portugueza

As irradiações das Emissoras Allemãs de Ondas Curtas, Berlim, com antenas dirigidas para o Brasil, serão transmitidas diariamente pelas estações DJP (11855 kiclos - 25,31 m) e DJQ (15280 kiclos - 19,63 m). Estas irradiações realizadas todos os dias das 18,50 ás 23 horas (hora local), em lingua portugueza, apresentarão como de costume dois serviços noticiosos de ultima hora, o primeiro ás 20 e o segundo ás 22 horas.

Além das transmissoras acima mencionadas, irradiam mais outras tres emissoras allemãs com antenas dirigidas para a America do Sul. Estas irradiações sao feitas em lingua hespanhola. A seguir os prefixos, ondas e horarios das referidas emissoras: (hora local)

DJE - 17760 kiclos - 16,89 metros - das 8,00 ás 10,15 horas

DJW - 9650 kiclos - 31,09 metros - das 18,50 ás 1,00 hora

DZC - 10290 kiclos - 29,15 metros - das 18,50 ás 1,00 hora

DIE EDELSTEINE BRASILIENS



AQUAMARINE
TURMALINE
TOPASE UND
AMETHYSTE

IN GOLD SILBER-UND
PLATIN FASSUNGEN

Hermann Meng

RIO DE JANEIRO
RUA BUENOS AIRES, 85 • TEL.: 23-3685
1. ANDAR • ELEVADOR

SIEMENS

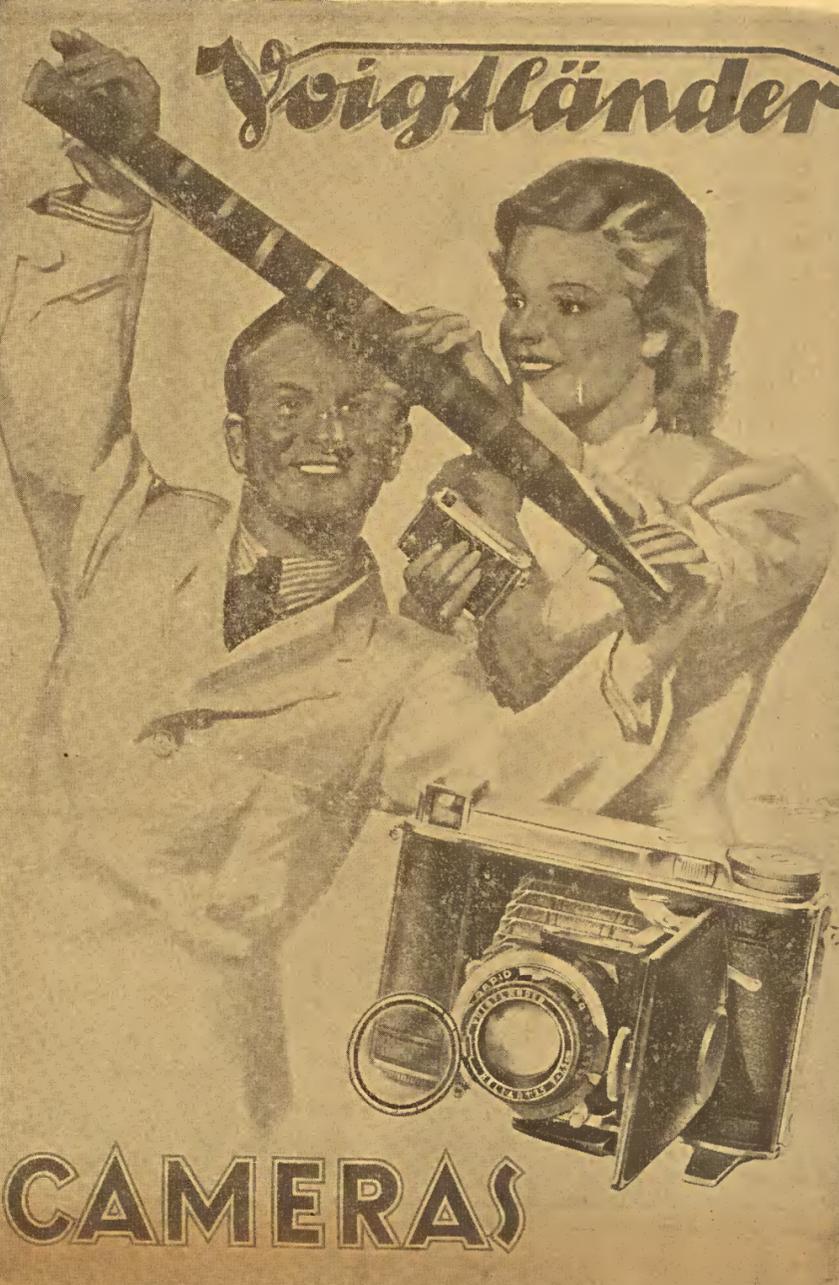
**Elektrizität
in Haushalt und Werkstatt**

Siemens-Schuckert S/A

Rio de Janeiro
Rua General Camaro, 78

São Paulo
Rua Florencio de Abreu, 43

Voigtländer



CAMERAS

D. Schebek



**KABINEN- UND
COUPEKOFFER,
REISETASCHEN,
HUTKOFFER, AK-
TENMAPPEN,
SCHULTASCHEN,
GUERTEL, BRIEF-
UND GELDTA-
SCHEN, REPARA-
TUREN.**

Rua General Camara, 137 — Tel.: 23-1114

Officina

für Schreibmaschinen u.
Reparaturen/Reinigung
von Schreibmaschinen

Tel. 23-5179

Ricardo Knoblich

Rua Theoph. Ottoni 122
loja
RIO DE JANEIRO

**Rio-
Besucher**

befucht

DANUBIO AZUL

Avenida Mem de Sá 34

Telefon 22-1354

Prima Küche

Täglich Konzert

Im ersten Stad Tanz

Bar und Restaurant Fischerklause RIO - Tel. 43-5178

Rua Th. Ottoni 126 / Deutsche Küche / Brahma-Chopp — Inhaber: **Fritz Schaade**

Reparaturwerkstätte für
feinmech. und optische
Instrumente, Füllfeder-
halter und Füllbleistifte

HERMANN SEIBEL,
Rua Miguel Couto 65,
1. Stock - Tel. 23-1652

Mit Bomben gegen Englands Flotte

Im Fliegerhorst herrscht um die Mittagsstunde vor den Hallen Hochbetrieb. Erst in der Nacht zuvor sind die Flugzeuge von einem Einsatz in Scapa Flow zurückgekommen, und dennoch stehen sie jetzt schon wieder einsatzbereit, sorgsam bereitet von den Männern des Bodenpersonals, die mit ihrem Pflichtbewusstsein und ihrer Gründlichkeit die Voraussetzungen schaffen für alle Erfolge der fliegenden Verbände. In den Bereitschaftsräumen sind die Besatzungen versammelt, die an dem Tage, da Deutschland Schritte unternommen hat, um entgegen den Absichten der Feinde Nordeuropa nicht zum Schauplatz des Krieges werden zu lassen, eine besonders grosse Aufgabe bekommen haben.

Bereits am Vormittag sind an der Westküste Norwegens in der Höhe von Bergen starke feindliche Streitkräfte gemeldet worden. Das ist für die Männer des Geschwaders ein gefundenes Fressen; gerade an dieser Stelle hat man sich Albions Flotte längst einmal gewünscht.

Es dauert nur wenig mehr als zehn Minuten, bis die verschiedenen für diese Aufgabe eingesetzten Flugzeuge mit ihrer schweren Bombenlast gestartet und in Richtung Nordwest am Horizont verschwunden sind. Die Zurückbleibenden wissen, dass der Anflug über eine weite Strecke führt und einige Stunden dauern wird. Man weiss im Horst aber auch genau, dass die Männer droben in den zweimotorigen Kampfmaschinen die ihnen gestellte Aufgabe mit aller Gründlichkeit anpacken und erfüllen werden.

Stunden später herrscht in der Befehlsstelle einige Aufregung. Die Uhr zeigt die fünfte Nachmittagsstunde an. Jetzt müssen weitoben im Norden die eingesetzten Flugzeuge die feindlichen Schiffe erreicht haben. Jetzt in diesen Minuten müssen die Bomben auf die

feindlichen Flotteneinheiten niedersausen und Tod und Verderben bringen.

Kurz nach 17 Uhr trifft die erste Funkmeldung von einem der deutschen Flugzeuge ein; in kurzen Abständen laufen weitere Meldungen ein. Die Maschinen sind sämtlich wieder auf Heimatkurs, und es ist kaum eine Besatzung, die nicht Angriffserfolge melden kann.

Als kurz vor dem Dunkelwerden auch die beiden letzten noch ausstehenden Flugzeuge zurückkehren und die Besatzungen ihre Berichte gemacht haben, weiss man, dass das Kampfgeschwader wieder an einem grossen Erfolg beteiligt ist, und die britische Flotte durch viele schwere Treffer auf grössere und kleinere Einheiten einen neuen, vernichtenden Schlag erhalten hat.

Eines der grossen Schlachtschiffe bekam, wie eine Flugzeugbesatzung berichtete, einen schweren Treffer auf die Bordwand oder hart daneben. Die Flieger beobachteten starke Rauchentwicklung und Absacken des Schiffes nach achtern als Wirkung des Treffers.

Die Britenschiffe haben erneut erfahren müssen, dass Deutschlands Kampfflugzeuge überraschend und mit allergrösster Wucht zuschlagen.

Putz onfroyt

Das Wichtigste der Woche

Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Uemã)

Berlin, 24. — Der Führer ernannte den Operpräsidenten der Rheinprovinz, Josef Terbofen, zum Reichskommissar für die besetzten Gebiete in Norwegen. Terbofen ist einer der ältesten Mitkämpfer des Führers und besonders eng mit Göring befreundet.

Berlin, 24. — Ein Angriff britischer Bomber auf die Insel Sylt scheiterte bereits zu Beginn am starken Abwehrfeuer der deutschen Flak. Die Flugzeuge liessen, um bessere Bewegungsmöglichkeit zu haben, die meisten Bomben ins Meer fallen. — Südwestlich von Stavanger wurden drei britische Flugzeuge von der deutschen Jagdabwehr abgeschossen. — Die Briten bombardierten die offene Stadt Oslo, da ihre Angriffe auf den dortigen Flughafen ohne Erfolg blieben.

Berlin, 25. — In den Kämpfen bei Stavanger nahmen deutsche Truppen bei den letzten Gefechten 50 Offiziere und 1300 Mann einer norwegischen Division gefangen.

Berlin, 25. — Der Reichssportführer von Tschammer und Osten wurde zum Präsidenten der deutsch-italienischen Gesellschaft ernannt.

Prag, 25. — Eine Verordnung der tschechischen Protektoratsregierung bestimmt, dass die Juden aus den öffentlichen Diensten, den freien Berufen und dem politischen Leben ausgeschaltet werden sollen. Jüdische Rechtsanwälte, Aerzte und Schriftleiter werden aus den Berufslisten gestrichen.

Stockholm, 25. — Im hiesigen Hafen liegen zurzeit 15 deutsche Kohlendampfer. Die Versorgung Schwedens mit deutscher Kohle ist gesichert.

Oslo, 25. — Die norwegische Nationalzeitung „Fritt Folk“ vergleicht das Auftreten der deutschen Luftwaffe mit demjenigen der englischen Flieger, die nachts über Oslo erschienen und ihre Bomben wahllos auf Wohnviertel herabwarfen. Die Deutschen hätten bei der Einnahme Oslos dank ihrer überlegenen Manövrierkunst die Stadt völlig unbeschädigt gelassen. „Das ist in Wahrheit die Kriegsführung des ritterlichen Engländer, deren Geschäfte von der ehemaligen norwegischen Regierung sogar unterstützt und besorgt wurden,“ so schliesst das Blatt.

Oslo, 25. — Zwischen der Ernennung eines Reichskommissars und der Bestimmung eines Reichsprotectors besteht nach Mitteilung des Osloer Senders der Unterschied, dass der Reichskommissar nur während des Krieges, d. h. während der Besetzung des Landes durch deutsche Truppen, sein Amt ausübt.

Oslo, 25. — Die alte Regierung Nygaardsvold soll am Mittwoch ihren Sitz weiter nach Nordnorwegen verlegt haben. Der Aufenthalt König Haakons ist nach Verlassen des Ortes Trysel unbekannt.

Belgrad, 25. — Der Leiter des englischen Geheimdienstes in Jugoslawien, der Jude Major Julius Hanau, ist hier eingetroffen, nachdem er zwecks Empfang von Anweisungen während der Zusammenkunft der britischen diplomatischen Vertreter auf dem Balkan und

in der Türkei eine Zeitlang in London gewohnt hatte.

Berlin, 25. — Angesichts der in letzter Zeit wiederholten Angriffe britischer Bomber auf offene kleine Städte an der Westküste Schleswig-Holsteins wird von zuständiger deutscher Seite erklärt, dass, wenn die Engländer mit den Bombenabwürfen auf nichtmilitärische Ziele fortfahren sollten, sie eines Tages ein unangenehmes Erwachen erleben würden, da die Losung dann heissen würde: Bombe für Bombe.

Kämpfe im Gudbrandtal

Oslo, 25. — Die deutschen Truppen gehen gegenwärtig hauptsächlich im Gudbrandtal vor, das sich von Oslo in nordwestlicher Richtung bis zum Hafen Andalsnes am Moldefjord erstreckt. Dieses Tal gilt als das fruchtbarste ganz Norwegens. Es wird von einem kleinen Fluss durchzogen, der vielfach durch Anstauungen und Seen unterbrochen ist. Das verhältnismässig breite Tal geht in 1000 Meter Höhe in ein waldloses Gebiet über, das von Zwergbirken bestanden ist und auf dessen Hochsteppen Renntiere leben. Weiter höher tragen die Gebirge bereits alpinen Charakter. Der gesamte Strassenverkehr spielt sich im Tale ab. Am Südausgang des Tales liegt der Mjoesensee, an dessen Ufer das Städtchen Lillehammer liegt, das sich im Besitz deutscher Truppen befindet. Der Eisenbahnknotenpunkt Dombas wurde von deutschen Fliegern zerstört, da die Landungstruppen der Alliierten von Andalsnes her über Dombas vorzudringen versuchten.

Berlin, 25. — Die von der deutschen Luftwaffe an verschiedenen Stellen der Westfront eingesetzten neuen Heinkel-Jagdflugzeuge haben sich hervorragend bewährt. Sie sollen bezüglich ihrer Steigfähigkeit und Wendigkeit das Messerschmitt-Flugzeug noch übertreffen.

Berlin, 25. — Wie die „Berliner Börsenzeitung“ in einem Sonderbericht aus Warschau schildert, ist es dort der deutschen Verwaltung mit Hilfe des polnischen Gemeinderates gelungen, die Ordnung, Sauberkeit, Recht und Sicherheit wieder völlig herzustellen. Die Barrikaden sind aus den Strassen verschwunden, die Schützengräben in Parks und auf öffentlichen Plätzen wurden zugeschüttet, überall gibt es Trinkwasser, Licht und Strom.

Am 21. April 1940 starb an einer kurzen Erkrankung der Reichsdeutsche

Kurt Arnold

aus Serra Negra

Sein unermüdetes Schaffen in seinem Wirkungsbereich sichert ihm ein bleibendes Andenken über sein Grab hinaus.

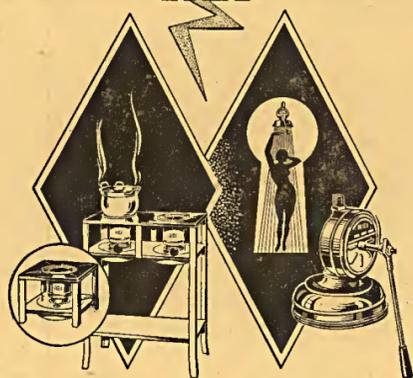
Die Heimat hat er nicht wiedersehen sollen, aber mit feinem Herzen stand er treu und opferbereit zum Dritten Reich.

Serra Negra, Paranaqua, den 22. 4. 1940

Seine Kameraden.

DIE ELEKTRISCH BEHEIZTE BADEDUSCHE UND DER ROHÖLGASKOCHER UND HERD

Fabrikate der Marke **REI** Vertrauens-Marke



wurden zu wirklichen Freunden der guten Hausfrau, höchste Vollendung neuzeitlicher Hygiene, Bequemlichkeit, Sparsamkeit, Sicherheit und tägliche Freude in Küche und Bad. Prospekte und weitere Aufklärung durch die

**INDUSTRIAS REI
INGENIEUR H. WACKER**

FABRIK: Rio, Rua Ev. da Veiga, 132-A - Tel.: 42-9770
BÜRO: Rua das Marrecas, 5 - Tels.: 22-5860 - 42-4537

FILIALEN:

S. PAULO: Rua Bar. de Itapetininga, 112-A, lj. 14 Tel. 4-4738
SANTOS: Rua Amador Bueno, 60 - Telefone: 6141
BELLO HORIZONTE: Rua São Paulo, 686 - Tel: 2-2969
PORTO ALEGRE: Rua Christ. Colombo, 2134 - Tel.: 3272



**DIE NÄHMASCHINE
FÜR JEDEN HAUSHALT**

AGENTEN AN ALLEN PLÄTZEN

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

**POMADA
HAEDENSA**

das nie versagende deutsche Schutz- und Heilmittel gegen **HÄMORRHOIDEN**
Billiger Preis
Praktische Anwendung



Pertussin
„Jaesdiner“
der deutsche schleimlösende

**CRYSTALLOSETTEN
„HEYDEN“**

reinsten Süß-Stoff von höchster Konzentration
450mal süßler als Zucker
Für Korpulente, Zuckerkranke und Säuglinge

HUSTENSAFT

auch bei Keuchhusten wirksam, schmerzstillend

Hauptvertrieb:

Carlos Kern & Cia. Ltda. / Rio de Janeiro / Caixa postal 1912

Die Kanalisation funktioniert ordnungsgemäß. Zehn Sanitätsabteilungen leisten der Bevölkerung ärztlichen Beistand. Wie sonst blüht der Strassenhandel mit Kuchen und vor allem mit Zigaretten. Ein neues Bild stellen lediglich die jüdischen Arbeiterbrigaden dar, die, mit Schaufeln, Spaten und Besen bewaffnet, die Strassen von den Ueberresten reinigen, die beim Bau der Wege zurückbleiben. In dem Bericht heisst es abschliessend, dass sehr viele Polen bereits die von der deutsch-polnischen Verwaltung geleistete Arbeit anerkennen, dass aber andererseits ein Teil der Bevölkerung von dem schnellen deutschen Sieg immer noch wie betäubt ist und den Gedanken einer feindseligen Propaganda noch nicht ganz aufgegeben hat.

Berlin, 26. — Der Reichskommissar für die besetzten norwegischen Gebiete ist bereits am Donnerstagnachmittag in Oslo eingetroffen. Er hat sich einen kleinen ausgesuchten Stab von Beamten und Fachleuten aus allen Gebieten des öffentlichen Lebens, der Wirtschaft, des Finanzwesens, der Agrarpolitik und der Verwaltung mitgenommen.

Berlin, 26. — England ist trotz des Ankaufs der gesamten Wolle Australiens, Neuseelands und Südafrikas (zwei Drittel der Weltwollproduktion) genötigt, den Verbrauch von Wolle zu vermindern, da die Schiffe zum Transport dieser ungeheuren Käufe in Uebersee fehlen.

Berlin, 26. — Die grosse deutsche Sammelaktion von Bronze-, Kupfer- und Zinkgegenständen wird durch eine grosse Eisenammlung ergänzt, die im Sommer stattfinden soll und bei der Gartenzäune und Gitter der Reichsverteidigung zur Verfügung gestellt werden.

Newyork, 26. — Durch eine Proklamation des Präsidenten Roosevelt wurde den U-Booten kriegführender Mächte das Befahren nord-amerikanischer Hoheitsgewässer oder das Anlaufen ihrer Häfen verboten.

Washington, 26. — Der Senator Pittman lässt durch die Presse ein Dementi veröffentlichen. Demzufolge hat er in einer am 16. April gehaltenen Rede nicht gesagt, dass nach Ansicht der Washingtoner Regierungskreise die Alliierten verlieren würden, wenn es ihnen nicht gelänge, die Deutschen innerhalb von 30 Tagen aus Norwegen zu vertreiben. Dies wäre nur seine private Meinung gewesen.

Berlin, 26. — Obwohl die norwegische Regierung versprochen hatte, die Erzverschiffung über Narvik in der bisher üblichen unpar-

teischen Weise fortzuführen, hat sie sich an dieses Versprechen nicht gehalten, wie aus einigen Zahlen hervorgeht. Während nach Deutschland im Monat Februar 1940 nur rund 100.000 Tonnen gegen 475.000 Tonnen im selben Monat des Vorjahres verladen wurden, erhielt England 132.000 Tonnen im Februar 1940 gegenüber 70.000 Tonnen im selben Monat des Vorjahres. Von zuständiger deutscher Seite wird erklärt, dass der schwedische Erzhafen Luleå jetzt eisfrei sei und daher von deutschen Erdzählern, die bisher nach Narvik gingen, angefahren werde. Der Ausfall Skandinaviens bedeutet für England einen nicht zu ersetzenden Verlust. Nicht nur, dass 35 vH. aller Eisenerze aus Schweden und Norwegen kamen, nicht nur, dass die grosse norwegische Handelsmarine samt ihrem 300.000-Tonnen-Tankerraum vorzugsweise für England arbeitete, sondern das zukünftige Ausbleiben der 25 vH. der gesamten norwegischen Ausfuhr und 55 vH. der dänischen Ausfuhr wird England noch schwer zu spüren bekommen.

Beffimismus in London

Amsterdam, 26. — Bei den Alliierten macht sich die Enttäuschung über die missglückten

Manöver ihrer Truppen in Norwegen in starkem Masse bemerkbar. Von der amtlichen Reuter-Agentur wird die Öffentlichkeit schonend auf die Niederlagen der Alliierten vorbereitet. Die britischen Truppen hätten an schlechten Hafenplätzen landen müssen, da die guten von den Deutschen besetzt worden wären. Nur mit Marschgepäck, ohne schweren Waffen und sonstigen Nachschub wären die Expeditionstruppen an Land gegangen und hätten sich gegen die deutschen Fliegerangriffe nicht verteidigen können. Man tröstet sich mit der Versicherung, dass die Zeit für die Alliierten arbeite und dass man in Zukunft die Landungen besser vorbereiten will.

Amsterdam, 26. — Der Rückzug der britischen Truppen in Gudbrandtal bei Dombas wird von amtlicher britischer Seite bestätigt. Die deutschen Verbände gehen unter dem Schutz schwerster Kampfmittel, wie Artillerie, Panzerwagen und tieffliegende Flugzeuge vor, gegen die die Expeditionstruppen machtlos sind.

Rom, 27. — Die italienische Presse schildert die Aussichtslosigkeit der Bemühungen der Alliierten in Norwegen. In den ersten Kriegsmonaten hätte England wenigstens noch Rohstoffe aus Skandinavien bekommen, jetzt

sei ihm die Halbinsel völlig entzogen. Die britische Flotte müsste jetzt vielmehr noch Lebensmittel nach Norwegen schaffen, um die kanadischen, neuseeländischen und französischen Truppen zu versorgen. Die englische Flotte setze sich beim Geleit der Transportschiffe den vernichtenden Angriffen der deutschen Luftwaffe aus, die noch grösser würden, wenn die von den Deutschen besetzten Gebiete zu grossen Flugzeugträgern gemacht würden. Die Westmächte hätten die Ausdehnung des Krieges auf Skandinavien verhindern können, denn Deutschland hätte von sich aus die Neutralität Norwegens niemals verletzt. Gegenwärtig ständen etwa über ein Dutzend bestens ausgerüsteter deutscher Divisionen in Norwegen. Die Briten hätten sich, so schliesst ein Blatt, in ein sehr gefährliches Abenteuer eingelassen. — Gleichzeitig wendet sich die Presse scharf gegen die italienfeindlichen Drohungen der Westmächte mit der sogenannten „Orientarmee“.

Rom, 27. — Der deutsche Botschafter von Mackensen wurde nach seiner Rückkehr aus Berlin von Mussolini zu einer längeren Aussprache empfangen.

Berlin, 27. — Wie der „Dienst aus Deutschland“ mitteilt, beträgt die Zahl der protestantischen Kirchspiele in Deutschland 20.200

COLUMBUS

Saugbohrer-Besen und Staubsauger

Vier Modelle ...

MODELL III BS
(Der kombinierte Apparat)

Vier Qualitätsbegriffe

Modell V
Der ideale Bohrerbesen für den Haushalt

Modell I
Der grosse leistungs-fähige Bohrerbesen für grosse Flächen.

ALS BOHRER-BESEN bohrt er Parketten, Linoleum und saugt zugleich den Staub weg

Leicht auszu-wechseln!

Als STAUBSAUGER reinigt er Teppiche, Möbel, Vorhänge u. Polster

Keppeler & Cia.
CASA MENDE
Rua Conselheiro Crispiniano 79 - Telephon 4-7690



Ehe Sie

Teppiche, Bettvorleger, Läufer

kaufen, beachten Sie unsere
außerordentlichen Angebote!

Sonderangebot!



Wir bieten:

**bessere Qualitäten, größere Auswahl
billigere Preise**

Ladit-Teppiche aus Belour in ausge-
suchten Persermustern mit Abschluß-
fransen
50x100 cm.....nur **28\$000**
60x125 cm.....nur **47\$000**
80x160 cm.....nur **74\$000**
130x200 cm.....nur **145\$000**
160x230 cm.....nur **205\$000**
200x300 cm.....nur **350\$000**

Tournaay-Teppiche, hochflurig, aus
reiner Wolle, einfarbig mit Rand
in braun, grün, blau oder fraise
60x120 cm.....nur **58\$000**
90x180 cm.....nur **145\$000**
140x200 cm.....nur **235\$000**
200x250 cm.....nur **425\$000**
200x300 cm.....nur **500\$000**

Bettvorlagen
in großer Auswahl:
Handgewebt:
55x110, nur **35\$**
Haargarn:
60x120, nur **38\$**
Wolle:
45x90, nur **34\$**

Stragula-Teppiche,
der ideale Fußboden-
belag, dauerhaft, prak-
tisch, in mod. orient.
Mustern:
150x200, nur **63\$**
200x250, nur **108\$**
200x300, nur **126\$**

Bonolé-Läufer, mo-
derne Streifen:
45 cm br., nur **19\$5**
50 cm br., nur **23\$**
60 cm br., nur **25\$**
Einfarbig:
60 cm br., nur **31\$5**
70 cm br., nur **36\$**

Bonolé-Teppiche, besonders dauer-
haft, aus bestem Haargarn in mo-
dernen, farbrendigen Mustern
60x115 cm.....nur **37\$500**
120x200 cm.....nur **138\$000**
200x200 cm.....nur **230\$000**
200x250 cm.....nur **290\$000**
200x300 cm.....nur **345\$000**
240x340 cm.....nur **475\$000**

Afghan-Teppiche, hervorragende Wil-
ton-Qual. in Persermustern, ver-
schiedene Farbstellungen und Fransen
60x120 cm.....nur **82\$000**
140x200 cm.....nur **325\$000**
170x240 cm.....nur **475\$000**
200x300 cm.....nur **698\$000**
250x350 cm.....nur **1:025\$000**

Führend auf ihrem Gebiet

Teppich-Abteilung

Schädlich, Obert & Cia. Rua Direita 162-190

mit 16.000 Pastoren. Die evangelische Mis-
sion verfügt über 10.000 Fürsorgeeinrich-
tungen, an denen 47.860 evangelische Diakon-
sinnen, 4800 Diakone und 20.000 Wohlfahrts-
pflegerinnen tätig sind. Die staatliche Sub-
vention an die protestantische Kirche beträgt
70 Millionen Mark, zu denen noch 150 Mil-
lionen Mark an Beiträgen kommen. — Die
katholische Kirche in Deutschland zählt 48
Bistümer mit 11.000 Pfarchien (Amtsbezirke
der Geistlichen). Die Zahl der Orden und
Kongregationen im Altreich beträgt 8561 mit
13.800 Mönchen und 90.000 Ordensgeistlichen.
Der Staat unterstützt die katholische Kirche
mit 55 Millionen Mark, über die aus den
Kirchenbeiträgen einflussenden 120 Millionen
Mark hinaus.

Madrid, 27. — Der bekannte deutsche In-
dustrielle Fritz von Opel, der von den briti-
schen Behörden in Gibraltar von Bord des
italienischen Dampfers „Conte di Savoia“ her-
untergeholt wurde, soll wieder freigelassen
werden. Die Briten wollten angeblich bei Fritz
von Opel Dokumente gefunden haben, über
die er mehrere Aussagen machen sollte.

Newyork, 27. — Wie der Korrespondent
der „New York Post“ seinem Blatt aus Nor-
wegen schreibt, sei die strategische Vorberei-
tung und Ausrüstung des englischen Expe-
ditionskorps ausserordentlich mangelhaft. Er
habe gesehen, wie Soldaten ihr Material in
einige Autos verladen. Die meisten hätten den
Eindruck von Schuljungen gemacht. Einen ganz
anderen Eindruck habe er, der Berichtstater,
von den deutschen Truppen bekommen,
die Oslo eingenommen hätten und dabei mit
einer bewunderungswürdigen Genauigkeit und
Leistungsfähigkeit vorgegangen seien.

Berlin, 27. — Eine im „Reichsanzeiger“
veröffentlichte Erklärung stellt fest, dass die
Regierung Nygaardsvold den Kriegszustand
zwischen Norwegen und Deutschland geschaf-
fen habe, indem sie durch ihre Proklama-
tionen die gegenwärtigen Kämpfe hervor-
gerufen hat.

Stockholm, 27. — Wie „Stockholms Tid-
ningen“ mitteilt, hat eine deutsche Panzer-
abteilung mit mehreren Panzerwagen die Stadt
Roros ohne Kampf genommen. Täglich tret-
ten norwegische Soldaten über die schwedi-
sche Grenze, wo sie interniert werden.

Als Kriegsberichterstatter vor dem Feind gefallen

Berlin, 27. — Nach Mitteilung der Zeitung
der deutschen Schriftleiter, „Deutsche Presse“,
haben bisher 23 Kriegsberichterstatter, die als
Journalisten, Kameramänner, Pressezeichner
und Bildberichterstatter aktiv in den ersten
Reihen der Wehrmacht mitkämpften, den Tod
vor dem Feind gefunden. Diese Zeitungsmän-
ner sind alle in den verschiedensten Wehr-
machtsteilen militärisch ausgebildet und gehö-
ren den sogenannten Propagandakompanien an.
Sie berichten über Schlachten, Fernflüge und
Seegefechte stets nur aus eigenem Erleben.

Berlin, 27. — Wie aus einem amtlichen
deutschen Heeresbericht hervorgeht, haben die
ersten Zusammenstöße zwischen britischen
und deutschen Streitkräften in Norwegen am
22. April bei Lillehammer und Tretten statt-
gefunden. Die feindlichen Einheiten wurden
auseinandergetrieben und liessen bei ihrer
überstürzten Flucht Waffen und sonstiges
Kriegsgut zurück. Fast 200 Soldaten konnten
gefangenommen werden, darunter auch das
gesamte Kommando. Ausserdem fielen den
deutschen Truppen eine grosse Anzahl po-
litischer Dokumente und Schlachtpläne von
höchster Bedeutung in die Hände.

Berlin, 28. — Die deutsche Luftwaffe war
am heutigen Sonntag überaus erfolgreich. In
den Gewässern vor Trondheim erhielten zwei
englische Kreuzer Bombenvolltreffer; vier
Transportschiffe wurden gleichfalls schwer ge-
troffen.

Montevideo, 28. — Rund 1300 Angestellte
von 14 verschiedenen Firmen haben in der
„Tribuna Popular“ einen öffentlichen Protest
gegen die Machenschaften in Uruguay an
den Innenminister gerichtet. Darin wird be-
sonders die Tätigkeit englischer Agenten bei
der Kontrolle des uruguayischen Handels auf-
gedeckt. Der britische Handelsattaché Walsh
dirigiere diese Agenten. Gleichzeitig wird ge-
gen die antideutsche Haltung der uruguayi-
schen Presse protestiert.

Moskau, 29. — Wie in allen europäischen
Hauptstädten hat besonders in Moskau das
vierte deutsche Weissbuch nebst Enthüllungen
des Reichsaussenministers von Ribbentrop vor
dem diplomatischen Korps und der in- und
ausländischen Presse ein ungeheures Aufse-
hen erregt. Die Veröffentlichung über die
britischen Kriegsausweitungspläne, so betont
man, habe der britischen Propaganda und
ihrer vorgeschützten Phrase vom sogenannten

Schutz der kleinen Staaten endgültig den To-
desstoss versetzt.

Berlin, 29. — Die nördlich von Lilleham-
mer vorgehenden deutschen Truppen hatten
gestern schwere Gefechte zu bestehen. Die
Truppen der Alliierten und die Norweger
haben nach den Niederlagen der letzten Tage
an einigen Stellen starken Widerstand gelei-
stet. Von unterrichteter deutscher Seite heisst
es, dass in den nächsten Tagen zwischen Dom-
bas und Stoeren neue Gefechte bevorstehen,
nachdem es den Westmächten gelungen zu
sein scheint, in Andalsnes weitere Truppen
zu landen und sie auf der nach Osten füh-
renden Eisenbahnlinie in die Gegend von
Dombas zu transportieren.

Berlin, 29. — Italien hat seinen bisherigen
Berliner Botschafter, Professor Attolico, durch
den ehemaligen Unterstaatssekretär im Mini-
sterium für Propaganda und bisherigen Bot-
schafter beim Vatikan, Dino Alfieri, ersetzt,
der ein ganz überzeugter Verfechter der Ach-
senpolitik ist. In Rom und Berlin wird der
Berufung Alfieris gerade in diesen Tagen
eine grosse Bedeutung beigemessen. Attolico
hat die Botschafterstelle beim Vatikan erhalten.

Feindseligkeiten zwischen polnischen und englischen Offizieren in einem deutschen Gefangenenlager

Berlin, 30. — Beim Eintreffen einer Grup-
pe englischer Offiziere, die in Norwegen ge-
fangengenommen worden waren, in einem mit
polnischen kriegsgefangenen Offizieren besetz-
ten Lager in der Umgebung Berlins versuch-
ten die Polen die Briten zu verprügeln. Nur
durch das energische Eingreifen der deutschen
Wachmannschaften konnten die Polen von
ihrem Vorhaben abgedrängt werden.

Berlin, 3. — Der bisherige Landesgruppen-
leiter der AO Lettland, Esp, wurde zum Lan-
desgruppenleiter in Ungarn ernannt.

Mailand, 30. — Die italienische Marine hat
das neue 35.000 Tonnen grosse Schlachtschiff
„Vittorio Veneto“ von der Adria-Werft über-
nommen. Das Schiff läuft 30 Seemeilen und
hat eine Bestückung von 9 Geschützen zu
38,1 cm, 12 zu 15,2 cm und 40 Flakmaschi-
nengewehre sowie 40 Flugzeuge.

Berlin, 30. — Wie das Oberkommando der
Wehrmacht bekannt gibt, hat das norwegi-
sche Infanterieregiment Nr. 4 mit einer Stär-
ke von rund 2500 Mann nordöstlich Lille-
hammer die Waffen gestreckt. Bei Namsos
und Andalsnes wurden 6 Dampfer versenkt
und weitere schwer beschädigt. Am 29. April
haben die deutschen Truppen den Feind an
allen Stellen geschlagen und rücken weiter
auf Dombas und Trondheim vor. Von gross-
er strategischer Bedeutung ist die Verein-
gung der von Oslo über Tynset in nördli-
cher Richtung vorgestossenen deutschen Trup-
pen mit den von Trondheim nach Süden
vorgerückten, die sich südöstlich von Stoeren
trafen. Damit ist die Landverbindung zwi-
schen Oslo und Trondheim hergestellt.

Amsterdam, 30. — In immer stärkerem
Masse verlassen die Juden England, da sie
sich dort nicht mehr sicher genug fühlen.
Zunächst suchen sie sich in Irland häuslich
einzurichten.

Hoherfreut zeigen wir die
Geburt unserer Tochter

Charlotte
an

**Alda Maximiliano Freudenfeld
Rudolf Armin Freudenfeld**

Rio, den 24. April 1940

Bund der schaffenden Reichsdeutschen São Paulo

„Ein Kerl, der spekuliert“ von Dietrich Eckart

Mit der Darstellung dieser Komödie, die
in meisterhafter Weise den spekulierenden
Spiessbürger der geschichtlichen Niedergangs-
zeit Deutschlands nach dem Weltkrieg an
den Pranger stellt, hat die Theaterspielschar
des BdsR unter Leitung von Werner Krause
ihre erfolgreiche Tradition wieder aufgenom-
men. Nach dem letzten Ausflug in die klas-
sische Welt der Perücken, der Reifröcke und
gepuderten Hofmarschälle, wie sie uns Schil-
lers unsterbliches Bühnenwerk „Kabale und
Liebe“ bot, vermittelte die Inszenierung der
ebenso lehrreichen wie unterhaltsamen Hand-
lung um Eckarts Hauptfigur, den Berliner

Mollentyp Lukas Pranke, eine Fülle von satirisch-geisselnden, bitterwitzigen und dann wieder fast humorvoll leicht hing gesprochenen Lebensweisheiten, die auch nach 30 Jahren noch nicht ganz verjährt sein werden. Es wurde flott und mit überzeugendem Schwung gespielt. Die einzelnen Rollen waren bis auf

einige Geringfügigkeiten geschickt verteilt. Eine kurze Charakterisierung wird im Nachtragsbericht erfolgen, da das am Vorabend des 1. Mai aufgeführte Stück an diesem Sonnabend noch eine zweite Aufführung erlebt. Auch dieser Wiederholung ist ein ausverkaufter „Lyra“-Saal zu wünschen. ep.

Maifeier haben am Gelingen gleichgrossen Anteil. Der am Abend einsetzende Regen konnte in keiner Weise der frohen Festgemeinde,

die sich vielfach an Gemeinschaftstischen einzelner Betriebe vorbildlich entwickelt hatte, Abbruch tun. ep.

1. Mai-Feier der Deutschen in S. Paulo

Dem Aufruf des deutschen Generalkonsuls zur Feierstunde am Vormittag des „Tag der Arbeit“ hatten die deutschen Volksgenossen in einem überaus zahlreichen Masse Folge geleistet. Schon von 8 Uhr früh an waren die Strassenbahnwagen der Canindé-Linie (leider ohne verstärkten Verkehr) mit festlich vorbereiteten Menschen überfüllt, deren ersichtlich frohe Stimmung und Unterhaltung die Freude über die Erfolge der deutschen Truppen in Norwegen widerspiegelte. Sinnige Freude und Feierlichkeit kennzeichneten auch die einstündige Frühveranstaltung, welche von Generalkonsul Dr. Molly mit dem Hinweis eröffnet wurde, dass in Anbetracht der Absage aller offiziellen Feiern in der Heimat auch die Deutschen im Ausland nur im gemeinschaftlichen Gedenken an die Bedeutung des Tages am 1. Mai sich zusammengefunden haben. Das Programm der Feierstunde wurde von dem in Brasilien allseits bekannten Fritzsche-Quartett und dem Männerchor der „Lyra“ bestritten. Sie begann mit der brasilianischen Nationalhymne und schloss mit einer kurzen Ansprache des Reichsvertreters, in welcher dieser die unbedingte Zuversicht der Auslandsdeutschen in den Sieg des deutschen Volkes um seinen ihm gebührenden Platz in dieser Welt zum Ausdruck brachte. Im Sieg-Heilgruss an Führer und Vaterland und in den Nationalhymnen des deutschen Volkes klang diese im würdig geschmückten Saal des DTD

durchgeführte Veranstaltung aus. — Der Nachmittag stand im Zeichen eines Volksfestes, wie es die deutsche Kolonie São Paulos schon seit Jahren nicht mehr erlebt hat. Dank einer planvollen Organisation waren alle Vorbereitungen geschaffen, um den Ansturm von etwa 8000 Teilnehmern in glänzender Weise zu bewältigen. Zunächst war für alle Besucher genügend Eintopfessen (Erbsen und Speck) gekocht worden, alsdann waren Tische und Stühle mit weitgehenden Ueberdachungen, besonders gegen den am Abend einsetzenden Gewitterregen vorhanden, und schliesslich hatte man alles aufgebaut, was nun einmal zu einem richtigen Volksfest gehört. Der mit 2 gewaltigen deutschen und brasilianischen Flaggen und einem Maibaum geschmückte Platz wies am Spätnachmittag mit der Fülle der grossen und kleinen Besucher, die selbst aus den weitestgelegten Vororten gekommen waren, ein eindrucksvolles Bild auf. Wir werden im einzelnen auf diese Festausschnitte in der nächsten Bild-Berichterstattung zurückkommen. Es sei heute zum Schluss nur vermerkt, dass der Reinertrag zugunsten der sozialen Hilfstätigkeit der deutschen Kolonie recht beträchtlich ist. Der DTD, seine aktiven Sportler und Sportlerinnen, die Mädeltanzgruppe des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen, alle freiwilligen Helfer, aber ebenso jeder einzelne Besucher dieser

Zu den
Mahlzeiten...



Ganz gleich ob zum Frühstück oder zum Abendbrot. Trinken Sie zu Ihren Mahlzeiten das vorzügliche

Malzbier da Brahma

MALZBIER DA BRAHMA ist Ihrem Organismus dienlich, jederzeit, zu jeder Stunde.



Resultados brilhantes e decisivos - para quem?

Amsterdam, 2 (T.-O.) — O sr. Chamberlain anunciou ao meio dia de hoje, na Camara dos Communs, a retirada de todas as tropas britannicas do territorio de Andalsnes. A retirada teve lugar depois da decisão tomada na ultima semana pelos Alliados, pois a occupação de Trondheim, oeste e sul, torna impossivel novas açções dos soldados expedicionarios inglezes, pois todos os terrenos são accidentados e abruptos. Os feitos des-

ses soldados, entretanto, ficarão gravados na historia. Nunca a guerra de movimentos produziu resultados mais brilhantes e decisivos.

Amsterdam, 2 (T.-O.) — O sr. Chamberlain, falando na Camara dos Communs, adiantou que uma frota de combate aliada, composta de cruzadores e barcos auxiliares, que se encontra na parte oriental do Mediterraneo, viaja para Alexandria.